



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

LARISSA DE MENEZES ALVANHAN

POÉTICAS DE TERREIRO:
UMA CARTOGRAFIA ANCESTRAL COM O YLÊ AXÉ ÒPÓ
OMIM

Londrina
2023

LARISSA DE MENEZES ALVANHAN

POÉTICAS DE TERREIRO:
UMA CARTOGRAFIA ANCESTRAL COM O YLÊ AXÉ ÒPÓ
OMIM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Panis Kaseker

Londrina
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

Alvanhan, Larissa de Menezes .

Poéticas de terreiro : Uma cartografia ancestral com o YIê Axé Òpó Omim / Larissa de Menezes Alvanhan. - Londrina, 2023.
146 f.

Orientador: Mônica Panis Kaseker.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2023.

Inclui bibliografia.

1. cartografia ancestral - Tese. 2. filosofia nagô - Tese. 3. candomblé - Tese.
4. comunicação decolonial - Tese. I. Panis Kaseker, Mônica. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. III. Título.

CDU 316.77

LARISSA DE MENEZES ALVANHAN

POÉTICAS DE TERREIRO:

UMA CARTOGRAFIA ANCESTRAL COM O YLÊ AXÉ ÒPÓ OMIM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Londrina - UEL, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Panis Kaseker
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Marcos Rodrigues Aulicino
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Reginaldo Moreira
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 04 de dezembro de 2023.

AGRADECIMENTOS

Esse processo cartográfico ancestral em comunicação não seria possível se não fosse o meu encontro com os orixás, a ancestralidade e a minha Comunidade Tradicional de Matriz Africana, o Ylê Axé Òpó Omim. Início, então, proferindo meus mais sinceros agradecimentos a minha mãe de santo, Mãe Omin, responsável por me tornar filha de santo no Ylê, me mostrar a importância dos orixás e da ancestralidade na minha vida. Motumbá, minha mãe!

Agradeço imensamente a todos os orixás e a minha ancestralidade!

Laroyê!

Kao kabecile!

Oraieieu!

Obrigada, Vovó Ziza e Vovô Hélio, por todo o amor, carinho e entrevista concedida a esse trabalho!

Agradeço imensamente a Exu por ter me colocado nas encruzilhadas da vida nas trajetórias da minha orientadora, Dra. Mônica Panis Kaseker! Não tenho palavras para expressar meus mais sinceros agradecimentos a você!

Obrigada, mama e papa! Sem vocês nada disso seria possível, a vida! Agradeço imensamente a papai Xangô e a mamãe Oxum por ter você como minha mama e você como meu papito! Obrigada pela vida, amor, cuidado e apoio que vocês me dão nessa espiral de vivências chamada vida!

Agradeço de todo o coração o apoio, suporte e amor de minha companheira Tayla nas horas felizes e tristes dessa pesquisa. Obrigada, também, por suas lindas ilustrações que compõem esse trabalho.

Obrigada, Tio Zé, por ser meu grande mentor, apoiador e incentivador aos estudos acadêmicos.

Agradeço aos atravessamentos e afectos vindos dos professores da banca, ao Ogan e Dr. Marcos Aulicino e ao Dr. Reginaldo Moreira.

Obrigada, professoras e professores da PPGCom UEL, em especial a querida Dra. Márcia Neme Buzalaf.

Obrigada, amigues que o mestrado me presenteou, Truffa, Bruno, Beatriz, Franciele, Leiliani, Sebastian e a querida professora Dra. Flávia Carvalhaes.

Obrigada, Tia Rita, pelo apoio nessa reta final da dissertação!

Obrigada, amigues Mestizzers, pelo apoio e carinho nessa trajetória.

Agradeço imensamente a minha psicóloga Ana por todo suporte emocional nessa trajetória de pesquisa.

Obrigada, Carol e Zenaide, minhas queridas amigas, por toda a ajuda e apoio.

Obrigada, minha irmã Rha, meu sobrinho Mig, cunhada Mayara, Tia Ju, Tia Alda, Tia Raquel, primas e primos e minha querida amiga e boadrasta Andrea.

Obrigada, minhas irmãs de santo e amigas Ana Anunciação, pelo seu apoio na trajetória de revisões textuais, Ana Paula e Egbomi Eddie pelo suporte e carinho de sempre.

Motumbá a toda Família Ylê Axé Òpó Omim, em especial a Mãe Odé, Iyazinha de Oxum e Pai Jorge!

É a comunicação, a linguagem atuante, transcendente plena de poder, corrente viva que, dramatizada no rito, confere existência na diáspora ao pacto neo-africano em que um difícil e pertinaz coexistir, dialético e plural no conglomerado brasileiro. (Deoscóredes M. dos Santos, Mestre Didi, e Juana Elbein dos Santos, 1993, p. 51)

RESUMO

ALVANHAN, Larissa de Menezes. **Poéticas de terreiro**: uma cartografia ancestral com o Ylê Axé Òpó Omim. 2023. 146. Trabalho de Conclusão de Curso Mestrado em Comunicação – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

Esta pesquisa propõe uma cartografia ancestral, como desdobramento de uma cartografia sentimental, nos termos propostos por Suely Rolnik. Trata-se de um trabalho epistemológico decolonial que acontece nas encruzilhadas das espirais temporais do orixá Exu com e através da Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ylê Axé Òpó Omim. Por meio do contato com a minha ancestralidade materna e paterna, assim como, com os ancestrais ilustres do Ylê, temas como memória, fabulação, identidades raciais, filosofia nagô, pensamento afrodiaspórico, fotografia e acervo arquivístico de candomblé, dançam em um contínuo movimento anti-horário do Xirê Ancestral. Aqui os orixás Xangô e Oxum são invocados nas discussões e lutas epistemológicas por modos e vivências disruptivas, tendo como base as reflexões da matripotência presente no pensamento Oxunista. Os conhecimentos ancestrais de minha mãe de santo, Mãe Omin, fundadora e matriarca do Ylê Axé Òpó Omim, constituem-se, também, como base estruturante deste trabalho. A indagação que move essa pesquisa se refere a como as ancestralidades e as identidades culturais de terreiro expressam-se e refletem-se no acervo fotográfico arquivístico do Ylê, tornando-o um objeto de memória e de continuidade dessa Comunidade Tradicional de Matriz Africana. Propõe-se uma pesquisa decolonial nas lutas por outras vivências e epistemologias, a fim de ser e trazer a ancestralidade para o centro das discussões acadêmicas. As conclusões deste trabalho vislumbram a importância da preservação da memória de terreiro pelo acervo arquivístico de fotografias, além de despontar para a abertura epistemológica e a continuidade das pesquisas decoloniais em comunicação no contato com pensamento nagô afrodiaspórico. Portanto, *Poéticas de terreiro: uma cartografia ancestral com o Ylê Axé Òpó Omim* é pensamento decolonial em contínuo movimento espiralado anti-horário, contra-hegemônico e político, que se dá nas e por meio das encruzilhadas epistemológicas.

Palavras-chave: cartografia ancestral; filosofia nagô; candomblé; comunicação decolonial; pensamento afrodiaspórico.

ABSTRACT

ALVANHAN, Larissa de Menezes. **Poetics of terreiro: an ancestral cartography with Ylê Axé Òpó Omim.** 2023. 146. Trabalho de Conclusão de Curso Mestrado em Comunicação – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2023.

This study puts forth an ancestral cartography as an expansion of a sentimental cartography in the terms proposed by Suely Rolnik. This is a decolonial epistemological work that takes place at the crossroads of the temporal spirals of the orixá Exu with and through the Traditional Community of African Origin Ylê Axé Òpó Omim. Through contact with my maternal and paternal ancestry, as well as with Ylê's illustrious ancestors, themes such as memory, fables, racial identities, Nagô philosophy, Afrodiasporic thought, photography and Candomblé archival collection, dance in a continuous counter-clockwise movement of the Ancestral Xirê. Here the orixás Xangô and Oxum are invoked in discussions and epistemological struggles through disruptive means and experiences, based on reflections of maternal power present in Oxunist thought. The ancestral knowledge of my mãe de santo, Mãe Omin, founder and matriarch of Ylê Axé Òpó Omim, also constitute the structural basis of this work. The question that drives this research refers to how the ancestries and cultural identities of the terreiro are expressed and reflected in Ylê's archival photographic collection, making it an object of memory and continuity of this Traditional Community of African origin. A decolonial study is proposed of the struggles for other experiences and epistemologies in order to become and bring ancestry to the center of academic discussions. The conclusions of this work foresees the importance of preserving the memory of the terreiro through the archival collection of photographs, in addition to highlighting the epistemological opening and continuity of decolonial research in communication dealing with Afrodiasporic Nagô thought. Therefore, *Poetics of terreiro: an ancestral cartography with Ylê Axé Òpó Omim* is decolonial thought in a continuous counter-clockwise, counter-hegemonic and political spiral movement, which takes place at and through epistemological crossroads.

Key words: ancestral cartography; Nagô philosophy; Candomblé; Decolonial communication; Afrodiasporic thought.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Proteção	13
Figura 2 - Mapa artístico da Costa da Mina.....	32
Figura 3 - Matrilinearidade	42
Figura 4 - Ancestralidade Materna	53
Figura 5 - A construção do Palácio de Mamãe Oxum	63
Figura 6 - A herdeira	64
Figura 7 - Vó e neta: Mães	65
Figura 8 - Saída de Santo de Mãe Odé	66
Figura 9 - Mãe Odé	67
Figura 10 - Mãe Omin	68
Figura 11 - Oxum Opará	69
Figura 12 - Oxum Opará	70
Figura 13 - Ylê Axé Òpó Omim.....	71
Figura 14 - Portal para o Sagrado.....	78
Figura 15 - Xirê de Oyá.....	81
Figura 16 - Pawó	82
Figura 17 - Rum de Opará	85
Figura 18 - Rum de Oxóssi	86
Figura 19 - Rum de Oxum	87
Figura 20 - Nos braços do Órun	88
Figura 21 - Ajeum	89
Figura 22 - Acolhida de Agbá	90
Figura 23 - Devoção	91
Figura 24 - Amostragem do acervo audiovisual.....	95

SUMÁRIO

1	PERCEPÇÕES EM (IM)PERMANÊNCIAS	13
2	XIRÊ DECOLONIAL	18
2.1	(Des)Construção.....	19
2.2	Descolonizar-se em encruzilhadas.....	22
2.3	Raça.....	25
2.4	Memória.....	27
3	PORTAL	29
3.1	Filosofia Nagô.....	30
3.2	Comunidade.....	35
3.3	Ylê Axé Òpó Omim.....	41
3.4	Família Ancestral.....	52
4	XIRÊ ANCESTRAL	60
4.1	Continuidade.....	62
4.2	Vivências de uma Iyawo.....	72
4.3	Memória de uma Iyawo fotógrafa.....	76
4.4	Conservar, viver, permanecer.....	93
5	EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM COM A PEDRA QUE ATIROU HOJE	101
	REFERÊNCIAS	105
	APÊNDICE A	109
	APÊNDICE B	123
	ANEXO	141

Figura 1: Proteção



Fonte: Arte de Tayla Silla, 2023. Acervo pessoal.

1. PERCEPÇÕES EM (IM)PERMANÊNCIAS

Nessa cartografia, abordarei enquanto epistemologia ancestral a potência, vitalidade e energia do orixá Xangô, o obá, rei, de Oió e meu orixá de cabeça, como fundamentação. Muitos são os itans¹ sobre essa divindade do trovão e senhor da justiça. Xangô foi o quarto Alafim, senhor do palácio, obá de Oió e das grandes cidades iorubás. Em uma sociedade ágrafa, as histórias e tradições, para não serem perdidas, se misturavam à mitologia desses povos. Portanto, relações de temporalidade, falso e verdadeiro, perdem sua significativa importância.

Um fator bastante interessante ligado a esse orixá é que sua queda do reino no século XVIII está intrinsecamente ligada ao enfraquecimento dos povos iorubás e o processo de escravização por outras nações africanas e diáspora deles para as Américas no século XIX, em particular para o Brasil.

Falar sobre Xangô é lembrar que a constituição da hierarquia do Candomblé, algo brasileiro, se faz semelhante à construção que se dava no palácio de Oió, com a figura do Alafim e os postos hierárquicos políticos e sociais. Nas roças de Candomblé espalhadas pelo Brasil, a base fundante é a tradição, que se faz por meio da hierarquia e pelo respeito às mesmas. Simbolicamente, os Ylês, casas de Candomblé, são uma “mini” constituição de Oió.

Além da energia de Xangô, invoco Oxum, filha de Iemanjá e Orunmilá, para fazer parte também desta cartografia ancestral. Ela se faz presente em uma escrita como a cadência de um rio, através da beleza, força e dos encantamentos da poesia que escrevo e lhe dedico. Chamo Oxum, meu Orixá de juntó (Orixá que se faz presente junto ao de cabeça), para estar nesta dissertação, a fim de perfumar, fortalecer e lutar pela presença espiralada decolonial desta cartografia como base da presença e da força das matripotênicas das Iyas, as nossas Mães Ancestrais. Sobre essa matripotência ancestral africana, sigo pelos caminhos epistemológicos traçados pela pesquisadora oxunista nigeriana, Oyèrónké Oyěwùmí, no que tange sobre a força e presença das mães nas sociedades iorubás não generificadas. Esta, portanto, é a base fundante dessa dissertação cartográfica ancestral, a figura da Mãe, da Iya e da Iyalorixá Mãe Omin da Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ylê Axé Òpó Omim enquanto força ancestral.

¹ Itans - são as histórias da cosmogonia Iorubá.

O procedimento metodológico que utilizarei será a criação de uma cartografia ancestral, a qual é atravessada pelos afectos impulsionados pela cartografia sentimental desenvolvida pela filósofa e escritora brasileira Suely Rolnik. A partir dessas afetações, surgiu em mim a necessidade de criação de uma metodologia que invoque os meus ancestris ilustres, meus mortos familiares; como também meus ancestrais vivos, meus avós maternos e os ancestrais da minha família de Axé, o Ylê Axé Òpó Omim. Essa Comunidade Tradicional de Matriz Africana foi fundada em 1988 na área periférica do Conjunto Maria Cecília em Londrina, PR. Ela é a primeira comunidade Nação Ketu da cidade, constituindo também, a roça de candomblé mais antiga em continuidade em Londrina. Pretendo, por meio dessa dissertação em cartografia ancestral, trilhar uma epistemologia decolonial que una o academicismo brasileiro, com os pensamentos afrodiáspóricos e as bases Nagôs de Candomblé. Serão 10 fotografias do acervo da Comunidade Tradicional de Matriz Africana, o Ylê Axé Òpó Omim, que utilizarei enquanto processos de imaginações e fabulações da memória ancestral da minha mãe de santo, a Mãe Omin. Também farei uso desse método para obter informações de meus avós maternos, a fim de criar pontes e pinguelas transatlânticas rumo a minha ancestralidade africana.

A fotografia carrega em si possibilidades inesgotáveis de tempo, continuidade de uma comunidade, memória, histórias e fabulações, sendo um dispositivo ativador de ancestralidades afetivas. Poderia tomar várias teorias acerca da imagem, principalmente da fotografia, mas aqui vou seguir os passos de dois pesquisadores da imagem fotográfica. Segundo Adair Felizardo e Etienne Samain, a fotografia é um grande aparato para a rememoração, revelando as lembranças, sendo estas, constituintes da memória. “Assim como a fotografia, a memória também recria o ‘real’. Portanto *fotografia é memória* e com ela se confunde. É o que nos permite viver”. (Felizardo; Samain, p. 218, 2007. Grifos dos autores). A partir destas ideias, farei uso das fotografias para desencadear as lembranças afetivas ancestrais e memórias da minha Mãe de Santo, Mãe Omin, como também do Vovô Hélio e da Vovó Ziza.

Outro procedimento metodológico por mim criado nesta cartografia ancestral é o *ObserVer*, o observar e olhar a fotografia enquanto momento de imaginação e fabulação da memória. Nesse método, estarei atenta às fugas, as lacunas, ao imaginado, ao fabulado, ao criado, ao corpo que é afetado ao observar e ver essas

imagens com todos os poros abertos à experiência ancestral. Aqui o tempo é espiralado, lógica apresentada por Martins (2021), onde presente, passado e futuro se convergem na criação de oralidades imagináveis e imaginárias. Não estou em busca da verdade, do que realmente aconteceu, mas das possibilidades que a fotografia pode abrir para a memória fabulada, imaginada e (re)criada. Essas fotografias constituem as histórias cartográficas presentes nas (Im)Permanências “Portal” e “Xirê Ancestral”.

Nesta cartografia ancestral, minha matriarca, Mãe Omin, coorientadora deste trabalho, Doutora Honoris Causa pela Faculdade Formação Brasileira e Internacional de Capelania e a Ordem dos Capelães no Brasil (OCB), título a ela outorgado em Curitiba, PR, em março de 2023, se faz também presente enquanto fonte de conhecimento. Seus ensinamentos aqui nesta escrita são tão importantes quanto os de autores consagrados da comunicação, da filosofia e da antropologia, pois o movimento epistemológico decolonial considera o conhecimento de mundo advindo dos sujeitos sociais marginalizados e racializados pelo massacre de vidas e de pensamentos dos processos colonizadores do norte global.

No Candomblé, há uma grande questão do respeito ao que se escreve. Vinda de uma cultura ágrafa, o conhecimento ocorria através da oralidade. Mas há bastante tempo essas culturas são gráficas e utilizam a escrita para anotações de receitas, itans, cantigas e outros afazeres cotidianos. Mas sempre existe a questão: o que é segredo, awô? O que podemos tornar público? O que é awô para uma roça, pode não ser para outra.

Sobretudo, para mim se faz de extrema importância o constante diálogo com a minha matriarca sobre essa cartografia ancestral. A escolha das imagens e conteúdos que permeiam esse trabalho passaram pela conferência e aprovação de minha Mãe de Santo, pois sendo ela a representação máxima da hierarquia de minha família espiritual, o Ylê Axé Òpó Omim, devo respeito às tradições e permanências dos awôs em minha casa.

A opção por realizar uma dissertação cartográfica ancestral sobre o meu Ylê ocorreu pela urgência de fazer um trabalho acadêmico contra-hegemônico e decolonial, sendo uma ruptura política e epistemológica às correntes coloniais que sofremos ainda hoje em território brasileiro. Tratando-se sobretudo de um terreiro de Candomblé localizado na Região Sul do Brasil, solo fortemente marcado pelo o embranquecimento da raça brasileira nos séculos XIX e XX com a vinda de colonos

européus. Invocar Xangô e Oxum para fazer parte desta escrita é um desafio de encontro com a minha própria decolonialidade de corpa² ancestral e dissidente, sendo, portanto, um enfrentamento ético, racial e de gênero.

A pesquisa passou pela aprovação do Comitê de Ética, o qual possui o CAAE nº 73518823.7.0000.5231 e o Número do Parecer 6.298.503. O trabalho é constituído por 3 (Im)Permanências e 12 Contas. As “(Im)Permanências” são os locais em que você ficará por um tempo e logo se vai. É a fluidez da pausa de uma travessia e também um momento de descanso da jornada ancestral. As “Contas” são os caminhos em encruzilhadas, local que as memórias e fabulações ancestrais se (entre)cruzam e abrem novas travessias possíveis de encontros e afetações. A escolha desse número de “Contas” não é um fator aleatório, 12 é o número de Xangô, meu pai e meu Orixá de cabeça.

A primeira (Im)Permanência, intitulada como “Xirê Decolonial”, inicia a circunferência do rito epistemológico ancestral decolonial dessa cartografia. Ela abordará temas relevantes nas discussões decoloniais sobre memória, raça, etnia e encruzilhadas. A segunda, (Im)Permanência, “Portal”, é a entrada para a minha Comunidade Tradicional de Matriz Africana, o Ylê Axé Òpó Omim. Nesse momento as discussões serão acerca do pensamento oxunista e decolonial sobre ancestralidades e a filosofia Nagô presente nas Comunidades de Candomblé. A terceira (Im)Permanência, “Xirê Ancestral”, fecha a circunferência do rito desta dissertação cartográfica ancestral. Os temas tratados serão a fotografia documental, poética, ancestral e antropofágica de Candomblé, assim como a importância da preservação da memória, da continuidade e do acervo histórico do Ylê enquanto uma comunidade viva e em transformação, mas fincada em suas raízes as tradições e as bases hierárquicas. Por fim, a última (Im)Permanência “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje” aborda aspectos conclusivos sobre o acervo arquivístico de fotografia do Ylê Axé Òpó Omim enquanto um local de memória e continuidade de uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana.

² Nesse texto utilizo a palavra “corpa” enquanto posicionamento político contra o sistema cisnormativo, heterossexual, patriarcal e branco. A academia brasileira é marcada pela presença colonial tanto nas correntes epistemológicas como também em seus epistemicídios em corpos dissidentes, como em pessoas não brancas e nas populações LGBTQIAPN+. Esta dissertação, portanto, tem como intuito referendar e referenciar as lutas destas singularidades por igualdades de direitos e vivências. Utilizarei, também, em muitos momentos a “neolinguagem” enquanto minha posição política de inclusão de pessoas não binárias neste trabalho acadêmico.

Desapertem os cintos e as fivelas
Soltem as correntes coloniais
Deixem os corações livres
Abertos os pensamentos
Lancem-se em queda livre
rumo as encruzilhadas decoloniais

A trajetória são as pinguelas
pedregulhos
pontes transatlânticas
e claro
as fabulações

Você não está sozinho
Exu permitiu a entrada
Xangô te conduzirá
e Oxum te afagará nas lutas e enfrentamentos epistemológicos

O caminho decolonial pode até ser longo
mas garanto que será belo

E seja muito bem-vinde
a essa cartografia ancestral!

2. XIRÊ³ DECOLONIAL

Um passo fundamental para a busca da descolonização de nossas lógicas de conhecimento implica perceber que a colonização persiste, não é algo do passado e, portanto, nossas ferramentas conceituais muitas vezes estão comprometidas com essas lógicas de conhecimento coloniais. (Nascimento, 2021, p. 395).

Giro decolonial foi um termo cunhado inicialmente por Nelson Maldonado-Torres em 2005, enquanto um movimento contrapolítico às lógicas epistemológicas da modernidade/colonialidade. Esse movimento se desenvolve na América Latina, diferenciando-se do pensamento pós-moderno e da pós-colonialidade que se estabeleceu nas universidades europeias, a partir de autores como Michel Foucault, Jacques Lacan, Jacques Derrida, Edward Said, Gayatri Spivak e Hommi Bhabha. Para Walter Dignolo, o pensamento decolonial não se limita a indivíduos, mas das lutas e movimentos sociais advindos principalmente de indígenas e afrodescendentes. O movimento do giro decolonial do Grupo Modernidade/Colonialidade não desconsidera o pensamento do norte global, mas o insere uma nova epistemologia não da negação, mas da diferenciação e das especificidades, considerando outros modos de ser e de saber.

Nesta (Im)Permanência, pretendo, por meio das quatro Contas seguintes, criar um Xirê Decolonial, sendo inclusive um movimento de ação epistemológica da crítica da Luciana Ballestrin em seu texto “América Latina e o giro decolonial”, em que salienta a não presença de pesquisadoras e pensadores brasileiros no Grupo Modernidade/Colonialidade. Um Xirê decolonial, um giro decolonial que se dá através da experiência afrodescendente brasileira de Candomblé, um sankofa⁴ rumo ao seu eu africano e ancestral.

As quatro Contas ((Des)Construção”, “Descolonizar-se em encruzilhadas”, “Raça” e “Memória”), envolvidos na (Im)Permanência “Xirê Decolonial” pretendem ser um lugar de luta epistemológica decolonial e de resistência política do saber acerca dos povos de terreiro, em especial do Ylê Axé Òpó Omim. Muitos são os Terreiros de Candomblé brasileiros e não é meu objetivo tratar sobre Candomblé

³ Xirê no candomblé é a louvação aos orixás que ocorre em forma de espiral e em sentido anti-horário.

⁴ Sankofa - pássaro mítico africano dos povos Akan e Axantes, da atual Gana. Tem seu desenho representado com o corpo voltado para a direita “para frente” e a cabeça virada para a esquerda “para trás”, trazendo dentre as suas simbologias a volta, o retorno, para aprender com os antepassados as suas origens, levando esses ensinamentos consigo para o presente e rumo ao futuro. O Sankofa não permeia o imaginário Nagô, no entanto, faz parte de um sentido mais global de afirmação afrodiaspórica sendo um dos símbolos de lutas do Movimento Negro brasileiro.

enquanto uma noção generalista, mas sim em sua singularidade que se dá através da beleza dessa potência de ser o primeiro Ylê Nação Ketu e a casa de Candomblé mais antiga em continuidade em território londrinense.

Rodas

Voltas

Giros

Encontros

Retornos ancestrais

caminhos para um Xirê Decolonial

2.1 (Des)Construção

Cartografia ancestral. Eita coisinha estranha com grandes aparências antiacademicistas. Já tive uma breve experiência da cartografia sentimental proposta pela Suely Rolnik, na especialização, em estudos de comunicação e video mapping. Agora no mestrado, achei impossível seguir esse caminho epistemológico rumo a criação da metodologia da cartografia ancestral. Mas cá estamos nós outra vez, com medo e muitas incertezas. Olhar sobre minha história, trajetória, ancestralidades e ainda ler os autores da comunicação ou seria os autores me lerem? Estudos decoloniais é a proposta, enquanto uma epistemologia oxunista da matripotência ancestral africana⁵, seguindo os pensamentos decoloniais de Wanderson Flor do Nascimento. Mas como, nesse “corpinho” colonial e branco? Pois é, sou uma branca candomblecista, gorda, sapatan e com longuíssima tradição cristã.

Em tempos de sequestro da matripotência africana, *Iyá Oxum* aparece como um importante signo descolonizador, nos convocando a nos posicionarmos como herdeiras de sua progenitura, aprendendo com o passado, para transformar o presente. Não se trata de uma idealização do passado, mas de, estrategicamente, assumirmos nossa ancestralidade como presente em nós, apesar de todas as tentativas coloniais de borrá-la. Nesse contexto, o pensamento oxunista é, sempre, uma reivindicação ancestral. (Nascimento, 2021, p. 394).

Este processo cartográfico surge, então, após um grande período debruçada sobre estudos coloniais de imagem, estudos culturais, Candomblé, comunicação, Aby Warburg e seu Atlas Mnemosyne e produção de sentido. Mas como dizem, a

⁵ Para ampliar o conceito da matripotência ancestral africana em território brasileiro, assistir ao filme “Cidade das Mulheres” de Lázaro Faria.

vida tem suas próprias trajetórias! A vida não, Exu é o nome, o Orixá que se apresenta nas encruzilhadas, na comunicação, nas potências, no sopro de vida. E nesses caminhos com altos, baixos, pedregulhos, pontes, pinguelas, barro, oceano, me entreguei e confiarei nos processos da caminhada pelas encruzilhadas desta pesquisa.

Pretendo a partir deste processo descolonizar a minha vida. Como farei isso? Proponho a metodologia de uma cartografia ancestral. Me é pulsante o sentimento de falar de questões sobre ancestralidade, memória e acervo de Candomblé, em específico da comunidade em que faço parte, o Ylê Axé Òpó Omim em Londrina, PR. Sim, sou branca, da classe média interiorana brasileira. Recorte e reconhecimentos necessários neste processo cartográfico ancestral. Então, as primeiras (Des)Construções latentes: qual o papel da branquitude frente à luta antirracista no Brasil? O que é ser uma branca brasileira antirracista?

Olho meus narcisismos, meus medos e minhas projeções sobre o negro em busca de minhas próprias raízes ancestrais. Pouco sei de minha ancestralidade africana, fruto de um processo colonizador e do próprio branqueamento em minha família materna, em que a memória sofre apagamentos frequentes. Sou branca. O que faz uma branca no candomblé? Ancestralidade. Mas só essa questão não me basta. Um chamado. Tampouco permaneço aqui. Um orixá. Um não, todos. Faço então, um ebó⁶ epistemológico, a fim de tensionar as fronteiras e barreiras acadêmicas coloniais através dos pensamentos decoloniais de terreiros. Invoco, então, Xangô, meu Orixá de cabeça, fogo, senhor da justiça e do trovão para fazer parte desta escrita cartográfica ancestral.

Xangô, o senhor do saber da justiça e da política de condução do homem em sociedade, dono do saber do poder, do governo de sociedades e toda a sorte de sociedade. Representa a sociedade organizada, com justiça social. Senhor do saber do fogo e dos raios. (Marinho, 2010, p. 165).

Começo, então, esta jornada, rumo ao desconhecido em mim mesma, em minha família, atrás dos porquês, dos meandros, das jornadas e travessias pelo Atlântico. Diásporas. Sim, plural. Sou fruto da diáspora africana, dos povos originários e também da recolonização europeia no Brasil. Sou branca, sim, de pele e privilégios, advinda do branqueamento sistemático que ocorreu no Brasil após quatro séculos de escravidão. Branquearam-me a pele; a religião familiar, o

⁶ Ebó no Candomblé pode ser tanto uma limpeza espiritual, como também uma oferenda aos Orixás.

catolicismo; e com esse processo me trouxeram o privilégio de ser uma branca brasileira.

Nesse processo cartográfico, busco a decolonialidade para além de um processo metodológico. Utilizo-a enquanto um caminho que se faz nas encruzilhadas da vida, para enfim, chegar na história de minha família espiritual, o Ylê Axé Òpó Omim, às minhas matriarcas e aos 35 anos de existência dessa Comunidade Tradicional de Matriz Africana regida pelo amor de uma grande mãe como Oxum, enquanto espaço de caminho espiritual, comunidade e de luta antirracista.

Oxum, o saber da sedução feminina, da gestação e do erotismo, reconhecida como senhora da astúcia, da riqueza, da política social, dos governos equilibrados e dos sucessos comerciais é popularmente chamada de dona do ouro, senhora das grandes riquezas. Governa todo o aparelho reprodutor feminino, notadamente o ovário, sendo, por isso, dona do saber da fertilidade feminina. Em termos simbólicos é a deusa da água doce, presente em lagos, rios e riachos. (Marinho, 2010, p. 166).

O começo me é borrado, apagado, manchado por dor, sangue, perdas, sofrimento e muito trabalho. Segundo Achille Mbembe, um dos maiores pensadores da atualidade decolonial, “O nascimento do sujeito racial - e portanto, do negro - está ligado à história do capitalismo” (2018, p. 309). A modernidade está marcada por quatro séculos de escravidão no Brasil e uma população de mais de 4 milhões de africanes arrancados de seu continente. Para Mbembe, “tudo que foi produzido pelo escravo lhes foi subtraído - o produto de seu trabalho, seus filhos, suas obras intelectuais” (2018, p. 94), sua espiritualidade.

É impossível falar sobre o Ylê Axé Òpó Omim, Comunidade Tradicional de Matriz Africana, inaugurado em dezembro de 1988 em área periférica da Zona Norte de Londrina, PR, sem antes fazer um mergulho em mim, em minha família carnal, ao desconhecido. O que faz uma pessoa branca falando de Comunidade Tradicional de Matriz Africana? Segundo Cida Bento, “estudar sobre brancos anti-racistas pode também oferecer ao negro a esperança de que é possível ter aliados brancos” (Cida Bento, 2002).

É nesse caminho espesso, denso e esquecido que mergulho rumo aos desconhecidos de minha ancestralidade materna e paterna, em que o sentimento de pertencimento social se deu a partir do apagamento das histórias africanas e dos “avanços” da colonização europeia. Do que minha família tem medo no negro? Há,

porventura, um sentimento de pertencimento social nas raízes africanas? O que o projeto da elite branca do século XIX tem a ver com o século XXI?

Neste trabalho, as memórias orais são invocadas, aquelas mais profundas, esquecidas, subalternizadas e apagadas, para Mbembe, “a memória, tal como lembrança, a nostalgia ou o esquecimento, é construído em primeira linha por um entrelaçamento de imagens psíquicas” (2018, p. 185). Na cultura Nagô, também chamada de Iorubá, a memória oral e o corpo físico são os meios em que são passados os conhecimentos. E nesse Atlântico permeado por imaginários, construo as Contas da minha ancestralidade com o Ylê Axé Òpó Omim.

Dei um grande pontapé
Me lancei
Joguei-me no espaço
E caio, escorro
Acolhida
Com diferenças
Com dores
Mal odores
Sangue que escorre para além das minhas veias
Cai
Nutre o chão
E se faz raiz em meio ao seco
Do esquecimento
Atrás de pertencimento ancestral
Me (Des)Construo
Me parto
Me reparto em várias, váries e vários
E novamente me (Des)Construo

2.2 Descolonizar-se em encruzilhadas

Nas encruzilhadas me encontro
O respirar se faz mais livre e brincante
As gargalhadas são os sons que povoam

Exu Mirim dá seu tom

Me leva

Me guia

Me acompanha

Com meus tropeços

um enfiar de dedo molhado na orelha

A dor passa, afinal dedo molhado na orelha?

Mirim das malandragens

Estripulias

Coração livre das amarras do julgamento

Nas encruzilhadas

Os vadios

As loucas

As putas

Os bêbados

Os doentes

O samba

A capoeira

O riscar das facas

E do seu julgamento, gargalhas abarrotadas de deboche

Pelas encruzilhadas

A vida que não cabe em linhas

O viver se faz tortoante

E na tontura, o dançar livre das correntes coloniais

Percebi as correntes coloniais e capitalistas hegemônicas já nos primeiros anos de vida. E como doeu. O falar e escrever nas normas gramaticais das proparoxítonas; o sutiã porque o peito crescia; o cabelo armado que negava os pentes alisadores; o ser branca, mas não tão branca no olhar des outres; o ser a que não usava as roupas de marca no colégio particular. Só queria saber de teatro. Ainda bem que fui uma criança que teve o privilégio de respirar arte também na

primeira infância. Com minhas roupas tortas, cabelo armado, podia ser qualquer pessoa, animal ou árvore. O teatro foi o meu lugar de sonho, de fabular outros mundos e realidades possíveis. Fui então taxada de esquisita, maluca, louca. Naquela época não ligava muito para os xingamentos, mas quando doía, também não pensava duas vezes em meter um tapa em quem fosse. Violência e mais violências. Olhar para a infância e adolescência é um trabalho de ternura. Observar as sequelas das violências sofridas pela colonização na minha vida e de minha família carnal é ver como a branquitude é doentia e geradora de morte simbólicas e reais. Segundo Luiz Rufino, a descolonização de si, das ações do olhar e agir no mundo, é um ato revolucionário, em que a liberdade deve ser vista como um ato de ternura e responsabilidade com a vida.

A colonização acarreta o destroçamento dos seres subordinados a esse regime, os colonizados, mas também a bestialização do opressor, o colonizador. Sobre a colonização não se ergue civilização, mas sim barbárie. (Rufino, 2019, p. 11).

Estar entre as encruzilhadas não é um processo muito fácil, mas considero um caminho mais feliz, em paz e de (re)descobertas. É observar que a binaridade do “e” não é verdade absoluta sobre o pensamento; que a vida e as buscas epistemológicas decoloniais se fazem no “entre”, no lapso, na cisão, nas incertezas, no vazio-preenchido-inventado e muitas vezes nas suspensões de tensões.

Encruzilhar-se é saber que não se está sozinho. É um grande processo antropofágico, simbolizado por Exu. A decolonidade das encruzilhadas é a vivência das ancestralidades; de caminhar com Exu, potência de vida, continuidade e avesso às correntes coloniais. Em estripulias, fissuras, ele gera colapsos no CISTema⁷. Não é estar, pensar em linearidade, cronologia histórica. São saltos, voltas, um xirê em vidas.

Um processo de descolonização de si exige rever a nossa própria história e observar as lógicas epistemológicas tidas como universais. Esses processos não são exímios de dor, afinal, a colonização destrói culturas, línguas, epistemologias, sociedades inteiras. Ver-se nesse processo de descolonizar o que se aprendeu nas escolas, nas universidades, na família é (re)descobrir o próprio ato de criar, pensar, viver e, claro, não reproduzir o pensamento binário de existir e se fazer no mundo como universal.

Provincializar as lógicas ocidentocêntricas de conhecimento exige de nós

⁷ CISTema - Sistema hegemônico cisnormativo, hétero, branco e patriarcal.

um deslocamento sobre a nossa própria história, pois fomos ensinadas a pensar e a produzir conhecimento de uma maneira localizada, mas enunciada como universal. (Flor do Nascimento, 2021, p. 388).

A encruzilhada decolonial nos permite pensar nos cruzamentos dos saberes, não os dividindo entre popular - acadêmico, científico - primitivo ou setorializado. O conhecimento se dá não de forma repartida e uno, mas sim em diálogos e pluralidades. Segundo Rufino, a colonização demonstra a lógica do mono saber, herança dos processos hegemônicos da branquitude em seus racismos epistemológicos diários.

2.3 Raça

As noções sobre raça são oriundas, a priori, da classificação biológica animal. Quando se diz sobre seres humanos, são processos de fabulações, de imaginários, de construções imagéticas, mas com intuitos de demonstração do poder colonizador, religioso e do capital.

A persistência classificatória do 'negro' é um alibi para a naturalização da coincidência histórica entre o continente africano e o tráfico escravagista, primeiro estimulado por mulçumanos e depois por cristãos europeus. A justificação universal da violência escravista é um fato de religiões universais. (Sodré, 2017, p. 19).

Essa distinção entre seres humanos serviu para os europeus distinguirem os outros, no caso, os não europeus, como seres inferiores, justificando, assim, o processo de escravização africana no século XV, mas também de colonização europeia em território africano no século XX. "O que quer dizer raça?" (Mbembe, 2018, p. 68). Segundo o autor, raça não é somente um sistema de poder, tampouco um conjunto de micro determinações e não somente se faz parte do sensível, ela se faz enquanto um sistema operacional do imaginário.

Por um outro lado, a raça não decorre somente de um efeito ótico. Não diz respeito unicamente ao mundo sensorial. É também uma maneira de estabelecer e de afirmar o poder. É, acima de tudo, uma realidade espetacular e uma força pulsional. (Mbembe, 2018, p. 69).

Raça

nunca achei que fosse para denominar

Humanos

Muitas vezes me pergunto quantas vezes fui racista. Sendo raça uma construção e fabulação, quantas vezes me senti superior a um outrem diferente a

mim? É, colocar-se em processo cartográfico não se sai impune a questionamentos e lugares dolorosos! Sim, já fui racista em pensamentos, como também já demonizei Exu, esse grande orixá das encruzilhadas, da propulsão e potência de vida e da comunicação. Essas questões sobre raça fazem parte de lugares sombrios de meu inconsciente, mas com certeza do seu também, se for uma leitora branca. Mas dizer sobre nosso papel enquanto pessoas brancas é nosso dever nessa luta antirracista. É necessário falarmos de nossos privilégios sociais e econômicos simplesmente por sermos brancos. As ancestralidades negras foram destituídas juridicamente de tudo, como da família, propriedade e da liberdade de culto. E a sua ancestralidade branca foi destituída de algo? “Para o racista, ver um negro é não ver que ele está lá; que ele não existe; que ele não é outra coisa senão o ponto de fixação patológica de uma ausência de relação” (Mbembe, 2018, p. 69). Ler Achille Mbembe e Cida Bento, e me ler, é olhar para as minhas próprias estruturas familiares, é ver que o racismo não está muito longe de mim ou das minhas pele e privilégios sociais. Para início de uma luta antirracista por pessoas brancas, faz-se necessário ver seus locais de privilégio, rever suas ações conscientes como também inconscientes para enfim, entender de vez que a “exaltação da ‘raça negra’ é um imenso grito cuja função é salvar da degradação absoluta aquilo que havia sido condenado à insignificância” (Mbembe, 2018, p. 72). Ainda segundo Mbembe, historicamente a questão de raça sempre existiu para determinar a “lógica do curral”, sendo portanto, uma maneira de governo e de ordem econômica no Brasil escravagista da *plantation*⁸.

O nome ‘negro’ foi, desde sempre, uma forma de coisificação e de degradação. Seu poder era extraído da capacidade de sufocar e de estrangular, de amputar e de castrar. (Mbembe, 2018, p. 264).

Para o pensamento de Mbembe, só existe “o negro” frente a um “senhor”. Um lugar de coisificação e propriedade, configurando em uma lógica dialética da exploração. Fora da África, foi designado ao povo negro a ruína e a submissão, sendo a dívida a alforria em uma colônia em que tudo lhe é negado ou o suicídio.

Assim, enquanto o racismo não tiver sido eliminado da vida e da imaginação do nosso tempo, será preciso continuar lutar pelo advento de um mundo para além das raças. Mas, para chegar a esse mundo a cuja mesa todos são convidados a se sentar, ainda é preciso se ater a uma rigorosa crítica política e ética do racismo e das ideologias da diferença (Mbembe, 2018, p. 305).

⁸ Sistema econômico escravagista adotado nas colônias como Brasil e Estados Unidos que consistia na utilização de mão de obra escrava africana nos plantios de cana-de-açúcar.

Portanto, a luta antirracista não é uma luta só da pessoa negra, mas sim de todes nós branques. E ser antirracista é saber sobre meus privilégios, mas também de estar nas trincheiras frente à construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todes.

Talvez possamos concluir que uma boa maneira de se compreender melhor a branquitude e o processo de branqueamento é entender a predição do branco sobre o negro, nascida do medo, cercada de silêncio, fiel guardião dos privilégios. (Bento, 2002, p. 13)

2.4 Memória

O que é a memória? Como podemos pensar a memória de um ponto de vista decolonial? O que sei de mim mesma? O que você sabe sobre sua ancestralidade? Sei que carrego uma “Família de Barco”, no sentido da diáspora africana, mas mais para frente vou retomar essa noção enquanto comunidade no Candomblé. Bem, segundo alguns pensadores negros como Alex Crummmel e Fabien Eboussi Boulaga, ao sair da escravidão, exigia-se um processo de reconstrução de si mesmo, em inventar o seu próprio interior, afinal, as perdas das memórias sofridas pelo povo negro é um processo irrecuperável. Deles tudo foi tirado, inclusive a memória.

O importante na memória, na lembrança ou no esquecimento não é pois tanto a verdade, mas o jogo de símbolos e sua circulação, os desvios, as mentiras, as dificuldades de articulação, os pequenos atos falhos e os lapsos, em suma, a resistência à admissão. (Mbembe, 2018, p. 186).

A memória passa por todos os poros do nosso corpo. Muitas vezes, aquilo que esquecemos é o que mais importa na nossa própria memória de si. A memória evoca lembranças; carrega e perpassa o tempo; é construção e inclusive invenção. Penso que no campo das memórias, inclusive a inverdade se torna processos de construções de si. O que sei de mim? O que sei de minha ancestralidade? Que tal então submergir no campo dos afetos das memórias dos meus ancestrais vivos para com os seus já não mais aqui? Nada melhor que o período do natal, tempo importante para a minha família católica, a qual para mim é sinônimo de memórias olfato gustativas de uma infância feliz em não saber sobre minha ancestralidade. Vou recorrer às memórias orais para fazer uma imersão à minha ancestralidade por parte materna. Mais adiante, irei refletir se irei nesse momento fazer um sobrevôo a minha ancestralidade europeia e talvez semita por parte paterna. Porém, nesse primeiro momento vou ao encontro das matriarcas Menezes e Oliveira.

Infelizmente, ainda vivemos tempos de pandemia da COVID-19. Toda a minha família materna foi positivada com o vírus. Então, fui obrigada a cancelar a ida a Piraju, SP, cidade onde residem os meus avós maternos, mas espero que logo menos esse encontro seja possível para conversarmos sobre memórias orais ancestrais.

Muito sobre as memórias e imaginários que permeiam o continente africano é visto com os olhos e julgamentos de “primitivismo”, do outro, do esquecido, do renegado, do subalternizado, do explorado, da mercadoria, o que, segundo Mbembe, a força compensa a ausência da verdade e de direitos. No entanto, no continente africano, “produziram historicamente pensamentos muito próprios e línguas específicas. Inventaram sua própria literatura, músicas e maneiras de celebrar o culto divino” (Mbembe, 2018, p. 97).

Memória
Memorar
Criar
Inventar imaginários
Reais
Irreais
De mim
De outres
De nós
Desatar
Fabular
Construir mundos
Desafiar o poder
Criar pontes, pinguelas
Mentir
Construir
Decolonizar-se

3. PORTAL

Avisto já de longe do ônibus, descendo a Av. Gines Parra, as majestosas mangueiras que encobrem o terreno à frente de sua entrada, Ylê Axé Òpó Omim! Lembro-me bem da primeira vez que te vi, em sonhos: os muros brancos com portões verdes e com folhas em cima, que hoje sei que esses galhos são os mariwòs⁹. Na época do sonho, que fabulo ser em 2017, recordo-me do meu corpo acordando em um grande susto, molhado pelo suor e um calmo desespero. Que lugar é esse? Nunca havia passado pela avenida Gines Parra com o cruzamento com a rua Maria José da Silva, mas sabia a partir desse momento, que algo estava prestes a me mostrar. Nessa época, estava constantemente em busca de uma casa espiritual para trabalhar a minha espiritualidade. Achava que era por meio da Umbanda que esse caminho iria se fazer, mas mal sabia eu, ou talvez soubesse no fundo do coração, mas queria esconder, que esse tal trajeto espiritual era pelo Candomblé. E foi assim que o Ylê Axé Òpó Omim e minha mãe de santo, Mãe Omin, apareceram a primeira vez para mim, em sonhos! Mas foi somente no final de 2018 que de fato adentrei corporalmente nos recintos do Axé. E que momento mágico! Que alegria e paz envolveram meu coração e acalmaram a minha mente! É, realmente, um portal espiritual que se abriu bem à minha frente. E o Ylê Axé Òpó Omim é tudo isso ao mesmo tempo: paz, trabalho, amor, trocas de saberes e envolvimento dado a todo tempo em coletividade, em comunidade. Nesse ambiente, as diferenças, dores, medos, incertezas, dúvidas e fé são acolhidas e gerenciadas com amor. Nunca um dia é igual ao outro e as experiências não se repetem, mas sim, os tempos se mesclam em um dançar de presente, futuro e passado. O tempo no Axé é espiralado, movimento contínuo e permanentes (trans)formações.

Pausa. Um pouco de respiro e suspensão do tempo. Pausa. Que tal tomar um gole de água? Ou quem sabe voltar daqui a pouco?

Adentraremos nessa (Im)Permanência nos planos simbólicos e constitutivos dos imaginários de terreiro. Aqui nutriremos nas Contas “Filosofia Nagô”, “Comunidade” e “Ylê Axé Òpó Omim” nossos conhecimentos em espirais disruptivas. E como gosto dessa palavra, “disruptivo”. Não é negar o que sabemos,

⁹ Mariwós - são as folhas de dendezeiro que são colocadas nas portas e janelas dos Ylês tendo a função de delimitar o espaço da Casa Sagrada e do meio externo. É uma forma de proteção para o Ylê.

mas quem sabe, abrir um outro modo de olhar. E aqui, te proponho a olhar com e para as afetações.

Muitas vezes não sabemos
não entendemos
não compreendemos
Mas a todo o tempo, sentimos

Sentimos o tempo passando
o dia se findando

Sentimos
dor
medo
amor
raiva
desespero

Mas será que estamos abertas para sentir
a respiração
o bater do coração
as sinapses?

Desfrutemos então das disrupturas das afetações!

3.1 Filosofia Nagô

Quando tento pensar sobre a diáspora africana, um sentimento de vazio me toma. O que ouvi sobre? O que li a respeito? O que aprendi na escola? Bem, somente sobre o lado, lembrança e memória da branquitude cristã colonizadora. Novamente o sentimento de vazio me toma e a crescente angústia consome a alma.

Em bancos escolares e universitários, não tive aula sobre história, cultura ou arte africana. Na formação básica, o que estudei foi somente sobre a história e

cultura do Egito antigo, ao qual por vezes até me esquecia que o Egito faz parte do continente africano, de tão colonizadora que foi a minha formação. Durante a graduação em Artes Cênicas, tão pouco houve aulas sobre o teatro africano, mas é claro que o teatro europeu foi abordado em pelo menos três disciplinas obrigatórias. Na época já achava esquisito o quão colonizadoras são inclusive as universidades públicas brasileiras.

Hoje essa lacuna de formação se tornou uma crescente dor e necessidade de conhecimento. Meu primeiro contato enquanto branca e antiga cristã à cultura e ritos africanos se deu somente em 2018, quando pisei pela primeira vez no Ylê Axé Òpó Omim em um evento sobre direitos para povos de terreiro. Desculpe-me as falhas de lembrança, afinal, a memória, assim como a vida, não são lineares. Porém, não posso cometer o grande erro de não registrar nesse processo cartográfico ancestral: sim, antes de conhecer o Candomblé, já havia passado por casas de Umbanda em São Paulo, Rio de Janeiro e Londrina, cidades onde residi. Portanto, meu primeiro contato com religiões de matriz africana foi com a Umbanda. No entanto, aquele não era o meu caminho espiritual e ancestral. Passei bons anos frequentando a Umbanda, mas sempre senti uma falta de pertencimento social e espiritual nas casas de Umbanda. Não estou dizendo aqui que a Umbanda é ruim, ou que não é boa, ou com qualificações depreciativas. Nada disso. O que afirmo é que a Umbanda não era o meu caminho, o que não significa que não possa ser o seu! O que estava determinado para mim espiritualmente seriam outras trajetórias, o qual só saberia em 2019 após um jogo de búzios com a minha mãe de santo, a Mãe Omin.

É necessário a gente pensar que os povos vindos da diáspora africana no Brasil, ao longo de mais de quatro séculos, são pertencentes a distintos grupos étnicos. Segundo Muniz Sodré, é um lugar comum historiográfico que essas populações eram originárias da África Ocidental, Oriental e Equatorial. No entanto, os denominados Nagôs, ou Iorubás (conforme a sua língua), foram os últimos a chegar, entre o final do século XVIII e início do século XIX¹⁰.

Nagô tornou-se um nome genérico para a diversidade do complexo cultural. Na verdade equivalente à palavra 'iorubá', designativa dos falantes desta língua, que em determinados momentos teve trânsito mais amplo na África. (Sodré, 2017, p. 103).

¹⁰ Vale ressaltar que no próprio continente africano houve miscigenação de vários grupos étnicos antes mesmo da diáspora para as Américas, havendo portanto, uma mistura cultural antes mesmo do período colonial.

Ketu na Bahia, sucedida por sua filha brasileira Iya¹¹ Akobiodé. Uma elite africana formou-se aqui por meio de um implícito pacto simbólico entre indivíduos de etnias diferentes, a despeito das hostilidades entre crioulos (nascidos no Brasil) e africanos da Costa da Mina ou Costa dos Escravos. (Sodré, 2017, p. 106 e 107).

O pensamento Nagô, presente nas roças¹², se dá pelo modo de pensar, agir e cultuar o nosso sagrado, a cosmogonia iorubá. A base hierárquica é o modo como a comunidade é construída, também como os saberes são passados oralmente nas práticas dos afazeres diários. Assim como os orixás, as divindades por nós cultuadas, outra base muito importante é a ancestralidade, que constitui o começo, o entre e o fim. Como fala Sodré, a ancestralidade, os mortos ilustres, estão presentes em ações coletivas dos corpos vivos, não se constituindo como um caminho linear do tempo.

Os orixás para nós é tudo em nossa vida. É o amor, o sagrado, o bem, a nossa potência e propulsão de vida. Sem os orixás, não somos nada, não temos vida. Como diz meu Pai Jorge “carregamos em nós um deus vivo”, sendo uma dessas a premissas do porquê devemos inclusive respeitar sempre o próximo, mesmo aquele que não seja iniciado ao Santo, ao orixá.

No pensamento Nagô, os orixás são - filosoficamente - princípios cosmológicos que se atualizam liturgicamente como incorporais, corporalmente apropriados pelo iniciado, portanto, não são idealidades intelectuais, mas princípios que acontecem na dinâmica ritualística - a passagem do plano transcendental dos princípios à vivência empírica dos incorporais se dá pelos rituais e pelo transe. Mas os dois planos, embora diversos pelas facetas da visibilidade/invisibilidade, situa-se aqui mesmo e não em um lugar mirífico (o após-a-morte dos cristãos e dos islamitas) onde o homem supostamente encontra o seu criador. O mundo Nagô, visível ou invisível, é o próprio Planeta Terra aqui e agora em sua diversidade geográfica e existencial. (Sodré, 2017, p. 141).

Outro pensamento Nagô constituinte das bases e premissas do Candomblé acontece em volta da palavra “Axé”. Axé é a força, a potência que movimenta a vida em todas as suas categorias, desde animal, vegetal, mineral, como também humana e divina. O axé, segundo Deoscóredes M. dos Santos e Juana Elbein dos Santos, se faz presente nas relações interpessoais, místicas e ritualísticas, alcançando níveis corporais e mentais, através de elementos simbólicos, como as ervas, os gestos, as palavras faladas. Segundo Sodré “Axé são as trocas simbólicas entre a comunidade” (2017, p. 156).

Há o axé dos deuses, dos elementos naturais, dos indivíduos vivos e dos

¹¹ Nome em Iorubá para “Mãe de Santo”

¹² Como chamamos as casas de Candomblé

ancestrais, portanto, há um múltiplo de intensidades que se organizam no campo da comunicação do *comum*. Este é atravessado por um sincretismo de *afetos*, além de práticas de elaboração e absorção, imprescindíveis ao conhecimento iniciático. (Sodré, 2017, p. 157. Grifos do autor).

A música, o canto, a dança, os atabaques e também a comida, são as formas simbólicas e ritualísticas de cultuarmos o nosso sagrado e divino. Em festas de Candomblé os orixás vêm, através do transe nos iniciados, dançar e transmitir seu Axé, sua potência de vida, amor, paz, prosperidade e fartura. Esses momentos são mágicos e emocionantes em que a racionalidade dá espaço aos afetos do sentir e do se emocionar. A maneira que essas danças acontecem é o que chamamos de Xirê, que ocorre em formas geométricas de espirais e em sentido anti-horário. Essas danças podem ser de amor, caça, combates, devoção, contemplação, etc. Para cada orixá há uma determinada comida, modo de dançar, cantar, de tocar os atabaques, sendo esta a função dos Ogans, homens que não incorporam os orixás. No Candomblé, a hierarquia é algo próprio, filosófico e constitui a sua base de fundação, sendo que em cada casa há a sua própria maneira, não havendo, assim, uma relação de superioridade entre as casas. E essa hierarquia ocorre de acordo com as determinações do orixá e ao longo do conhecimento e funções exercidas e adquiridas ao longo dos anos na comunidade.

Conhecimento de pele
de palavras
que ganha os corpos
em transe
em ritmados compassos de outras danças

Conhecimento ancestral
das folhas
da natureza
que queima e conforta a minha pele
que se faz
sem saber de onde vem exatamente

Conhecimento dança
movimento espiralado

que nas confluências e encruzilhadas
o tempo se faz uno
passado, presente e futuro dançam juntos
e conhecimento se dá pelo e através das existências
no corpo-sabedoria-ancestral

3.2 Comunidade

A Comunidade Tradicional de Matriz Africana se dá enquanto um território ancestral de formação da identidade de um grupo. Segundo Sodré, “o território aparece, assim, como um dado necessário à formação da identidade grupal/individual, ao reconhecimento de si por outros” (2019, p. 16).

Em comunidade a vida acontece
Estando junta aos meus ancestrais ilustres me faço alguém
Pertença a uma família tradicional
A uma família de Matriz Africana
Onde meus antepassados se fazem presentes e são exaltados

Em comunidade exalto minha avó
Na cosmogonia iorubá louvo todas, todos e todes antes de mim

Em comunidade meus eus se fazem presentes
Pela pele que me cobre, pelo fogo que me queima

Em comunidade sou acolhida, me faço eu

Em comunidade as diferenças estão presentes e respeitadas

Em comunidades, andamos juntas em encruzilhadas
Não estou só
Somos muitos e diversos

O terreiro de candomblé, egbé, se constitui enquanto um local patrimônio simbólico de memórias coletivas, sendo portanto, um legado grupal. Os saberes e

as constituições sociais e hierárquicas se fazem presentes no cotidiano e nos afazeres mais simples, como lavar uma roupa ou limpar o chão.

O *terreiro* (de *candomblé*) afigura-se como a forma social negro-brasileira por excelência, porque, além da diversidade existencial e cultural que engendra, é o lugar originário da força ou potência social para uma etnia que experimenta a cidadania em condições desiguais. (Sodré, 2019, p. 21. Grifo do autor).

A comunidade-terreiro é um local comum, de comunhão entre as pessoas que lá convivem, como as iniciadas ao santo (filhas e filhos de santo), como também abians, pessoas que ainda não passaram pela iniciação ao orixá, e as singularidades que frequentam as festividades e recebem o axé dos orixás e dos catiços (Pomba Giras, Caboclos, Boiadeiros, Marinheiros, Ciganas). Em nossa casa temos o Barracão, local onde ocorrem as festividades mensais abertas ao público; os assentamentos, onde estão os fundamentos do nosso sagrado e as casas dos orixás (local em que só tem acesso a pessoa iniciada no *candomblé*). Cada Ylê (Casa Sagrada) é dedicada a um Orixá, no caso do Ylê Axé Òpó Omim é uma casa da Mamãe Oxum. Há também o espaço da mata, reservado às ervas sagradas dos orixás, onde estão seus mistérios, conhecimentos e muita vida. É daí que saem os banhos, os chás, as curas.

Pouco importa, assim, a pequenez (quantitativa) do espaço topográfico do terreiro, pois ali se organiza, por intensidade, a simbologia de um Cosmos. É uma África qualitativa que se faz presente, condensada, reterritorializada. (Sodré, 2019, p. 54).

Na comunidade de terreiro não há excluídos, todos são convidados a entrar, comer e a exaltar o sagrado. Em comunidade o axé se faz presente, vivo, potência. Em xirê, também em coletivo, dançamos, cantamos em iorubá, renovando forças e manifestando vida e saberes ancestrais.

O terreiro é o território simbólico pelo qual o negro brasileiro instituiu a *polis-negra*, isto é, espaço político pelo qual o grupo assegura seu patrimônio cultural, a identidade, o que garante a transmissão do sentido da vida e existência para o grupo, a organização e coesão da comunidade. (Francisco, 2010, p. 184. Grifos do autor).

O terreiro é onde se constitui uma comunidade regida pelo amor, acolhimento das diferenças e singularidades. A afetividade nesse espaço é fundamental na criação do imaginário de terreiro, em que o espaço condensa mitologicamente e simbolicamente, a África. O trabalho se faz em coletividade, através dos afazeres cotidianos e inclusive na manutenção desses símbolos. Para Deoscóredes M. dos Santos, Mestre Didi, e Juana Elbein dos Santos, “Os ‘terreiros’ ou *egbé* foram e

continuam sendo, centros organizadores da fixação, elaboração e transmissão cultural, núcleos e pólos de irradiação de todo um complexo sistema simbólico” (1993, p. 42).

Mãe Omin, minha matriarca, nos diz o que é a comunidade:

- É o Axé, né?! É a roça. O Ylê Axé Òpó Omim é uma comunidade, onde a gente agrega todas as ancestralidades dos filhos, então, forma-se uma família grande. E família grande é uma comunidade! Então, é um conjunto de pessoas. Então, para nós, comunidade é o axé! É tudo de bom! Passou da porta para dentro, tudo é axé. Tudo é sagrado para uma Comunidade de Matriz Africana. (Apêndice A, p. 109 e 110)

Mas Mãe, agô¹³, qualquer um pode ser filha ou filho de santo?

- Filha, a pessoa nasce para ser ela já é escolhida, né, então não tem querer. Eu sempre digo, ‘querer não é poder!’ As pessoas não se iniciam por beleza, porque acham bonito, pela dança, porque ser do Orixá, ser Omo Orixá, não é beleza! É uma necessidade na vida, na matéria, que é sagrada, então, tem uma necessidade. E aí, a pessoa chega até a comunidade, onde tem muitas energias vitais e vai procurar a sua origem, a sua raiz, que agrega a esse Axé, que é a comunidade. Aí sim é cuidar de santo! Então, à toa, ninguém procura. A pessoa não amanhece ‘ai achei!’, a pessoa amanhece com uma necessidade, ou ela já sabe, e vem procurar uma orientação e fica sabendo. Como você, que veio para fotografar, aí o Orixá já se identificou com você, você veio jogar (os búzios), e você viu que a sua necessidade na matéria era ser lessi ao orixá¹⁴, ser uma omo orixá, ser filha de terreiro! E por isso que você faz parte dessa comunidade de axé que é o Ylê Axé Òpó Omim! (Apêndice A, p. 110)

Agô, Mãe, uma comunidade de axé é composta por ancestralidade e orixás? É isso minha Mãe?

- Sim, é isso, porque para você vir cuidar do orixá, você está cuidando dos seus ancestrais. Se você não cuida dos seus ancestrais, não tem orixá para cuidar! Porque a ancestralidade que você cuida, é o que

¹³ Agô - licença

¹⁴ Lessi ao orixá - ser devota ao orixá.

você é hoje, vida! Tá? Então, se você cuida do seu orixá, da sua vida, você tá cuidando dos seus ancestrais! (Apêndice A, p. 110).

Em uma egbé cada filha e filho de santo tem algumas responsabilidades com a comunidade. Mãe Omin me fala sobre responsabilidade em uma roça de candomblé:

- Cada um tem a sua responsabilidade. Como eu sempre falo ‘querer não é poder’. Tem uns que nascem para ser Ogan¹⁵, que se confirma para Ogan; outras pra Ekedjis¹⁶; outros nascem Iyawo, vai tendo um aprendizado, aí pega alguma missão para fazer algum cargo na casa, se torna um Egbomi¹⁷, se torna um mais velho, aí começa a ter um posto de responsabilidade que o próprio Orixá determina para ajudar a comunidade a andar. Os postos são os serviços da casa para as pessoas mais velhas, que são os Egbomis. E os que se tornou Iyalorixás, Babalorixás¹⁸, eles já ajudam, né, porque estão sempre presentes, a gente convoca e vem e faz. Porque o Axé não anda sozinho! E Mãe de Santo não se faz tudo sozinha, não cuida de tudo sozinha! EU sempre falo ‘se tiver 10 nenês pra dar mamadeira, então, tem que ter alguém pra ajudar a fazer o mingau, pra esfriar, pra botar as mamadeiras, pra catar um no calo, catar outro pra num chorar’, então é mesma coisa! (Apêndice A, p. 116).

Motumbá¹⁹, minha Mãe!

- Motumbaxé²⁰!

Uma das minhas tarefas é a organização, digitalização e catalogação do acervo histórico do Ylê Axé Òpó Omim. Este acervo é considerado de médio porte, mas se configura como um dos maiores acervos de candomblé da região Sul do Brasil. Nele há variadas fontes e documentos históricos, como: materiais escritos por nossa Mãe Omin; fotografias em formato digital, impressas e em películas; vídeos digitais, em VHS e Mini DVs; monografias e artigos sobre o Ylê; cartilhas

¹⁵ Ogan - Homem que não incorpora o Orixá, que possuem várias responsabilidades, sendo uma delas, tocar os tambores.

¹⁶ Ekedjis - Mulheres que não incorporam o Orixá, que possuem várias responsabilidades, sendo uma delas, os olhos do Orixás em terra. É aquela que cuida do Orixá.

¹⁷ Egbomi - Depois de sete anos como Iyawo, a filha ou filho de santo faz uma obrigação e se torna “maior de idade” frente ao Orixá.

¹⁸ Babalorixás - Pais de Santo

¹⁹ Motumbá - Obrigada

²⁰ Motumbaxé - De nada

informativas na área de saúde, educação e culinária; projetos artísticos; materiais de apresentações em congressos e todas as roupas e ornamentos dos orixás. Todos esses materiais foram reunidos e guardados com muito zelo ao longo de mais de 35 anos por Mãe Omin.

Quem sabe ao deixarmo-nos tocar por esse saber ancestral de Ìyá, sempre coletivo, sempre atento aos conflitos internos à comunidade, estejamos mais próximas de caminhos mais potentes rumo à descolonização, do pensamento e de nossa própria vida. (Flor do Nascimento, 2021, p. 396).

Para Sodré, os terreiros encontram-se como um espaço político na sociedade, na medida em que se configuram enquanto um campo social contra-hegemônico. Ao longo desses 35 anos de Ylê Axé Òpó Omim, foram várias as lutas, enfrentamentos sociais e políticos de direitos para os povos de terreiro como também para melhores condições de saúde, educação e moradia para a comunidade externa periférica, pobre e preta em sua maioria. Mãe Omin esteve à frente de todas essas situações, conduzindo enquanto figura política, social e hierárquica de Iyalorixá, com sabedoria ancestral e afetiva de mãe.

Ao trabalhar com a organização da digitalização do acervo físico do Ylê, me deparo cotidianamente com várias imagens das lutas travadas por Mãe Omin pela livre expressão religiosa; pela igualdade racial e de gênero; pela saúde da população negra; pelo direito à moradia e educação de qualidade. São mais de 35 anos de lutas diárias nas ruas de Londrina e também nos poderes públicos, como Câmara dos Vereadores; Ministério Público; Conselho de Saúde; Conselho de Assistência Social; Conselho da Criança e Adolescente e Conselho de Educação. Dentre essas lutas, destaco o projeto Badádoyin, que configurou-se durante seis anos com oficinas de canto, dança e percussão para crianças e adolescentes da Zona Norte.

- Quando a gente assume uma Comunidade de Terreiro, como a Mãe assumiu, a Mãe teve que assumir uma comunidade total. Na época a comunidade era muito pobre, tinha fundo de vale, tinha favela, tinha muitas necessidades, então as primeiras (lutas) foram na escola Salim Aboriham. Na época, a gente começou a visitar as famílias, as famílias vinham benzer, aí já trazia o outro pra benzer, e assim foi. Aí eu fui me envolvendo com tudo. Você se envolve com a saúde, com a educação, com a cultura, com a segurança alimentar, você tem que correr atrás de tudo! Foi onde eu cheguei hoje, envolvida em vários setores das

autarquias municipais, que é Conselho de Saúde, Conselho de Assistência Social, da Criança e Adolescente, de Educação, pra mim ter um entendimento pra ajudar. E hoje nós estamos só na prevenção de ISTs e HIV/AIDS, e agora a dengue, e o Covid. Mas teve muitos casos, lá atrás, de dificuldade pela comunidade periférica, que hoje não se pode falar 'favela', tem que falar uma comunidade, então teve muito, muitos projetos sociais para poder ajudar a comunidade, de canto, dança, percussão, teve de rap. A gente teve muita coisa, de geração de renda, pães e pizza, salgados, doces, culinária, artesanato. Então, a gente teve muitas coisas no Axé, que se envolveu com o entorno da comunidade. Então, a gente se envolve com tudo que for preciso, enquanto autoridade religiosa, porque para se comandar uma comunidade religiosa, você tem que ter, eu sempre digo, um alto astral de sacerdotisa, então, né, você nasceu para ser! Então, isso, dá muita sabedoria! Eu sempre falo, 'eu não sei de onde nasceu tudo isso, que eu fui ser tudo isso'. Então, quando eu debato de frente com um delegado, com promotor, com qualquer pessoa superior, doutor, um advogado ou médico, eu não entendia porque, quando eu saía de lá, 'nossa, que que eu fui me xeretar!' Então, é muitas coisas! Teve a necessidade de alcançar o conhecimento que eu alcancei hoje. Eu sempre falo, quem cresceu, minha evolução, meu espírito, foi também a comunidade, porque eles precisavam, mas eu precisava mais ainda para poder chegar até eles! (Apêndice A, p. 113 e 114).

Me emociono completamente. Já sabia das lutas enfrentadas pela minha Mãe, mas ao ver seu corpo todo rememorando, recordando esses fatos e me contando com tanto detalhe e amor, senti uma emoção muito grande, em saber que estou no lugar certo, em uma casa de Axé cheia de lutas sociais e enfrentamentos contra-hegemônicos! Afinal, entendo que a vida social não é omissa a vida política, e sendo uma corpa dissidente, sempre soube que a minha vida sempre seria repleta de lutas. E estar em uma egbé em que minha matriarca sempre esteve lutando ao lado das minorias, me leva a enfrentar a vida com amor e garra.

Sem os ancestrais e os Orixás, não temos toda essa força, né, minha mãe?!

- Não temos! Se não cultuamos a ancestralidade, a gente não tem força, porque um Axé já é para cultuar a vida, né?! Porque a vida, quando a gente dança em volta do Axé, a gente tá energizando a vida, aquilo que se fala vital! Você veio buscar aquela energia vital e vital são gerações e gerações lá atrás! Então, se não tem essa energia, se não tem o cultuar da ancestralidade, então, não tem nada! Você não tem crença, você fica uma pessoa sem crença nenhuma. A sua matéria sobrevive, desequilibra, um monte de coisas mais, porque eu tinha esse desequilíbrio espiritual antes de eu aceitar o santo! Que é aquilo que eu falo 'querer não é poder!' tem a hora certa e pronto e acabou. E tô aqui hoje! (Apêndice A, p. 114).

Nagô é, assim, um construto, uma representação contra-hegemônica, na medida em que transforma certas categorias estabelecidas de percepção do mundo, instituindo uma outra, de natureza sociocultural, que tem o poder de fazer existir no plano das lutas simbólicas uma nova abordagem do social. A categoria "nagô" não deve buscar legitimidade social na antropologia, e sim na política, já que desencadeia um contraditório no espaço social (Sodré, 2010, p. 56).

Fazer parte da egb  Yl  Axé  p  Omim é reconhecer a continuidade, a memória dos ancestrais da casa e das lutas enfrentadas por nossa Mãe.   se sentir parte integrante desta história de continuidade e também perceber meu papel nessa família, que sou também peça de transforma o e de luta contra as epistemologias coloniais.

3.3 Yl  Axé  p  Omim

De longe já avisto a bandeira branca
minha casa, meu sagrado, onde se faz a morada dos meus orixás, Xangô e Oxum

Na entrada já sou acolhida pela mata, pelas ervas ancestrais
Exu, dono da porta, me deixa entrar

Com minhas roupas de candomblé adentro a minha Comunidade Ancestral

Com minha veste branca sa do minhas Mães e minha família espiritual

As bênçãos são trocas

E em cada novo dia, um novo aprendizado que se faz pelo e através do corpo

Cultuar, cuidar, zelar o orixá, atos diários de amor à vida e à ancestralidade

Figura 3 - Matrilinearidade (da esquerda para a direita: Iyákekerê²¹ Mãe Odé, Iyálorixá²² e Iyálodê²³ Mãe Omin e Iyáloxé Iyázinha²⁴ de Oxum)



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018. Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

O Ylê Axé Òpó Omim está localizado em Londrina, Norte do Paraná. Foi fundado em 17 de dezembro de 1988 por Mãe Omin, Iyálorixá (Mãe) com origens Tupi-Guarani e Nagô. O fator tempo e suas variações culturais dentro dos saberes e costumes afro-brasileiros das egbés narram os fundamentos de continuidade de suas existências, firmemente ancorados nos ritos da tradição oral, preservados por muitos séculos de história nesses territórios. É pelo tempo e através dele que se constrói a base hierárquica de uma comunidade de terreiro. Tempo e memória são fatores fundamentais que narram as atividades religiosas de uma das Casas de Candomblé mais antigas de Londrina, em atividade contínua na cidade há 35 anos.

²¹ Yakekerê: no Candomblé é a representação hierárquica de Mãe Pequena

²² Iyálorixá: no Candomblé é a representação hierárquica de Mãe de Santo

²³ Iyálodê, aquela que lidera a comunidade

²⁴ Herdeira do Axé

O Ylê Axé Òpó Omim, que, em tradução livre, quer dizer “templo religioso sustentado pelas águas”, é uma comunidade de terreiro de Candomblé, Nação Ketu, situado na periferia da região norte de Londrina. Para nós do Candomblé, é muito importante a Nação que fazemos parte, pois é a Nação que nossos ancestrais pertencem na diáspora africana. Se compararmos o seu tempo de fundação, o Ylê tem mais de 1/3 de idade da história de colonização da cidade. Liderado por minha Mãe Omin, Iyalorixá e Iyalodê com expressiva atuação social, política e cultural em todo o Estado do Paraná, o Terreiro carrega uma missão de continuidade e memória contínua através das figuras de sua filha, Iyákekerê Mãe Odé e sua neta, Iyalaxé Iyázinha de Oxum, atribuindo um legado ancestral biológico passado de mãe para filha e de filha para neta. Essa tradição familiar está presente em diversas comunidades de terreiro espalhadas por todo o país. Tal feito remonta os mitos e ritos de tradições iorubás trazidas pela diáspora africana ao Brasil, ressignificadas pela ação do tempo e pelas mudanças na construção social brasileira, porém vivas e contínuas até os dias de hoje.

O Ylê Axé Òpó Omim é uma egbé matriarcal, liderada por Mãe Omin. Em uma tarde corrida, entre muitos afazeres cotidianos de uma comunidade, Mãe Omin se colocou à disposição para conversar comigo. O nervosismo me bate, afinal, sou uma Iyawo questionando a matriarca da casa. E como sempre, minha mãe atende com muito carinho os meus pedidos de conversa, claro, entre muitos afazeres de viagens, atendimentos a outros filhos da casa e dos serviços com o sagrado. É como ela mesmo me fala: “Nasci para ser Mãe. Não é querer, é nascer para!”. E como essa palavra “Mãe” é carregada de afetividade, amor e muita responsabilidade com a vida. Mãe Omin me diz:

- Ser uma Iyalorixá, Iya é ‘mãe’, Ilorixá é mãe que cuida dos omo orixás, dos filhos que tem santo. Então, ser Mãe de Santo é ser responsável por vida! Assim como eu sou responsável pela sua vida e dos seus irmãos! Iyalorixá é ser responsável pelo ser humano. Pela vida, pela matéria sagrada de filhos! (Apêndice A, p. 109).

Motumbá, minha Mãe!

- Motumbaxé.

Sobre ser uma Iyalorixá, Mãe Omin continua:

- Eu não escolhi (ser Iyalorixá), mas desde pequena eu sempre soube que eu tinha que cuidar, mas eu não tinha noção que era tudo isso! Eu

achava que era só benzer, como minha avó benzia! Minha avó era parteira, meu avô curandeiro, né, então eu achava que era só isso! Não tinha a dimensão do que era. Tanto que eu sempre gostei da Umbanda, porque no Candomblé eu sabia que eu ia pegar santo e ser Mãe de Santo! Então, querer não é poder! Eu nasci para ser, né! Então, eu nasci com esse dom de cuidar dos ancestrais e agregar ancestrais, essa energia vital grande, que é o Axé! Cuidar dos outros! Então, essa é a missão de uma Iyalorixá, mesmo não querendo, né?! Eu não tive querer, eu fui escolhida para ser a mãe de todos! (Apêndice A, p. 110 e 111).

- Motumbá, minha Mãe!
- Motumbaxé!

A hierarquia de sucessão no Ylê Axé Òpó Omim é consanguínea, no entanto o território é estruturado também por filhas e filhos de santo da casa, que são pessoas iniciadas ao culto dos orixás. Segundo o pensamento da antropóloga Juana Elbein dos Santos, os laços das comunidades de terreiro são a restituição da família africana. Nesse local, são restabelecidos os elos com nossos próprios ancestrais e antepassados, como também com os da egbé. Mãe Omin tem eu seus ancestrais origens tupi-guarani e nagô. “Meus ancestrais tem essa mistura, os nagôs que são da África e os tupi-guaranis que são os brasileiros, os índios, que são os primeiros em terras brasileiras! Então, eu tenho essa mistura, né, de onde se tornou essa raiz forte que é! Mas a minha mistura nagô com tupi-guarani é que se formou essa raiz grande que é de matriz africana. Então, é por isso que nós vivemos em um país, que nós somos afro-descendentes. Nós somos da religião de Matriz Africana afro-brasileira. Porque somos brasileiros! Mas com a origem de Matriz Africana!”.

Sobre a questão da ancestralidade e raiz, Mãe Omin pontua:

- A raiz, minha filha, é quem tem, quem nasceu para ser, quem já traz lá de trás! Eu já venho dessa origem de família, só que lá atrás não puderam ter os terreiros; lá atrás era só benzimento; parteira; curandeira; sessão de reza; terços. Hoje eu tenho terreiro, então eu tenho raiz, porque eu venho dessa origem e essa origem vai continuar pelos filhos, netos, bisnetos. É uma continuidade. Então, essa é a raiz: o que já tinha contínua e não para. Então essa é a raiz! Tem muitas

peessoas que não têm raiz, eles querem ser o que eles não nasceram pra ser! Então a gente fala: tem pessoas que não sabem o que estão fazendo e querem fazer, mas eu sempre falo 'muita coisa não é um problema meu!' Às vezes me falam 'o que a senhora acha?' Eu não acho nada, porque quem vai quebrar a cara é ele, não sou eu! Então, tem muitas coisas erradas, porque eles são uns verdadeiros intolerantes! Eles não sabem o que estão fazendo; não procuram se apurar e querem ser. Hoje, qualquer pessoa pode ser Pai de Santo, Mãe de Santo aí na Iyanet²⁵ que é complicado! Então acaba assim, queimando o nome da gente. Queimando assim: tira a autoridade da gente; tira a autoridade do Orixá; do Axé que a gente defende; do Santo que a gente defende; do carrego do Santo que tem nome, é Odu! Então aí começa a falar abobrinha que não é para falar. Entendeu?! Tem uma coisa certa aí eles já aumentam. Mas isso aí, a Terra já nasceu com problema entre religiões e sempre vai ter. Então a gente tem que tomar muito cuidado. Por isso que eu sempre oriento vocês: o problema dos outros, é dos outros! Nossa casa é nossa casa! Nosso Axé é nosso Axé! Porque a gente não pode viver as coisas dos outros. Porque se a gente for viver as coisas dos outros, a gente vai ficar louco, e antes da hora. A gente vai ficar careca antes da hora, porque os cabelos começam a cair de desespero. Entendeu?! (Apêndice A, p. 117).

- Sim, Senhora!
- Então, existe sim. É onde esse povo faz nascer a intolerância que nós sofremos, porque eles faz as sujeiras, aí nós que levamos a má fama! Aí que nós levamos o nome de Magia Negra. Levamos fama dessas coisas por causa desse tipo de coisa! Porque se a pessoa ainda fosse caladinha, certinha, tudo bem, mas não é, passa as carroça na frente dos boi, aí é que o bicho pega! Tem uma mistura muito grande, uma diversidade muito grande e eu sempre falo 'dessas intolerâncias no meio da gente'. Porque é muito tipo de gente fazendo isso. (Apêndice A, p. 118).

²⁵ Iyanet - nome que Mãe Omin sempre fala de quem procura ajuda espiritual pela internet

Sobre essa questão levantada por Mãe Omin da Iyanet, se faz quase que impossível não me recordar das várias placas que vi ao longo da vida pregada em postes que dizem: “Trago seu amor em X dias”; “Trago o seu emprego dos sonhos e tantas semanas” e hoje, com a popularização das redes sociais, vemos anúncios pagos com o mesmo tipo de conteúdo. E como muito da intolerância religiosa acontece justamente devido a esses tipos de serviços espirituais ditos como “trabalhos”.

Agô, Mãe, a festa dedicada aos caboclos é para louvar os primeiros brasileiros em terra? Os povos originários?

- Aqui no seu Axé, na sua comunidade, a gente louva os nossos ancestrais, os catiços, né, os caboclos, porque a gente louva a vida, né! A gente agradece o nascimento de cada um de nosso sangue, né?! Eu agradeço os meus filhos, os meus netos, os bisnetos que virão, os tataranetos, e assim será! Então a gente louva, a gente faz uma festa, agradecendo por a gente estar podendo louvar essa ancestralidade. Então, a gente faz uma festa para agradecer o Senhor Oripepê²⁶, o Senhor Cobra Coral²⁷, e os demais Orixás, por a gente estar aqui, superando o dia, superando essa tempestade que foi a Covid, essa tempestade da dengue, que para a gente é sempre uma tempestade, né, de coisas negativas que vem pela vida. Então, a gente agradece aos nossos ancestrais, que são os caboclos, seja ele caboclo de pena, de couro, das águas, qualquer tipo de caboclo, então a gente louva! Eu tô louvando as minhas raízes. Raízes de mãe, raízes de pai, raízes de vô, de vó, mesmo eles não estando aqui pra cultuar junto a mim. Então, é um agradecimento à vida! Então, quando a gente fala ‘FESTA’, a festa é para nós, porque a alegria é pra nós de estarmos agradecendo ao Orixá. O Orixá se sente abençoado, se sente acariciado, se sente, eu acho, um orgulho da gente fazer tudo isso pra ele! Mas a festa, sempre assim, a gente que comemora! (Apêndice A, p. 111 e 112).

Motumbá, Mãe!

- Motumbaxé!

²⁶ Senhor Oripepê - caboclo boiadeiro da Mãe Omin

²⁷ Senhor Cobra Coral - caboclo da Iyákekerê Mãe Odé

Agô, Mãe, o Ylê Axé Òpó Omim é a primeira casa de Nação Ketu em Londrina. Foi fácil fundar a roça, mãe?

- Não foi fácil! Foi a primeira casa de Ketu, né, em Londrina, não foi fácil não, porque a cidade aqui sempre foi (da Nação) Angola. Então, quando nasceu a Mãe Omin, nasceu na Angola e passou para o Ketu, foi uma tempestade muito grande. Aí os demais que se sentiram que era Ketu, os vizinhos de cidades, ou mesmo Curitiba, que era Ketu, então foi uma demanda muito grande. Eles queriam fechar as portas do Ylê Axé Òpó Omim, porque não aceitavam uma menina tão nova, né, de casa aberta, com um poder tão grande. Porque eu sempre me senti grande! O dia que Oxum intitulou que eu tinha que ser Mãe de Santo, eu me senti uma pessoa assim. Já que eu tenho que ser a rainha, como disse o Senhor Oripepê, e mandar nessa casa, eu comecei a mandar. Não foi fácil, mas também não foi impossível, porque o Orixá determinou e ele quis e aí estamos até hoje, há 35 anos, faz agora em dezembro (2023). (Apêndice A, p. 112).

Agô, Mãe, a nação de candomblé que somos é de acordo com a ancestralidade da senhora?

- Quando os nossos ancestrais vieram da África, veio uma mistura muito grande. Veio uma mistura dos Bantos com os Nagôs, junto com outras etnias. Então, quando se aglomerou no país, teve uma mistura muito grande, então, muitos são Nagôs, não abrem mão, são os Ketu; muitos são Angola e não abrem mão, e muitos são Jeje, mas tem uma mistura do Jeje com o Ketu, do Ketu na Angola e assim vai. Porque tem santo que não se nasce, mas é cultuado dentro de uma Angola; tem santo que não se nasce dentro de um Ketu, ele é de Jeje mas ele é cultuado no Ketu, e do Jeje é aglomerado tanto na Angola quanto no Ketu. Então, se tornou afro. Então nós somos afro-descendentes de uma religião de Matriz Afro-Brasileira de Matriz Africana! (Apêndice A, p. 112).

Motumbá, minha Mãe!

- Motumbaxé!

Agô, Mãe, mas o que seria cultuar a ancestralidade no Candomblé?

- Cultuar a nossa ancestralidade, é cultuar o que ela nos deixa! Porque a nossa ancestralidade quer que eu seja feliz, que você seja feliz, que você se equilibre na vida, tanto mentalmente, no espírito, quanto na felicidade. Eu sempre falo 'na tristeza, na prosperidade, na alegria', então essa é a energia que a gente quer dos nossos ancestrais. Quando a gente quer cultuar os ancestrais, a gente vai rezar um sofrimento que teve lá atrás, a gente fala 'a, você tá com energia negativa, aí, isso é coisa de ancestralidade', alguém morreu queimado, alguém teve isso. Os nossos foram pros troncos; morreram queimados; passaram amarrados, trancados; passaram fome, sede; degolados. Isso aí é sofrimento! E os nossos espíritos sentem isso! Então, o que nós fazemos? Nós cultuamos o que os nossos ancestrais deixou. Nós vamos rezar; nós vamos fazer oferendas; vamos tirar aquele sofrimento à base de muita fé! Temos que rezar! Lembra que eu falo pra vocês 'não é brincado cuidar de uma vida', porque para cuidar dela, você tem que cuidar lá atrás também! Se você cuida lá atrás, aqui na frente dá tudo certo. Porque o que eu quero deixar, era meus filhos em paz; meus netos em paz; meus bisnetos; entra neto, sei lá quantas gerações pra frente. Se eu estiver em paz, e me for em paz, tudo vai tá em paz! Se houver tragédias, como sempre houve, por aí, em nossos ancestrais, olha o sofrimento de nossos ancestrais! Ninguém gosta de falar nisso, ninguém gosta de falar que tirava os filhos dos nossos ancestrais. Quantas mães amamentavam os filhos dos sinhozinhos lá, da senhora lá dela, e não amamentava os seus, porque era dado, vendido? Isso não é dor? Isso não é sofrimento? Tirava o pai, vendia ele e deixava a mãe sofrendo. Tirava o negrinho e vendia, tirava o negrinho que era bonito e ia preparando ele pra vender sei lá por quanto pesos de ouro, quantas sacas de café. Então, tudo isso é um sofrimento que os nossos ancestrais carrega. Meu tataravô, imagina o que ele não sofreu? (Apêndice A, p. 114 e 115).

Longo silêncio, lágrimas correm.

- Meu bisavô, você imagina o que ele não sofreu? (Apêndice, p. 115).

Olho pra dentro de mim. Reflito sobre os meus ancestrais. O que eles não sofreram? O que eles não passaram? Imagino e muito! Às vezes sonho com os

meus. Não sei muito sobre lá atrás. Sofro por não saber, mas me contento com as fabulações, com as histórias inventadas e (des)conexas.

Mãe Omin me fala:

- Meus avós já foram diferentes, mas também sofreram, eu sempre falo 'eu peguei de bandeja a religião'. Há uns anos atrás, isso é natural, a imprensa fala, livro tá escrito. Nossos mais velhos, muitos morreram porque a polícia matou; espancou; botou fogo em terreiro; não podia ouvir falar. É por isso que tem lá no meio do mato o quilombo, a roça (de candomblé) para se cuidar, era perseguido e tudo, tá? Então Mãe Senhora, nos anos 40, começou a chegar nas autoridades, com seu conhecimento, com o seu jeitinho e foi se acomodando, dali veio um outro, um outro, é que aí foi a religião aparecendo, Comunidade de Terreiro, o Terreiro, o Barracão de fulano, de sicrano. A roça de fulano, a roça de sicrano. O Ylê Axé de sicrano. Que Ylê Axé é Templo Religioso. Ylê é uma casa de força espiritual; Òpó é o sustento; Omim é água, então, o Ylê Axé Òpó Omim é Templo Religioso sustentado por Oxum. Então, os nossos ancestrais, teve esse sofrimento, é por isso que a gente fala 'vamo cultuar os nossos ancestrais!' Você tem que cultuar o que os seus ancestrais deixa para você! Por isso que eu falo 'tem que jogar os búzios; tem que ver que carrego que é; que carrego que me tá; como é que você chegou aqui até hoje; e o que os seus ancestrais diz'. Entendeu? (Apêndice A, p. 115).

Nossa, realmente é muita coisa, muitos sentimentos, muitas vidas e muito sofrimento! Nossa ancestralidade é tudo em nossa trajetória. E novamente me vem a questão: como viveram os meus ancestrais? Por quais sofrimentos e dores elas, eles e iles não passaram? Lágrimas me correm pelos olhos novamente. Sobre essa questão, eu sinto essa ancestralidade em mim, em minha vida, mas sei pouquíssimas coisas. Fabulações. Me contento com os aconchegos que elas, eles e iles me dão. E que abraço ancestral afetivo delicioso!

Mãe Omin continua:

- Porque você sabe, que quando você se iniciou quem era os seus ancestrais da família, de seu pai! Então, você entendeu? Isso é uma ancestralidade de família! Então, a gente tem que rezar, tem que fazer,

mesmo o teu pai ou a tua mãe, sabendo ou não sabendo, é importante que você faça por eles! (Apêndice A, p. 115 e 116).

É... uma responsabilidade ancestral que eu tenho com a minha família! E que responsabilidade! Tentei por muito tempo fugir dessa questão. Me esquivava frente a qualquer possibilidade de cuidado espiritual, ainda mais no Candomblé, pois sabia e sentia que teria que cuidar desse lado espiritual familiar. Mas claro, muitas vezes achava que essa questão ancestral não era problema meu, que meu problema era somente com a minha vida terrena mesmo. E que engano! Passei anos me iludindo com esse pensamento mesquinho e individualista. Mas hoje em dia, sei da importância dos meus ancestrais em minha vida. Entendo suas lutas, suas dores e sofrimentos. Rezo por elas, eles e iles e respeito cada dia mais quem viveu e morreu antes de mim. Não digo que seja fácil ou simples saber dessas dores, mas é um amor ancestral muito afetivo, que me motiva a seguir pelos meus caminhos dissidentes de lutas e carinhos!

Sobre as questões acerca da ancestralidade, Mãe Omin continua:

- É onde começa a cuidar (da ancestralidade), as coisas começam a clarear, a ter paz, a gente para pra pensar, tem um pouco mais de sabedoria, de alegria, GOSTA do Orixá, GOSTA de estar no terreiro, na sua comunidade. Então, isso é cultuar os seus ancestrais! Porque nossos ancestrais deixou isso pra nós. Nossos ancestrais querem que a gente se sinta livre de todos esses problemas que eles tiveram! Então, se é isso que quer, vamos cuidar! Porque nós somos uma continuidade! Eu sempre falo 'existe o início, o meio e o fim'. O início foi muito longe, lá atrás, de sofrimento, de tudo isso que nós tamo falando; o meio é o que nós ainda tamo passando, ainda tem o fim ainda. Porque todos nós temos um caminho pra viver, um tempo contado. Eu sempre falo 'o paraíso a gente tem um tempo pra viver e tem um tempo pra deixar' eu sempre falo 'é o que a gente tá fazendo aqui e que a gente nem sabe pra onde a gente vai amanhã ou depois'. Mas eu sei pra onde eu vou! Que eu vou continuar na roça, cuidando de todos! (Apêndice A, p. 116).

Axé, minha Mãe!

Rimos e muito, afinal, já ouvi, realmente, algumas vezes minha Mãe dizendo que vai continuar na egbé, cuidando da comunidade e dando claro, uns beliscões! É

muito bonito o amor e devoção que minha Mãe tem aos Orixás, ancestrais e catiços. Sempre me emociono em cada fala dela a respeito disso. E como eu aprendo. São aprendizados de corpo, de alma, sentada no aperê²⁸ bem abaixo dela. E como eu aprendo! São ensinamentos de vida passados de forma oral. E vai cometer um erro já ensinado, você leva uma ubiatalá²⁹ e aprende a forma correta mais uma vez. Acho tão bonito a forma que os ensinamentos são passados em minha casa! Todos os dias eu aprendo com as minhas Mães, com meus mais velhos e inclusive com meus mais novos. É um eterno aprendizado e tenho plena consciência que um dia irei morrer e não terei aprendido tudo sobre a vida e a religião.

São 35 anos de Ylê Axé Òpó Omim. Minha atual idade, inclusive. Reflito muito sobre esses meus anos de vida. Quanta coisa vivi, aprendi, acertei e errei. Um caminho que se faz ao caminhar pelas encruzilhadas da vida. 35 anos de caminhada. Às vezes, me sinto uma jovem senhora; outras uma criança velha! Mas sei que ainda tenho muita estrada para percorrer; poeira para sentir e aprender.

Sobre os 35 anos de Axé, Mãe Omin comenta:

- É muita história! É muita luta! Foi uma luta, assim, muito grande. Foi assim, muito difícil essa luta, mas eu encarei como uma missão bonita, porque na realidade foi bonita. Foi um sofrimento, uma dor gostosa, porque você via a alegria de uma comunidade; de uma criança; de uma velha; de um velho; sabe, de uma mãe; de um pai; de um pai preso; de uma mãe presa; de uma criança que tinha o pai preso e você levava alegria, que ele sabia que você ia lá na cadeia ajudar o pai, a mãe! Então, isso é bom! Esse menino que tá aí, (Mãe Omin fala sobre um filho de santo), ele sabe de muita coisa da comunidade, porque ele era adolescente, ia pra escola com a Mãe Odé e sabia de tudo que eu fazia na comunidade. Então, se eu olhar para trás, eu sempre falo pra vocês: 'eu tô cansada, porque eu trabalhei tanto na comunidade, fiz tanto projeto, que hoje eu não tenho mais estrutura para isso'. Porque foram 30 anos sofrido numa comunidade, do entorno do Axé! Então, eu quero um pouco mais de paz. Mais assim, um pouco mais de paz, mas vocês e mais coisas, e essa vontade de

²⁸ Aperê - banco baixo para Iyawo se sentar. No candomblé, Iyawo não fica na mesma altura que Mãe ou Pai de Santo, assim como, não olhamos de frente, na mesma altura, para seus olhos.

²⁹ Ubiatalá - bronca; chamada de atenção.

levar ao próximo conhecimento pra gente ter a matéria mais sagrada, mais cuidada, né, que são as prevenções das ISTs, HIV/AIDS e essas doenças que tá vindo. Então, quer dizer assim, eu ainda me sinto uma jovem senhora! Tentando daqui pra frente dar responsabilidade para vocês do Axé! (Apêndice A, p. 118 e 119).

Motumbá, minha Mãe!

- Motumbaxé!

3.4 Família Ancestral

Mais uma tentativa de ir para Piraju, SP, para conversar com meus avós maternos sobre as suas ancestralidades. Dessa vez deu certo! Páscoa de 2023. Momento muito importante para os meus avós, a ressurreição de Cristo. Cheguei ainda cedo na casa deles. Sexta-feira santa para eles, mas para nós do Candomblé, todas as sexta-feiras são santas, vestimos branco e dedicamos o dia a Oxalá. Logo ao entrar em sua casa, tirei os sapatos da rua, pedi bênção aos meus mais velhos e meu avô me perguntou:

- Como você passa a sexta-feira santa?

Um grande vazio me veio à cabeça. Como eu passo esse dia? Há anos eu não frequento mais os rituais católicos. Respondi prontamente: de branco, vô. Toda sexta-feira é santa para nós! Eu realmente não sei se eles sabem que sou filha de santo e que frequento o candomblé. Que coisa, né Lari? Pois é, um tabu, que pode ser que exista só na minha cabeça. Mas ainda sim, uma questão que nunca falei abertamente para eles.

Assisti a muitas missas e celebrações católicas pela televisão nesses três dias que fiquei em Piraju. Muitas lembranças me povoaram o corpo. Recordei de muitos momentos em família, em celebração e também dos porquês não sou mais católica. Lembrei-me de que a religião familiar não havia sido uma escolha para mim como foi para meu vô Hélio. Me contando sobre suas histórias e lembranças, ele me disse que escolheu ser católico. Eu não. Assim como meus pais, o catolicismo foi uma imposição familiar. Mas sim, foi uma escolha e decisão minha deixar de ser. E como é difícil. Não é algo muito simples, pelo menos para mim não foi. Sempre senti que não era esse o meu caminho espiritual, mas o que seria então? Levou anos, 30 anos para eu enfim entender, aceitar e trilhar minhas próprias encruzilhadas. Deixar

de ver o pecado e os binarismos da colonização católica me fizeram ver as potências da vida e a encarar as incertezas, as dúvidas e os fracassos com maior leveza. Ser um corpo dissidente, é viver os fracassos da sociedade Cis-Hetero-Branca-Patriarcal-Capitalista-Hegemônica. Sou um corpo-potência em fracassos e em encruzilhadas. Sou um corpo ação, que se faz no verbo.

Olhar para meus avôs, com ternura, é olhar minha própria vida com mais dissidências. É olhar os esquecimentos de minha vózinha com ainda mais amor. Vovó Ziza me confidencia:

- Filha, sonhei com nossa conversa. O que vou dizer para você sobre minha ancestralidade? Não me lembro ou não sei, quem sabia muito bem sobre minha família era a Tia Alice (irmã falecida de minha vovó). (Apêndice B, p. 123).

É, essa senhora sabia realmente tudo. Mas não se encontra mais no plano dos vivos para me contar essas histórias. Mas me recordo quando era criança e visitava as irmãs e irmãos de meus avós em Manduri, SP. Eram tardes compridas, regadas de sucos, cafés, pães e doces. Muitos doces! Era uma peregrinação, de casa em casa. Mesas fartas e abundâncias de conversas. Era criança, mas me recordo muito bem desses dias de sol e aconchego ancestral.

Figura 4: Ancestralidades Materna (da esquerda para a direita: Vovô Hélio e Vovó Ziza)



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2023. Acervo: pessoal.

Vovó Ziza, Adalgisa Oliveira Menezes, me conta com olhar profundo, nostálgico e sorriso de canto de boca:

- O que me lembro de minha mãe, Julieta Nunes de Oliveira, é que ela ensinava muita coisa, com inocência! Não era muito declarado. (Apêndice B, p. 123).

Via através de seu olhar sua incessante tentativa de se lembrar de sua mama. E esse olhar me enchia os olhos de lágrimas e apertos no coração. Será que vou me esquecer ainda mais das coisas? Tenho sérios lapsos de memória, em decorrência das crises de mania da bipolaridade. Hoje em dia, tenho muitas dificuldades em gravar e lembrar das coisas. Muita gente fica brava comigo, pois me esqueço de momentos importantes, assim como datas, nome de pessoas, momentos vividos e de textos que leio. Tenho as marcas no corpo, das faltas de lembranças. Então, ver minha vózinha buscando e apertando as memórias para me contar sobre sua ancestralidade, mexeu muito comigo. Tenho um profundo carinho por essa avó e muito apreço por todas as matriarcas de minha família, vivas ou no Orun³⁰.

Vovó Ziza continua:

- Eu nasci em Manduri, SP, em um sítio, no bairro de Araras. Minha criação foi muito rígida. Minha mãe ensinava muito bem, mas ela tinha pouca leitura. Meus pais eram de Manduri mesmo, filhos de portugueses. Eles sabiam ler. Eu sempre fui católica, meus pais eram católicos. Minha mãe andava 9 km para ir na missa e toda primeira sexta-feira do mês ela ia para o apostólico de oração. A gente era do sítio, não tinha médicos, mas tinha benzedeira e parteira. Mas eu nunca fui benzida, do que eu me lembre, mas meu irmão sim. Ele foi operado em casa, do intestino. Naquela época, não tinha médico. Mas 2 horas depois, ele teve hemorragia. Um senhor veio em casa e foi logo depois na casa de um benzedor, curador. E do nada ele parou de sangrar. Meus avós vieram para o Brasil, de Portugal, mas eu não sei o porquê. Os pais de minha mãe morreram quando ela tinha 4 anos e minha avó por parte de pai morreu cedo também. Família a gente tem que ter respeito. Não conheci meus avós, mas em fotografia. Os

³⁰ Orun - Na cosmogonia lorubá, o Orun é um mundo espiritual que vive em paralelo, não em antagonismo, com o Aiê, a terra.

ensinamentos são passados de geração em geração e levamos. Alguns acreditam, outros não. Eu estudei até a terceira série, no sítio. Conheci seu avô com 18 anos. Ele morava perto de casa. Casei com 19 anos. Hoje tem 64 anos que estamos juntos. Nunca brigamos, somos companheiros desde sempre. (Apêndice B, p. 127).

Vovó é uma mulher porreta. Criou 6 filhos com muito carinho e também rigidez na educação. Percebo que a questão da educação formal e informal é algo presente em minha família materna há gerações! Também fui criada sabendo da importância da educação na vida das pessoas, mas em minha família, papa (Domingos) e mama (Rosângela) me criaram com bem menos rigidez do que eles tiveram com seus pais. Mas sempre a educação, presente e viva em minha família e em minhas encruzilhadas.

Ancestralidade

percebo com cada vez mais afinco minha matriarcas
As sinto cada vez mais em meu corpo

Em mulheridades, redes se traçam
e a percepção das subalternidade se fazem ainda mais presentes

Família, a que não escolhemos
a que recebemos com suas alegrias e sofrimentos
Em diálogos, soam os meus eus
Família da mestiçagem
das relações interraciais
de grandes amores e também de submissões

Evoco meus ancestrais
Faço coro de suas vivências
Em alegrias, dores e muito trabalho
do remunerado, ao trabalho delegado às mulheres e não recompensados

Das filhas
Em histórias perdidas as invenções dos mitos de família

Sinto as criações

das mais verdadeiras às histórias fabuladas
Da imaginação da real história de família,
a criação de mundos e fantasias reais

Fabulo as minhas
em veias e teias
as minhas mulheres ancestrais
Traço pontes
pinguelas
e também caravelas

Corro, com a imaginação a milhões de sinapses
as histórias de família
E em afetos ancestrais
vejo as potências da vida

Pergunto ao meu vovô Hélio sobre o que ele lembra e recorda de seus pais:

- Minha mãe, Maria Gonçalves de Menezes, nasceu em São João da Boa Vista, MG. Ela ficou órfã de pai e minha avó veio morar no Óleo, SP. Minha mãe foi criada no Óleo. Existe a casa ainda e o Beco onde meus pais dançavam. Meus pais gostavam muito de dançar! Meu pai, Otávio Norberto de Menezes, tocava também nos bailes o violão. (Apêndice B, p. 128).

Observo os olhos de meu avô. Sempre que ele fala sobre seu pai, meu bisavô Otávio, ele se emociona muito. Vovô Hélio continua com um olhar mareado:

- Meu pai era para mim um herói, super pai. Ele tinha pouco vocabulário. Me lembro que em 1954 eu cheguei da escola e ele perguntou como fazia todos os dias: “O que aprendeu hoje na escola?” Hoje eu aprendi sobre as estações do ano, quantos dias tem o ano. “Quantos dias tem o ano?” 365 dias! “Tá faltando alguma coisa. São 365 dias e 6 horas e cada 4 anos tem 1 dia a mais, que é o ano bissexto!” (Apêndice B, p. 130).

Meu avô solta uma deliciosa gargalhada! Vovô Hélio sempre que se recorda de seu pai, meu bisavô Otávio, carrega em suas falas grande orgulho de seu pai:

- Ele era muito esforçado! Ele tinha comprado livros do Monteiro Lobato, mas como o vocabulário era pouco, ele então comprou um dicionário. Ele fez um pomar e sabia que algumas árvores morriam depois de um tempo. Então, embaixo dessas árvores, ele plantava uma outra espécie, para sempre ter um número de plantas frutíferas. Eu cuido de plantas, de casa, da cidade e de Manduri (cidade vizinha à Piraju onde meus avós nasceram) também. Enfeitando o mundo e tirando lixo da rua. Eu fazia por mim, mas depois que li a encíclica do papa, eu tive um objetivo. Eu criei meus filhos em cima do rio. Cato tudo para não ir para o rio. (Apêndice B, p. 130 e 131).

Após uma breve pausa, vovó volta a falar sobre meu bisavô.

- O vô Otávio nasceu em Itabira de Mato Adentro, MG. Ele veio para o Óleo, SP com 6 anos. Na minha família teve muitas histórias, mitos e invenções. Teve até a história de uma tia que morreu queimada em Itabira, mas um parente, que inclusive mora em Londrina, PR, fazendo a árvore genealógica, descobriu que essa tia nunca existiu. São histórias, fantasia de família. Diz também que em Itabira a família tinha Casa Grande Senzala, mas essa casa também não existiu. A casa era grande, mas moravam animais embaixo dela! (Apêndice B, p. 131).

Indago, então, meu avô sobre a questão da Casa Grande e da Senzala. De onde nós viemos? Da Casa Grande ou da Senzala, vô?

- A marca da raça negra ficou na miscigenação. Tive tios negros e morenos. Meu pai era moreno de olhos verdes, segundo a cartilha de alistamento no exército. A parte negra, afrodescendente, veio do meu avô por parte de pai. Minha avó, sua bisa, Eugênia Andrade de Menezes, era prima do escritor Mário de Andrade! (Apêndice B, p. 132).

Essa história eu já tinha ouvido falar, mas achava que era mais um mito familiar, sabe? Rio muito e meu avô também! Vovô continua:

- Meus avós por parte de pai, tinham um certo recurso financeiro e vieram para o Óleo, SP. Tiveram algumas brigas por conta de terras e meu pai comprou um sitinho de 5 alqueires de um padrinho em Manduri, SP. Lá ele plantava de tudo e muitas frutas. Com uma carrocinha, ele ia para a cidade vender e fazia muitas graças com as

crianças! Somos 10 irmãos, igual a sua Vovó Ziza, mas eu sou o 6º filho e ela a caçula. (Apêndice B, p. 133).

Vovô, me fala uma questão: onde entrou a religião católica em nossa família?

- A função religiosa nossa vem da busca! Meus pais não eram religiosos. Eu pratico a religião. Não existe 'muito religioso', nem o padre o é! (Apêndice B, p. 134).

Vovô cai em gargalhadas!

- Até 1954 eu tinha sido só batizado, feito a primeira comunhão e a crisma. Meus amigos do trabalho me falavam para ir na Igreja, mas eu não queria saber de Igreja! Até que neste ano, teve visita de missionários portugueses com a imagem de Nossa Senhora de Fátima e eu fui tocado, Deus me chamou. Eu queria entrar para a Congregação, mas me disseram que eu não servia nem para varrer o chão! Tempos depois, 3 meses, fui presidente da Congregação! Diziam que eu não sabia rezar o terço. Eu decorei todos os mistérios, 15 na época. Hoje são 20 mistérios, João Paulo II colocou mais 5 que são o rosário. Eu decorei todos os livros e ladainhas! Era para eu ser um Don Juan! (Apêndice B, p. 134 e 135).

Vovô solta mais uma alta gargalhada. O que é isso vô? Don Juan?

- Mulherengo! (Apêndice B, p. 135).

Mais risos, mas dessa vez eu e Vovó Ziza rimos junto com o vovô!

- Todos nós vivemos pela fé e não sabemos. Fé é acreditar, acreditar no que não se vê. Somos seres gregários. Existem outras fé, vamos somar! (Apêndice B, p. 137).

E a ancestralidade, vovô? Como o senhor acha que ela se dá em nossas vidas?

- Ancestralidade passa nos ensinamentos e traços genéticos. Até as anomalias, os 6 dedos, dedos tortos nas falanges da sua vó. Você tem o dedo torto também? (Apêndice B, p. 138).

Eu não, vô! Só a minha irmã, a Rha! Então, o dedo torto de toda a família é culpa do meu bisavô por parte de vó? Eu, meu vovô e vovó caímos em gargalhadas! Sobre a questão acerca da ancestralidade, vovô Hélio continua:

- Eu sou uma pessoa branca, mas sou um afrodescendente que entrou lá em Minas, por parte de pai. Por parte de mãe nasceram na

Espanha, naquela cidade de um time famoso, você sabe? (Apêndice B, p. 139).

Barcelona, vô?

- Isso! (Apêndice B, p. 139).

Risos.

- E a maior característica afrodescendente que sei, em nossa família, é o cabelo! (Apêndice B, p. 140).

Após esse feriado religioso de conversas afetivas ancestrais com meus avós maternos, muitas sensações e memórias percorrem o meu corpo. Sou tomada pelas histórias, algumas eu até já sabia, outras não. E a questão das histórias inventadas, esquecidas e dos mitos familiares não saem de minha cabeça e imaginação, afinal, ao povo afrodescendente a memória lhes foi negada, permanecendo assim, as fabulações. Quem sabe um dia, faço uma viagem ancestral a Itabira, atrás dos lugares, caminhos e encruzilhadas dos Andrades e Menezes!

4. XIRÊ ANCESTRAL

Última volta dessa espiral cartográfica ancestral. Penúltima (Im)Permanência. E nesse momento a escrita perpassa os tempos. Aqui, passado, presente e futuro se mesclam ainda mais em uma dança ancestral. Nesse “Xirê Ancestral” os movimentos se tornam cada vez mais rápidos. As voltas se tornam mais urgentes nas correntes anti-horárias, decoloniais e contra-hegemônicas. O coração bate cada vez mais rápido, simulando os atabaques que tomam conta do barracão nos dias de festas. O corpo se agita em movimentos espiralados. Transe. Pausa. Suspensão do tempo-corpo, do corpo-sabedoria e do corpo-ancestralidades.

Aqui, os tempos se mesclam ainda mais a fim de se tornarem continuidade. As voltas da espiral anti-horária se confluem em pertencimento, memória ancestral e corpo. A fotografia ancestral, documental, poética e antropofágica ganha espaço para outras narrativas de memória, fabulações e de histórias em continuidades.

Nas próximas quatro “Contas”, outras vivências serão desenhadas e dançadas na multiplicidade de existências possíveis. Em “Continuidade”, as relações dos tempos espiralados será deflagrada em uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana em continuidade e movimentos permanentes de (trans)formações, mas que tem suas raízes fincadas nas tradições e base hierárquica. “Vivências de uma Iyawo” traz à tona discussões sobre as relações de aprendizado e experiências de eu ser uma pessoa nova no santo, que está em fase de viver o Candomblé com olhos de um eterno aprendiz. Em “Memórias de uma iyawo fotógrafa” as relações traçadas são sobre o ato de olhar a fotografia ancestral, documental, poética e antropofágica de Candomblé com os olhos de uma fotógrafa que vive o clicar a câmera fotográfica enquanto um corpo ancestral e artístico. Por fim, “Conservar, viver, permanecer” relaciona a importância da existência do acervo histórico-cultural do Ylê Axé Òpó Omim enquanto um patrimônio imaterial vivo de memória, resistência e luta por sobrevivência de uma das Comunidades de Matrizes Africanas mais antiga em continuidade e permanência em território londrinense.

Xirê Ancestral
(Im)Permanência
da memória
da continuidade

da ancestralidade e da arte

A força da matripotência das Iyas em eterna continuidade
da pluralidade das existências

O tempo passa
passando
levando
e trazendo
os dias consigo

O hoje
o ontem
o amanhã

Qual o tempo ancestral?

Danças
embalando
corpos em movimentos
em transe espiralados
em atabaques cardíacos

Suor
exaustão
Axé

Fotografias ancestrais
imagens antropofágicas
imagens transe encarnado
Imagens CORPO

Qual o tempo das imagens ancestrais?

(continua)

4.1 Continuidade

Em movimentos corpóreos
epistemológicos
(a)parentais
continuamos
existências ancestrais

Em uma comunidade de terreiro, sempre pensamos no fator da continuidade. Como minha matriarca, sempre fala: “tudo tem um começo, meio e fim”. O início do Ylê Axé Òpó Omim se constituiu com a sua fundação pela Mãe Omin e tem como sucessora a sua neta, a Iyazinha de Oxum. O fator tempo é algo muito presente no cotidiano da egbé, assim como a permanência da memória e do respeito à hierarquia. Ao refletir sobre a continuidade de minha casa, penso em minha família, no borrão escuro que ainda permeia minha ancestralidade afrodescendente. Sei que o início do meu caminho espiritual se deu muito antes da minha existência, provavelmente com meus bisavós em Itabira, MG, por parte materna ou quem sabe, por parte dos meus bisavós espanhóis paterno. A questão da miscigenação no Brasil é o que nos constitui inclusive como pátria, e eu sou essa mistura, fruto dos processos afro-diaspóricos como também dos processos de embranquecimento da população brasileira com a vinda dos europeus no início do século XX. Sou sim, uma corpa dissidente branca de pele e ancestrais negros e minha continuidade é algo que sempre me permeia os pensamentos. Continuidade, eita palavrinha que sempre me sou heteronormativa, mas que podemos decolonizá-la também através das lutas contra-hegemônicas! Como posso ser continuidade? Hoje penso que através dos enfrentamentos cotidianos contra o CISTema!

E com essa reflexão sobre a continuidade do Ylê Axé Òpó Omim, converso com a Mãe Omin. Mostro-lhe algumas fotografias e com sorriso no rosto, olhar alegre e emocionado, minha Mãe olha imagem por imagem e fala quase que imediatamente sobre cada fotografia:

Figura 5: A construção do Palácio de Mamãe Oxum



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2023. Acervo: Ylê Axé Ôpó Omim.

- Nossa, essa foto, o início da construção do Ylê Axé Ôpó Omim lá na chácara! É tudo né?! A gente esperou esses 35 anos para ter a terra própria do Orixá, porque aqui, no Axé, a roça está em propriedade de Mãe Omin e dos filhos da Mãe Omin. E com muita luta e dificuldade, a gente conseguiu, os filhos né, comprando a terra pra gente construir. Então, não tem nem palavras! É uma alegria muito grande! (Apêndice A, p. 120 e 121)

Realmente, depois de muitas batalhas, dificuldades inúmeras, enfim está sendo construído o Palácio de Mamãe Oxum e a casa dos nossos orixás! A chácara fica em uma área rural na extrema Zona Sul de Londrina. Um terreno em que é composto por área de mata nativa e pelo Ribeirão Três Bocas. Nesse território, estamos construindo atualmente o Barracão, onde acontecerá as festividades; as casas dos orixás e também está sendo plantado várias árvores nativas da região para fins de reflorestamento, além das ervas sagradas dos Orixás. A data prevista de inauguração é dezembro de 2023, quando irá ocorrer a grande festa anual de Mamãe Oxum e as comemorações de 35 anos de Ylê Axé Ôpó Omim.

Ver o projeto de construção do Palácio de Mamãe Oxum sendo realizado é algo que sou tomada por muita emoção, pois construir esse espaço é além de uma

luta financeira, uma conquista e memória viva de uma comunidade em expansão, mas que mantém cotidianamente suas raízes ancestrais!

Figura 6: A herdeira



Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Essa fotografia é a herdeira do Axé, a Iyalaxé Iyázinha de Oxum, Jennifer! Tudo de mais, né?! É uma emoção grande, porque é minha neta, né! Então a gente fica feliz! Ela vai carregar toda essa alegria, pegando de bandeja tudo pronto, né, já meio caminho andado. Essa é a herdeira do Ylê Axé Òpó Omim! (Apêndice A, p. 121).

Nesta imagem, vemos a herdeira do Ylê Axé Òpó Omim, a Iyazinha de Oxum e filha carnal de Mãe Odé, sentada ainda pequenina no trono de Mamãe Oxum. Jennifer já nasceu Mãe e sucessora da egbé! “Não é querer, é nascer para!”, como sempre nos fala Mãe Omin! Iyazinha carrega desde o seu nascimento a missão de ser Mãe de Santo, nossa Mãe e por meio também de sua navalha, eu nasci para o Orixá.

Figura 7: Vó e Neta: Mães



Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Essa imagem é uma alegria! Entrando com ela (Mãe Omin e Iyazinha de Oxum entrando em uma festa de Orixá). Olha a felicidade dela de entrar no barracão junto com a avó dela! Então, isso é uma alegria muito grande! Porque ela foi criada, ela ta aprendendo tudo que ela precisa ser. Ela já entrava no barracão com a vó dela com aquela imponência de alegria, 'tô chegando', 'cheguei', então isso pra mim é uma alegria grande! (Apêndice A, p. 121).

Ao ver essa fotografia, reflito muito sobre a questão da responsabilidade que deve ser Mãe de Santo. Assim como Mãe Omin, Iyazinha de Oxum nasceu para cuidar das ancestralidades e da vida das filhas, dos filhos e filhas de santo. E que responsabilidade! Eu nem imagino o tamanho que é essa missão: cuidar de vidas e zelar pela espiritualidade!

Essa foto congelou no tempo das imagens um momento único e emblemático no rito do Candomblé: a entrada das Mães de Santo no Barracão e em que elas pedem as bênçãos para a casa. São segundos muito simbólicos, em que os Iyawos estão de cabeça no chão e não podem olhar esse momento em sinal de respeito à

hierarquia. Nos dias de festa, em que sou uma lyawo fotógrafa, eu tenho o agô dos orixás e das Mães para fotografar esses momentos e de poder estar em pé.

Figura 8: Saída de Santo de Mãe Odé

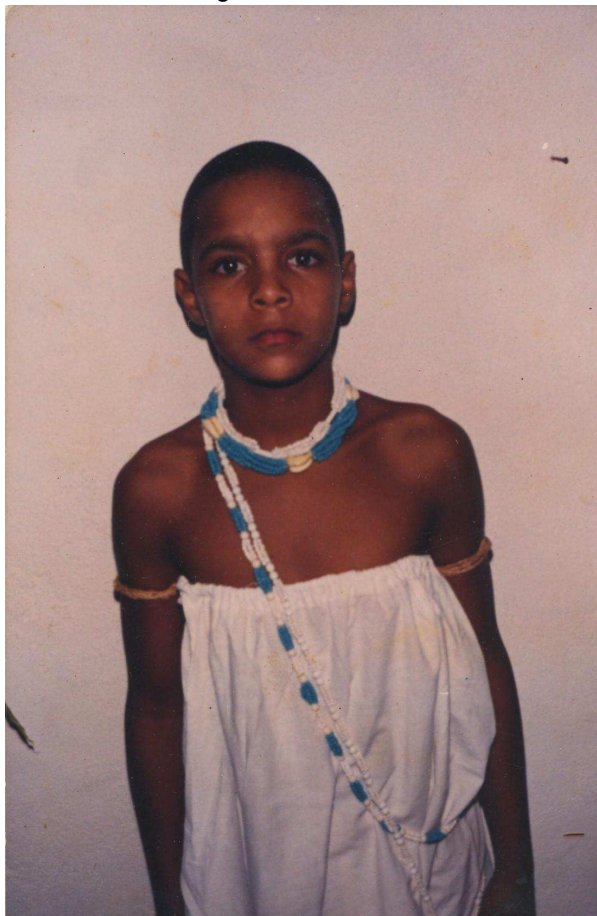


Fonte: Acervo Ylê Axé Ôpó Omim.

- Mãe Odé, nossa, Mãe Odé quando nasceu no santo, eita! A Mãe Pequena do Ylê Axé Ôpó Omim! Isso não tem nem palavra, né?! A única filha que eu pari e Oxum catou depressa pra cuidar do Axé dela, então é a Mãe Pequena da casa, é um pedaço do Axé, é um pedaço meu, um pedaço de todos vocês! (Apêndice A, p. 121).

Nesta imagem, vemos a saída da feitura de santo da Mãe Pequena, a lyakekerê do Ylê Axé Ôpó Omim, a Mãe Odé em 1988, ainda criança, com suas roupas brancas e fios de conta azul de Odé, Oxóssi. Dentre as várias funções de Mãe Odé em nosso Ylê, ela é uma pessoa muito carinhosa em seus conselhos, ensinamentos e acolhimento aos filhos, filhas e filhas de santo. Uma Mãe sempre presente nos cuidados e zelos ao sagrado. Quantas coisas eu devo à Mãe Odé pelo colo nos dias de desespero e amparo às dores e dúvidas!

Figura 9: Mãe Odé

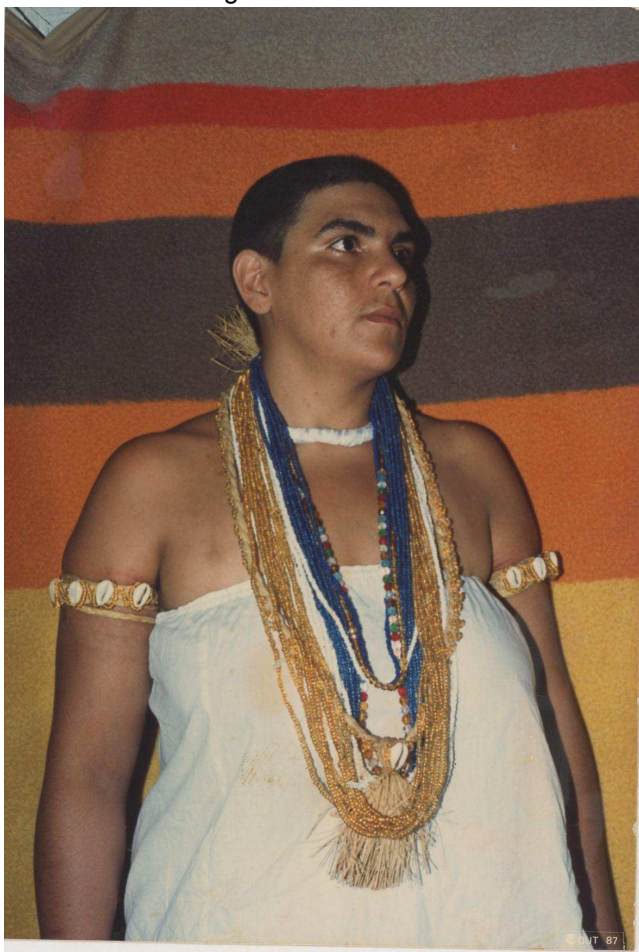


Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Mãe Odé quando se iniciou! Eita lalá! Ela iniciou dia 17/12/1988. Mãe Odé tinha um problema sério na cabeça e aí eu tive que iniciar ela tão cedo no santo. E deu certo! Ela tá aí: bela, linda, formosa! (Apêndice A, p. 121).

Mãe Omin sempre fala com muito carinho sobre sua única filha parida, a Mãe Odé, e nos conta com frequência sobre a necessidade de iniciá-la ao candomblé. Ela necessitou fazer o santo ainda criança, por questões de saúde, e desde muito cedo também teve a responsabilidade espiritual de ser Mãe de Santo. Ao refletir sobre a necessidade de saúde de Mãe Odé para ter que fazer o santo e ser Mãe Pequena, me vem sempre a cabeça: por que temos que nos iniciarmos ao culto dos orixás? E logo por imediato me ocorre o ensinamento de Mãe Omin: “não fazemos o santo por beleza ou porque achamos bonito, fazemos por alguma necessidade!”. E assim me foi também: tive que fazer o santo devido a necessidades ancestrais e de minha vida.

Figura 10: Mãe Omin



Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Aqui foi quando eu me iniciei no santo! Aqui foi, assim, uma necessidade grande, onde Mãe Omin se encontrou com a vida! Se encontrou com o Orixá! Porque havia muito sofrimento na minha vida até então! Porque eu tinha uma missão a cumprir com os Orixás, ser Mãe! E é uma coisa: querer não é poder, né?! Eu tinha que ser! Aqui nasce a grande mulher, Mãe Omin! (Apêndice A, p. 121).

Essa fotografia, que encontra-se pregada no quarto de santo de Mamãe Oxum, é uma imagem com grande poder simbólico. É o momento em que em 1987, Terezinha Pereira da Silva se torna Mãe Omin. Aqui nasce a Iyawo vestida com as jóias dos orixás, como os Fios de Contas³¹ e o Quelé³² que está envolta de um

³¹ Fios de Conta - São os colares em miçangas ou outras pedrarias que são nas cores dos Orixás. Os Fios de Conta são um dos grandes símbolos da cosmogonia lorubá no Candomblé, sendo, portanto, representação sagrada para os adeptos da religião.

³² Quelé - é uma das jóias dos Orixás que são usadas quando a pessoa é iniciada no Candomblé. Sua cor de pedraria depende do tipo de Orixá em que a pessoa é feita. No Ylê Axé Òpó Omim, quando estamos recolhidos para realizar o processo de iniciação ao Orixá, uma das coisas que fazemos nesse momento são os Fios de Conta e o Quelé.

tecido branco no pescoço, que depois de um ano, em 1988, iria fundar a primeira casa de Candomblé Ketu em Londrina, o Ylê Axé Òpó Omim.

E como essa imagem é carregada de poder simbólico, pois é o retrato do nascimento de uma nova mulher! E essa nova pessoa que surge já se torna grande, poderosa, repleta de responsabilidades e compromissos com a vida, a ancestralidade e o sagrado. Mãe Omin, minha mãe espiritual, aquela que eu confio plenamente para me guiar, me aconselhar e me conduzir neste caminho de vida, saúde e prosperidade!

Figura 11: Oxum Opará



Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Essa foto, Mamãe Oxum tomando banho! Essa (fotografia) é o nascimento de Oxum, 26/09/1987, no Palácio de Oyá no Pai Matambelê, no Axé Viva Deus! (Apêndice A, p. 121).

Nesta imagem, vemos a primeira aparição de Mamãe Oxum Opará³³, na saída da feitura de santo de Mãe Omin. Opará está vestida com sua primeira roupa, toda amarela, portando até³⁴ e suas jóias. É o momento do Run³⁵ de Oxum, em que ela faz o fundamento de tomar banho. Essa imagem, que faz parte do acervo histórico do Ylê Axé Òpó Omim, simboliza o nascimento de uma tradição ancestral e

³³ Opará - é uma qualidade (tipo) de Oxum

³⁴ Até - coroa dos Orixás

³⁵ Run - é o momento da dança do Orixá em volta do Xirê

de uma continuidade presente há mais de 35 anos, além de carregar no tempo das imagens uma energia e potência latente do que é a Oxum Opará.

Lembro-me de quando vi que vi esse Orixá, na festa de 30 anos do Ylê Axé Òpó Omim em 2018, quando fui fotografar. Não entendia nada sobre Orixás, mas sentia sua energia em meus poros. Era a primeira vez que ia a uma Festa dos Orixás e via Oxum Opará. O sentimento e emoção, que recordo ainda hoje no meu corpo, desse momento é gigantesco: amor e acolhimento. Muitas vezes, tenho dificuldades de explicar o que é o Candomblé em minha casa ou que são os Orixás, pois as palavras não são suficientes para explicar o sentir do Axé. É tanta potência, vida, energia e coisas boas, que a razão não dá conta de explicar a corporeidade do sentir. É como Mãe Omin sempre nos fala: “Orixá é vida”, que perpassa a simples dualidade do sentir e racionalizar.

Figura 12: Oxum Opará



Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Essa foto, de amarelo (Oxum Opará) e de Ogum lá no fundo, é o nascimento do Ylê Axé Òpó Omim, no dia 17/12/1988, onde Oxum se apoderou da casa dela! E lá atrás, o Ogum da finada Mãe Tunirê, que foi a Mãe de Santo da Mãe Odé, que nos deixou recentemente. (Apêndice A, p. 121 e 122).

Esse é o momento do Run da Oxum Opará na festa de fundação do Ylê Axé Òpó Omim na Zona Norte de Londrina em 1988. Esse ano faz 35 anos em que Oxum lidera continuamente com amor incondicional e sabedoria a sua casa e cuida das suas filhas, filhos e filhas de santo independentemente da classe, gênero, raça ou poder aquisitivo.

Ser filha de santo do Ylê Axé Òpó Omim é ser cotidianamente amada, zelada e cuidada por Mamãe Oxum. É saber que tenho uma mãe que está sempre comigo e também que tenho responsabilidade e obrigações de filha com essa mãe.

Figura 13: Ylê Axé Òpó Omim



Fonte: Acervo Ylê Axé Òpó Omim.

- Essa foto é da fachada do Ylê Axé Òpó Omim, que se encontra aqui há mais de 35 anos! (Apêndice A, p. 122).

Antes de ser o Ylê Axé Òpó Omim, essa casa era somente onde Terezinha Pereira da Silva e sua família carnal moravam. Mas, há mais de 35 anos, além de ser a casa de Mãe Omin, é a casa de Oxum. Essa imagem registra o momento em que os mariwós são colocados nas portas e janelas da casa, transformando o espaço em um Ylê, casa sagrada.

No regimento interno do Ylê, está exatamente escrito qual deve ser a cor das paredes, das portas, do chão e dos bancos. Isso ocorre porque cada lugar físico é regido por um Orixá. Ao longo desses 35 anos, houve algumas mudanças na estrutura interna do Ylê, mas nunca de sua fachada e suas cores, pois há

fundamentos e tradições dos Orixás para manter sua característica física que impossibilita alterações.

4.2 Vivências de uma Iyawo

21 dias

Lembro-me como se fosse hoje

21 dias recolhida

Fiz despedida da bebida

1 ano e sete dias sem álcool

Achava impossível viver sem uma gota de cerveja por um dia

1 ano e sete dias sem

Queria?

Não tive vontade

A lembrança da feitura de santo se dá na pele

em cada um desses 21 dias recolhida

A cada Fio de Conta feito, uma memória no corpo

A cada banho de santo, uma sensação nova

21 dias em uma comunidade que não conhecia com tanta vivência

21 dias com pessoas que se tornaram minha família

3 desconhecidos convivendo 24 horas por dia

3 indivíduos

3 histórias e maneiras distintas de encarar a vida

Feitura de santo

Xangô

(Re)nascer

Outra vida

O Orixá

Nova maneira de encarar as coisas

Meu rei

Um giro decolonial absurdo de ver e observar
a potência da vida

Sou uma Iyawo, uma pessoa “rodante” que incorpora o orixá, no meu caso, Xangô. Fui iniciada ao Candomblé em janeiro de 2020, prestes a estourar a pandemia da Covid-19 no Brasil. Atualmente tenho três anos de Santo. Além de ser uma Iyawo, sou a responsável pela documentação fotográfica e audiovisual da minha casa, o Ylê Axé Òpó Omim. Mas o que significa ser uma Iyawo?

São tantos os sentimentos e memórias pulsantes do que isso significa que muitas vezes me faltam palavras para descrever e responder a essa pergunta. Sou tomada realmente por muitos sentimentos e vivências. Cheguei ao Ylê por conta de vida mesmo. Estava muito doente, com crises absurdas de síndrome do pânico em decorrência da minha desistência e relutância em tomar os meus remédios para a bipolaridade. Minha vida, realmente, estava caótica e enlouquecedora. Antes, eu ia em casas de Umbanda, mas sabia, devido a sonhos e visões, que seria o Candomblé o meu caminho espiritual.

A cada dia, um novo aprendizado. Nas barras das saias das minhas mães, conheço um pouquinho mais sobre a vida, o amor, o sagrado e o estar em comunidade. Reinvento os significados de família. Repenso o estar viva e ser uma continuidade de uma ancestralidade muito antes de mim.

Lavar roupa tomou um outro significado. Sinto minha avó paterna, lavadeira de profissão e parteira de missão. Ela se faz presente a cada sabão, espuma e torcer de imensos lençóis brancos. Sinto seu cheiro, o típico sabão que ela mesma fazia e se banhava. Vovó Lúcia, que xingava em uma língua estranha quando estava emputecida, se dizia não espanhola, mas catalã. Recordo-me com tanta vivacidade dessa mulher analfabeta, filha de catalães fugidos das guerras em sua terra natal e que viram no processo de branqueamento do governo brasileiro uma possibilidade de sustento. Prometeram a eles terras, mas o que encontraram foi o intenso trabalho em terras de café no Vale do Ribeira e depois, com a colonização inglesa pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, chegaram à região de Londrina. Vejo vovó em cada pano de prato sujo, que depois de muito esforço, ficam limpinhos no varal. Às vezes até ouço a tal língua estranha em meus ouvidos seguida de um aconchego nas costas. É vovó, sei que a senhora está aqui e presente nos tanques. Lavar roupa realmente tomou outro significado. Troco

qualquer organização do Ylê pelos imensos lençóis e tapetes sujos. O trabalho de lavar e torcer roupas dói o corpo e reconforta a alma. Claro que não lavo roupas na mão em casa, afinal, sou uma pequena burguesa que coloca esse trabalho nas delegações da máquina!

Esses dias mesmo, sonhei com uma senhora negra, em volta de um furacão de “colegas”, cobras, como as chamamos carinhosamente no terreiro. Era braba a mulher. Poderosa. Ela estava ajudando minha Mãe Omin em alguma luta. Depois de um tempo, envolta de muita poeira, essa mulher se apresentava como uma tataravó minha. Acordei. Assustada tentei lembrar se já havia visto essa bela senhora. Não, nunca a vi, mas meu peito se encheu de alegria.

É, tem coisas que não se explicam em palavras mesmo, muito menos com a racionalidade colonizadora que fomos criades. Vovó Lúcia já me falava sobre a realidade da vida não posta em prova pela ciência europeia. Era criança ainda, quando a indagava absolvida pela curiosidade: vovó, como se faz um parto? E me recordo mais ou menos disso: “sei lá minha fia!” Sei lá como, vó? “Ué, fazendo! O Espírito Santo me mostra!” Sabia o que era o Espírito Santo. Frequentei catequese. É, vovó nunca estudou para ser parteira. Vovó, me mostra aqui com a boneca? “Eu já disse minha fia, eu não sei. Na hora o Espírito Santo me mostra como fazer”. E eu aceitava essas explicações com muita empolgação. “Tem coisa, minha fia, que é dom e não se cobra viu?” Vovó dizia que não aceitava nenhum mil réis em troca dos partos, no máximo um pão, se era de bom grado. Vovó ainda dizia que às vezes vovô Miguel, que eu não cheguei a conhecer em vida, a esperava nas altas madrugadas, mas muitas ocasiões vovó voltava embaixo de chuva, muito tarde e por meio dos carregadores de café até a sua casa. Que saudade sinto da senhora, vovó! Mas quem sabe eu receba seu cheirinho qualquer dia desses! A vida de Iyawo tem desses presentes!

Ser Iyawo é estar presente no cotidiano da comunidade. É arrumar horário, espremer a agenda pessoal e achar um tempinho para os afazeres diários, como faxinar a casa. É aprender cada detalhe, como fazer as comidas dos orixás. E claro, em conjunto, não fazemos sozinhos, na maior parte do tempo. Dividimos os serviços, afinal, como toda casa, há muita coisa para arrumar, lavar, cozinhar, organizar, tirar poeira, aguar e por aí vai a lista de tarefas. Estamos nos preparando, agora em março de 2023, para uma festividade grande, a festa de Exu e Pomba Gira, então semanas antes já começam as funções na roça para no dia estar tudo

limpo, lindo, cheiroso e arrumado. Dias de festa é um corre corre danado, mas é tão satisfatório. Realmente faltam palavras para descrever a alegria que é receber o axé do orixá e dos catiços. É um momento mágico e de muito amor.

Ser Iyawo e viver na comunidade, é aprender um pouquinho por vez. E como se aprende! A cada dia é ensinado uma coisinha nova pelas Mães ou através de uma mais velha ou um mais velho. É assim: aprender e ensinar continuamente. Uma espiral eterna. Inclusive em momentos tristes, como em um velório, se aprende sobre a religião e os rituais ancestrais. É um colo, um abraço, uma acolhida, um secar de lágrimas e aprendizado.

Ser de Axé, fazer parte de uma família espiritual é um lugar de encruzilhadas, caminhos, descobertas. Não é o lugar do “ou”, mas sim do “e” em coletividade. É um espaço de aprendizado cotidiano, no campo do fazer e da oralidade. A memória, os saberes, as tradições são passadas pelos mais velhos aos mais novos em todos os momentos, em cada gesto, em cada ação. O amor aos orixás é a base para todo o respeito, hierarquia e continuidade dentro de uma roça de Candomblé.

Irmãos de barco
Que loucura a vida, né?
Fomos feitos juntos
(Re)nascemos
Eu+Vanessa+Gabriel
Dofona de Xângo
Dofonitinha de Iansã
Fomo de Oxaguiã

Rimos juntos
Choramos juntos
Comemos juntos
Banhamos e dormimos juntos nas ervas sagradas

Irmãos de barco
Vivemos em comunhão
Com suas singularidade
Juntos

Irmã e irmão de barco
Como sinto vocês em mim
Nascemos juntos
De sua navalha, Mãe Omin, Mãe Odé e Iyazinha de Oxum
Novas vidas

Da navalha
Um cruzo pelo oceano Atlântico ancestral
Vidas lembradas da Calunga Grande

Não à toa, o Atlântico foi nomeado pelas populações negro-africanas que o atravessaram como “calunga grande”. Se vocês não sabem o que é a calunga grande, eu vos digo: o termo é utilizado para designar o oceano como o “grande cemitério”. (Rufino, 2019, p. 15).

4.3 Memória de uma Iyawo fotógrafa

(Continuação)

Qual o tempo das fotografias ancestrais?

O tempo
espiralado
dançante

O tempo não linear

O tempo corpo encarnado
em transe

O tempo entre
e dentre os corpos

O tempo na memória
como também

nas fabulações

A fotografia ancestral é movimento

compasso de

dança

corpo

suor

transe

exaustão

É a própria antropofagia de existências

Então, por que não?

O Hoje?

Amanhã!

Hoje.

Ontem?

Amanhã.

Ontens...

Hoje, com certeza!

Hoje, portanto.

Hoje?

Ontem, claríssimo.

Amanhã, me disseram.

Amanhã?

ONTEM!

Ontem?

HOJE!

AMANHÃ!

ONTEM!

Espiralado!

Figura 14: Portal para o Sagrado



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

Ao ver a fotografia acima, sou atingida por um turbilhão de sensações, afetos e memórias. Como diz o pensamento do professor e pesquisador Boris Kossoy, “toda a fotografia tem atrás de si uma história” (2014, p. 48). Quais são as histórias que essa fotografia carrega?

Bem, inúmeras. São histórias e memórias minhas, das pessoas presentes nessa imagem, de uma casa de Axé, de uma família de Terreiro, de uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana e de 3 matriarcas, minhas Mães de Santo.

A fotografia acima é a fachada do Ylê Axé Òpó Omim, em dezembro de 2018, momentos antes da festa de Oxum e Oxóssi. É o momento da acolhida, em que os Ogans recebem os convidados.

Lembro-me bem, era novembro de 2018, de quando fui convidada por Mãe Omin para registrar em fotografias a festa de 30 anos de sua casa de axé. Levei um grande susto, na realidade. Fotografar uma festa de Candomblé? Justo em uma cerimônia tão importante? Mas como? Nunca tinha ido a uma festa de Candomblé!

Não conhecia nada, absolutamente nada dessa religião. Eis que Mãe Omin, doce e gentil como sempre, chega em mim e diz:

- Calma, minha filha, são só fotografias! Você não é fotógrafa?

Sou, sou, disse com certeza tremendo.

- Então, te vejo daqui duas semanas na festa!

Oi? Duas semanas? Mas já? Não conheço nada de Candomblé, nunca fui em uma festa, nunca vi orixás, nunca, mas... e assim foram as minhas várias desculpas para tentar fugir dessa responsabilidade fotográfica.

- Fique calma, minha filha, você não precisa saber nada de Candomblé, você precisa sentir e fotografar!

Essas palavras estão gravadas em mim: sentir e fotografar. Que ensinamento! Nunca ouvi de nenhum professor ou mestre estas palavras: sinta e fotografe. Pelo contrário, aprenda a técnica, aprume o olhar e fotografe. Sentir e fotografar, palavras estas carregadas de sensações novas.

Vamos voltar um pouco nessa história, que claro, como você pode perceber não é linear, mas sim espiralar e anti-horária. Sou fotógrafa há mais de 15 anos. Sempre me interessei por fotografias documentais poéticas e etnográficas. Pierre Verger, claro, não podia não me lembrar desse fotógrafo, etnólogo e antropólogo. Era adolescente quando vi pela primeira vez suas fotografias de Candomblé de Salvador, BA e na África. Não sabia direito o que era aquilo, mas suas fotografias me arrebatavam, sempre. A cada foto descoberta, um novo calafrio na espinha. Era uma admiração sem tamanho que tinha por seu trabalho. Não sabia quais eram as histórias daquelas fotografias, daquelas pessoas retratadas e dessa tal religião Candomblé. Vim de uma família católica, então, religiões de matrizes africanas estavam um tanto longe da minha realidade e cotidiano. “É Lari, por essa você não esperava, né?”, diria eu para a adolescente. Coisas da vida, ou melhor, de Exu, que nos leva para onde temos que ir. E os sonhos de adolescente com o Candomblé e o deslumbre pelo trabalho de Verger me levaram a Umbanda e depois, como destino final, ao Candomblé do Ylê Axé Òpó Omim, para minhas Mães de Santo, para a minha família de Axé. E hoje, a corpa dissidente, branca, sapatan, artista multimídia, pesquisadora, encontrou no Candomblé o entendimento com a sua espiritualidade, ancestralidade preta e suas artes.

Segundo o pensamento da pesquisadora, professora Suely Rolnik, “o cartógrafo é, antes de tudo, um atropófago” (2011, p. 23). Essa ideia condiz

bastante com o que penso da arte de fotografar o Ylê Axé Òpó Omim. É a própria junção de vidas, sentimentos, afetos, sagrados, memórias e arte em fotografias. Não há uma separação, um muro divisor da pessoa artista, filha de santo, pesquisadora e fotógrafa que sou. Essas minhas vivências, esses meus “eus” vem todos juntos e misturados no ato do clique fotográfico. São técnicas fotográficas, referências artísticas, olhares carinhosos com o meu arredor e afetações com o que se passa na frente dos meus olhos, da minha câmera. “Sinta, Lari. Calma, só sinta e fotografe”, diz um eu cada vez que vou fotografar o cotidiano, as festas e celebrações da minha casa. Fecho os olhos, sinto o Axé e clico. Minha câmera, nesse momento, se torna uma grande boca. As imagens que de lá saem, uma construção imagética, ancestral, documental, poética, antropofágica sobre as relações do tempo e do espaço na construção das memórias de uma das Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas mais antigas da cidade de Londrina.

Realizar fotografias ancestrais, documentais, poéticas e antropofágicas do Ylê Axé Òpó Omim é um ato de luta pela construção de outras narrativas. É a preservação de uma memória visual contínua sobre a histórias das minorias, sobre um povo periférico. Penso que com as minhas imagens sensíveis de Candomblé se faz possível a construção e manutenção de uma memória não oficial, que é insistentemente apagada, agredida e morta por conta do racismo institucional e pela intolerância religiosa. Porém, sim, ela constitui uma das memórias dos povos brasileiros.

Figura 15: Xirê de Oyá



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2019 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

As fotografias ancestrais, documentais e poéticas que faço, desde 2018, no Ylê Axé Òpó Omim, são uma forma que encontrei para contar, através de imagens, as memórias de uma minoria excluída, marginalizada, estigmatizada por ser preta, pobre, candomblecista. As imagens são repletas de histórias, cheias de lutas e resistências dessa Comunidade, e ajudam, também, na construção de uma outra narrativa de memória e fabulação de uma nação. Através do sagrado, do culto aos orixás, da hierarquia e da figura de três mulheres, minhas Mães de Santo são a permanência da resistência de uma memória viva e contínua.

A imagem acima é de uma Festa aos orixás Ogum e Oyá. Essa fotografia, por exemplo, é a demonstração de uma celebração cheia de alegria, devoção, vida, saúde e em família. É a comunhão em comunidade, permeada de amor e respeito ao próximo, ao mais velho, ao mais novo, aos irmãos. Ela congela e revive no tempo das imagens o momento em que Mãe Omin e Vô Clarinha dançam em volta do Xirê no centro da imagem. É um dos momentos iniciais no Candomblé, em que as mães de santo dançam e abençoam os presentes. Podemos notar que os lyawos estão com a cabeça baixa, no chão, em sinal de respeito.

Figura 16: Pawó³⁶



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2019 - Acervo: Ylê Axé Ôpó Omim.

A iniciação ao Candomblé, a uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana, se dá através de um ritual de Feitura de Santo. É um momento lindo, mágico e único em cada casa. É impossível a descrição em palavras desse momento. Lembro-me da minha ansiedade de ficar dias recolhida no barracão para a preparação desse momento. Mas minha primeira experiência com “Saída de Santo”, o dia da Festa de Iniciação ao Orixá, ocorreu em Janeiro de 2019, na festa Águas de Oxalá. Mal sabia eu, que exatamente um ano depois seria o meu momento, mas dessa vez não como fotógrafa, mas sim, lyawo.

Participar como fotógrafa desse momento de devoção e ritualística é uma das experiências com maior impacto afetivo que já tive na arte da fotografia. É realmente difícil a descrição. É um misto de ansiedade, amor em seus sentidos máximos e respeito. Estar nestes instantes como fotógrafa, é um privilégio a ação de olhar. Só quem é de Candomblé irá entender plenamente o que digo sobre esse lugar

³⁶ Pawó - Palavra de origem iorubá para gesto de devoção e respeito ao orixá.

privilegiado de ver. Eu, enquanto fotógrafa-lyawo, tenho a oportunidade de congelar imagens e momentos que outros lyawos não veem e não podem ver, como por exemplo, olhar a entrada da minha Mãe Omin no barracão; ver a troca de bênçãos entre as Mães e muitas vezes estar em pé enquanto todos estão com a cabeça no chão. E quando falo a palavra “respeito” é em sentidos de devoção, adoração e hierarquia. É o respeito aos orixás, às minhas Mães, a toda minha família de Axé. “Sinta e fotografe, minha filha”. Então, me deixo, me lanço no escuro, ao incerto, às profundezas que o sentir podem trazer e fotografo momentos únicos que nunca mais irão se repetir, como a imagem acima, em que na Festa de Saída de Feitura dos Orixás os lyawos estão pintados por éfun³⁷ sobre uma esteira batendo pawó.

A fotografia em ritualísticas, festas e cotidianos de uma casa de Candomblé perpassa várias camadas de significados, importâncias e porque não, fetiche do imaginável, do desconhecido, do não visto pela sociedade em geral. Sempre me recordo de um fato ocorrido em 1951, em Salvador, BA. Nesse ano, foi veiculada uma matéria pela revista semanal “O Cruzeiro” com fotos do fotojornalista José Medeiros e texto do jornalista Arlindo Silva, que tinha a seguinte manchete: “As noivas dos deuses sanguinários”. Com esse título bastante sensacionalista e também preconceituoso, foi a primeira vez que se tinha a vista da população brasileira em geral, na maior revista de circulação nacional, imagens e textos sobre o ritual de Iniciação ao Orixá. Essa matéria foi uma resposta para a revista “Paris Match” também de 1951 “Les possédées de Bahia” (As possuídas da Bahia), texto completamente preconceituoso e apelativo para a “descoberta” do exótico brasileiro. Vale ressaltar que “O Cruzeiro” tinha como ideia e objetivo falar e mostrar um Brasil em grande desenvolvimento para o público nacional e internacional. Questões indígenas e religiões de matrizes africanas eram vistas por eles como um atraso para a nação. No entanto, a “dor de cotovelo” sentida por uma revista estrangeira e rival, acionaram na direção da revista um espírito de nacionalismo, pois em sua visão, somente “O Cruzeiro” podia falar sobre o Brasil.

Não é o meu objetivo neste texto a análise de ambas as matérias jornalísticas. No entanto, coloco um ponto de reflexão sobre o papel e impactos sociais da imprensa, do fotojornalismo e da fotografia documental nesses ocorridos. As consequências sofridas pelas três lyawos e a Mãe Riso da reportagem do “O

³⁷ Éfun - é uma das pinturas sagradas usada em rituais do Candomblé como a festa de saída de lyawo.

Cruzeiro” foram inúmeras, assim como também às pessoas e às casas de Candomblé de todo o Brasil, mas principalmente de Salvador. Várias histórias foram criadas, vários destinos de pessoas foram traçados, fantasiados e ressignificados a partir dessas matérias, mas não podemos negar ataques racistas e motivados por intolerância religiosa. A matéria apresentou uma negação da percepção, registro e documentação respeitosa do outro, do estrangeiro, do estranho a mim. Há pouco tempo, fui apresentada ao livro “Imagens do Sagrado” do Fernando de Tacca pelo Ogan Marcos. Esse livro é bastante interessante sobre o assunto apresentado acima, mas ele também me gera uma “pulga atrás da orelha”: ser fotógrafa de uma casa de Candomblé me traz responsabilidades com o que eu registro e torno público. Para mim, publicizar imagens de Candomblé tem que ter suas responsabilidades, principalmente acordos de respeito com a casa, a Iyalorixá ou o Babalorixá.

Pensar uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana é refletir sobre ancestralidade e continuidade. Quem foram os meus ancestrais? Quais foram as suas lutas? Quais marcas eu carrego deles? Quais são as continuidades adquiridas deles que devo prosseguir? O que devo mudar, fazer diferente? Ao ver as crianças do Axé, me emociono sobre a história de cada uma dessas singularidades e das responsabilidades que cada pessoa de Axé tem. Muitas são as lutas que enfrentamos diariamente, e observo que uma delas é pela preservação, construção e continuidade da manutenção da memória de uma família de Axé. E a fotografia ancestral, documental e poética é um desses instrumentos de luta e resistência na história, na construção de outras narrativas de memória em continuidade de uma população marginalizada, periférica, preta e detentora de grandes conhecimentos ancestrais.

Figura 17: Rum de Opará



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

Observar a imagem acima de Mamãe Oxum Opará é um misto de amor, respeito, admiração e privilégio de poder fotografá-la na altura dos olhos. Lembro-me até hoje da sensação de susto e aconchego ao vê-la toda de branco, com detalhes dourados carregando em sua mão o seu abebé, que no caso nessa imagem é uma folha toda dourada.

Figura 18: Rum de Oxóssi



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

Fotografar Odé, o Oxóssi de Mãe Odé, pela primeira vez foi um grande desafio, pois seu Run é de uma dança muito rápida, com movimentos ágeis e o espaço do barracão do Ylê Axé Òpó Omim é relativa pequeno para a quantidade de gente que tinha na festa dos 30 anos da roça. Além desse grande desafio, outro fator que somava na dificuldade que eu tinha de fotografar é que ele não é chegado à fotografia, ele realmente não gosta de ser fotografado. Por mais que a técnica estava sendo feita corretamente, todas as imagens saiam desfocadas. Foi aí que lembrei a fala de Mãe Omin: “sinta e fotografe, minha filha!”. E foi assim que consegui fazer essa imagem de Odé, pedindo licença ao Orixá, sentindo seu axé e dançando com ele. É Lari, tem coisas que a academia e os cursos técnicos não te ensinaram, não é mesmo?! Realmente não. E desse dia em diante, se não peço licença aos Orixás, se não sinto de fato seu axé e se não danço com eles, não tenho imagem, senão um grande borrão desfocado e sem permissão para ser feito!

Figura 19: Rum de Oxum



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Ôpó Omim.

A Oxum da lyazinha é de uma potência, de um tamanho e imponência que na primeira vez que eu a vi eu assustei. Nessa imagem ela está dançando, dando o Run. Ela carrega um buquê de flores e seu abebé, espelho. As vestimentas e objetos que os Orixás carregam tem a ver com a cosmogonia iorubá e com a qualidade do Orixá não sendo, por exemplo, igual para todas as Oxuns.

Figura 20 - Nos braços do Órun



Fonte: Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

O culto aos Orixás é a demonstração de um grande amor e devoção. É o respeito pelo outro, pelo o próximo e também ao diferente a mim. Eles são os que me deram e me dão vida, saúde, amor, paz e prosperidade. Nos braços de Oxum e Oxóssi, eu renasci. Um novo “eu” se iniciou, cresce e aprende diariamente em contato com meu rei Xangô e minha rainha Oxum, em comunidade e em relação com o mundo. Somos diferentes? Sim, cada indivíduo é único. E como Comunidade Tradicional de Matriz Africana, somos também diferentes entre si. No entanto, temos direitos ao livre culto, à memória e à história. Não somos um, somos uma família, uma comunidade.

Figura 21 - Ajeum



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

O ajeum é o momento em que todos se sentam para alimentar a matéria e a alma. As mães de santo, as mães ekedjis, os pais ogans e os mais velhos, os egbomis que já possuem a maioria do santo e deixam de ser lyawos depois de 7 anos de iniciação, se sentam no alto, em cadeiras e em volta da mesa. Comem com louças de vidro e com garfo e faca. Os lyawos comem em cima de aperês (banquinhos baixos) ou esteiras. Utilizam colher, prato de ágata e bandeja.

Na minha roça esse é um momento muito importante, em que todos param as suas atividades e comem ao mesmo tempo. A ponta da mesa tem dono, é da dona da casa, a matriarca Mãe Omin. E em sinal de respeito à hierarquia, se ela não estiver em casa, a cadeira dela fica vazia.

Figura 22: Acolhimento de Agbá



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

Amor, um grande gesto presente no Ylê Axé Òpó Omim. Na imagem acima, vemos a Mãe Omin em gesto de grande carinho com a sua Iyákekerê Katule, nossa avó de santo. Ya Katule de Omolu é a mais velha pessoa feita no santo na cidade de Londrina, que infelizmente partiu em uma segunda-feira de julho de 2023, dia consagrado a Omolu e a Exu. Vó Katule, de 96 anos, era uma senhora de sorrisos grandes, sempre alegre, presente e com paciência para nos ensinar. Tive o privilégio de a entrevistar no final de 2022 para um documentário que ainda está em fase de gravação. Que mulher grande em todos os sentidos: desde o conhecimento que tinha, como também, em sua trajetória e devoção aos Orixás! Ela nos deixou saudades, mas se torna nossa ilustre ancestral.

Figura 23: Devoção



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2018 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

A imagem acima é da festa de 30 anos do Ylê Axé Òpó Omim, momento em que nosso Pai Jorge, companheiro de Mãe Omin e axogun³⁸ do Ylê Axé Òpó Omim, presenteia Oxum Opará com uma adaga.

Pai Jorge é o mais velho axogun da cidade de Londrina e região. Ele é uma pessoa muito devota ao culto dos Orixás, como também um fonte de grande conhecimento sobre o Candomblé, os itans e as ervas sagradas. Estar perto dele são momentos de grande aprendizado e ensinamentos que carrego para a vida. E praticamente todos os dias que estou na roça, ele sempre me conta algo sobre nosso Pai Xangô.

O respeito, o amor e a devoção aos Orixás são a base para a construção dessas memórias fotográficas. Vejo as histórias, os ensinamentos, as memórias orais conduzidas pelas minhas Mães, Pai e família não com um olhar de uma fotógrafa, pesquisadora e artista estrangeira, mas sim, como uma filha de santo, uma pertencente a uma família espiritual, em que o amor e respeito andam juntos em cada ato de fotografar.

³⁸ Axogun - ogan responsável pelo corte dos animais no momento da ritualística de dar comida aos Orixás.

Olhos bocas que abocanham instantes
congelam tempos
e se abrem para as experiências do sentir
afetar(-se)

Imagens e mais imagens
que me vibram o corpo
consomem a alma
e saem através de olhos que não são só meus
Instantes não sozinha, afinal, sou uma lyawo fotógrafa

Olhar ancestral
antropofágico
mágico
documental
artístico
repleto de axé

Fotografias que não se explicam
mas que se sentem
e se consomem em tempos próprios
espiralados

Ver
olhar
fotografar
instantes que não se repetem
Cliques rápidos de olhos sedentos
de amor
de fé
de respeito
de arte

4.4 - Conservar, viver, permanecer

Conservar para viver
em contínuas permanências
ancestrais.

Viver para ser movimento
espiral
corpas disruptivas

Permanecer para incomodar e nunca se acomodar nas correntes

Acervos vivos
acervos movimentos
acervos encruzilhadas

Vidas (re)memoradas da calunga grande

Pensar no Candomblé, (con)viver em uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana é uma constante reflexão sobre os sentidos de permanência. Muitos são os significados de continuidade nessas comunidades, sendo os modos de vivências ancestrais uma possibilidade de se conservar e construir as memórias coletivas do Ylê Axé Òpó Omim.

A cosmogonia iorubá tem suas bases de vivências, continuidade, permanências e conservação das memórias através da oralidade, sendo os processos de fabulações, inclusive, um meio de existência ancestral. Aqui, se faz continuidade através dos constructos simbólicos de terreiro.

Há pouco mais de 1 ano, estou trabalhando com o acervo arquivístico do Ylê Axé Òpó Omim, em sua digitalização e projetos de catalogação e indexação de metadados de seus 35 anos de existência enquanto uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana. São milhares de imagens fotográficas em formatos digitais, impressos e filmes; dezenas de fitas VHS, DVDs, Mini DVs, HDs externos e nuvens digitais de registros audiovisuais; livros; dezenas de folhetinhos informativos sobre saúde, geração de renda e educação; dezenas de cadernos; artigos, monografias,

teses e projetos acadêmicos; livro manuscrito por Mãe Omin sobre sua trajetória enquanto Iyalodê; todos os objetos e roupas dos orixás e catiços. É realmente um mundo físico vasto sobre a memória imaterial de uma comunidade. Muitas vezes sinto até batedeira, ansiedade e um completo desespero frente ao tamanho da demanda dessa empreitada de conservação e manutenção do acervo arquivístico do Ylê Axé Òpó Omim.

Um dos sonhos que Mãe Omin sempre nos fala, é de construir um espaço de memória no Ylê Axé Òpó Omim, através do tombamento físico da roça pelo Iphan e da criação de um museu com esse acervo, possibilitando tornar público a visitação e pesquisa de materiais não sens veis³⁹ da comunidade. Refletir sobre esse desejo de minha Mãe, me faz pesquisar e escrever vários projetos para viabilizar esse sonho. E como   difícil! É realmente uma empreitada decolonial da visão colonizadora e exploratória do modelo colonialista de constru o dos museus. Melo (2021) e Barbosa (2021) nos apontam que “(...) os Museus e a Museologia são um conjunto de institui es e uma área acad mica, que nasceram, se desenvolveram e se estruturaram em um contexto de domina o colonial”. Segundo os autores, a institui o museu é historicamente um local de domina o, constituindo-se em um espaço de afirma o do poder colonizador sobre as col nias. Quantas peças, obras e objetos não foram retirados dos países colonizados para os centros de poder colonial? Quanta memória museológica não foi construída a partir da violência, de mortes físicas e epistemológicas? Portanto, pensar em museus de terreiros é construir outras narrativas e memórias de vivências, permanências e resistências.

³⁹ Os materiais e objetos sensíveis arquivísticos são os elementos restritos, em segurança, que somente pessoas autorizadas têm acesso.

Figura 24: Amostragem do acervo audiovisual



Fonte: fotografia de Larissa Alvanhan, 2023 - Acervo: Ylê Axé Òpó Omim.

A imagem acima é uma pequena amostra de parte do acervo audiovisual do Ylê em vários formatos físicos, como fitas VHS, DVDs, fitas Mini DVs, CDs e Disquetes. Esses materiais relatam 35 anos de existência do Ylê Axé Òpó Omim, contendo vídeos de festividades, ritualísticas, cotidiano e momentos da roça em lutas sociais por moradia, educação e saúde para a comunidade periférica de Londrina.

(...) acreditamos que precisamos nos deslocar do que vem sendo nominado de museus, para conseguirmos ampliar nossas percepções sobre as possibilidades de musealidade que existem e podem existir no mundo e a partir deste processo realizarmos movimentos em sentidos de inclusão. (Melo e Barbosa, 2021, p. 77).

Melo (2021) e Barbosa (2021) nos iluminam para uma Museologia das Encruzilhadas, a partir das propostas levantadas por Rufino (2019). Nesta perspectiva, os museus são vistos como uma espiral anti-horária, decolonial e contra-hegemônica de produção de afetações através do viés da inclusão. Nesses ambientes, a perspectiva da encruzilhada também é levantada como um local do movimento, das potências de Exu na (cri)ação e permissão de (entre)cruzamentos dos sentidos e saberes.

(...) pensar a Museologia das Encruzilhadas não é negar essas instituições ou estes modelos museais e sim se por nas perspectivas dos *cruzos* exusíaco, no sentido de potencializar novos processos epistêmicos, que contribuam para a produção dos novos seres/instituições, como foi

apontado por Luiz Rufino (2017). (Melo e Barbosa, 2021, p. 74. Grifo dos autores).

A memória imaterial contida no acervo do Ylê Axé Òpó Omim não é somente da esfera dos objetos físicos arquivísticos, mas também as memórias e saberes transmitidos oralmente, as tradições do Candomblé e o axé dos orixás. Essas sabedorias dançam em uma constante espiral anti-horária ancestral em simbologia com a potência da expansão do Okotô.⁴⁰ Pensar conhecimento nessa perspectiva epistemológica decolonial e ancestral é refletir sobre o constante movimento de inclusão, do “e” em trânsito, na figura simbólica da representação da soma “+1” de Exu.

Exu nos ensina a brincar com o mundo, com os museus, com o tempo-espaço, já que ele é a protomatéria, o movimento, que se constitui por meio da espiral que não tem início nem fim. Ele é o próprio domínio das encruzilhadas e dos *cruzos*, que lhe tornam o “+1”, o entre, que deve ser interposto em todas as nossas ações e concepções, principalmente as museais, no sentido da concepção de novas constituições de musealidades, de museus e de teorias museológicas. (Melo e Barbosa, 2021, p. 78. Grifo dos autores).

Em conversa realizada com a Mãe Omin sobre a criação do acervo arquivístico do Ylê Axé Òpó Omim, ela me fala sobre a preocupação em ter tudo registrado, documentado em fotografia, vídeos e textos. Ao trabalhar com a organização, digitalização e catalogação desses materiais, observo a constante recorrência desse cuidado dela em manter todos os documentos registrados, encontrando, inclusive, vários arquivos duplicados.

- Agô, Mãe. Por que a senhora resolveu registrar tudo do Ylê Axé Òpó Omim?
- É assim, até 2005, acho que 2004, deixa eu ver, deixa eu ver aqui (ela busca na lembrança se recordar da data), eu não tinha tanto registro das coisas. Quando eu comecei a brigar, a bater de frente com a justiça; a bater de frente com a necessidade de uma pessoa, eu tinha que provar! Como é que eu iria falar de uma criança doente; como é que eu ia falar que estava precisando de um leite para doar; como é que eu ia falar que tava precisando do doce pra dar pra quase 500 crianças; como é que eu ia provar isso? Então, eu comecei a registrar tudo! Comecei a fazer cadastro da comunidade, quantos filhos, um por um; registrar tudo da comunidade; tudo que faço de comunidade:

⁴⁰ Okotô é um caracol negro, como também, uma das denominações de Exu.

trabalho social; de conselhos; por onde eu andei e passei; tudo eu comecei a registrar, TUDO! Então, quando eu ia buscar uma coisa, eu já ia com tudo preparado. Eu já ia com um relatório daquilo que tava acontecendo para aquele ofício. Então, eu aprendi a registrar tudo! E por isso que eu quero, assim, fazer um, deixar um patrimônio de tudo isso, registrado em um documento. Porque vai ter um museu e eu quero tudo isso registrado! Foi esse, então, o motivo de registrar: você ter que provar porque tem coisas que eu não posso provar! A primeira festa, se salvaram duas fotografias e isso porque os outros me deu! Porque eu achava assim: Deus era Deus; os Orixás era os Orixás e o povo era o povo! Aí, eu passei a entender que não era isso que tinha, que o que tinha dentro de mim não era o que tinha dentro dos outros, você tinha que provar. Então eu comecei a fazer registro de TUDO! E ainda fazia o tal do 'belkalp' (backup) de tudo com medo de perder e registrava 2, 3 vezes de medo de perder! Então, é esse o motivo. Tudo você tem que provar! TUDO você tem que provar. Quando foi ter pra ter essas casinhas da Primavera (Mãe Omin fala sobre as casas conquistadas no bairro da Primavera na Zona Norte de Londrina), junto com o Governo Nedson (prefeito de Londrina), junto com o BNDES e a COHAB, eu tive que provar quantos barraco tinha; eu tive que fazer ata que tinha registrado com assinatura de cada um que, até com dedão, porque as pessoas não sabiam escrever para assinar. Isso tudo era para a gente poder participar da reunião onde estava sendo aprovado as casinhas aqui da Primavera! Foi assim que a gente conseguiu provar, tá?! Aí, nós provamos. Porque houve uma invasão e se nós não provasse, não conseguisse aprovar lá, a gente poderia até ir preso, porque era invasão, terreno dos outros. Então, TUDO tem que ser provado! Então eu sempre falo: 'registra isso! Registra aquilo!' (Apêndice A, p. 119 e 120).

Sempre foi, portanto, uma preocupação de minha Mãe Omin registrar tudo o que ela fazia dentro da comunidade interna, a roça, como também das ações sociais na cidade de Londrina. Muito dessa preocupação se deu para provar a sua atuação enquanto autoridade religiosa e social, como também, afirmar a existência

de sua Comunidade Tradicional de Matriz Africana devido ao racismo institucional e a intolerância religiosa. No entanto, Mãe Omin também se orgulha de ter impulsionado a criação das mesas de café e jantares nos encontros festivos-religiosos.

- Você olha, se você procurar matérias, não sei se tem jeito de olhar na Iyanet, uns anos atrás você não vai ver Terreiros colocando mesa de café; não vai ver Terreiros fazendo almoço; fazendo projetos e pondo não! Depois que começou a aparecer esses negócios de Iyanet: registra isso e vai pro Facebook, pro Instagram, antigamente era Orkut, que via as mesas do café, almoço, jantar, que o povo começou a por. (Apêndice A, p. 120).

Mãe Omin registrou e compartilhou esses momentos nas redes sociais e com isso, outras casas também começaram a fazer esses eventos e a tornarem público em suas redes sociais. E como são deliciosos esses ajeuns⁴¹ em família! Nunca se come sozinho, como também, há sempre uma equipe, que é liderada por Mãe Omin ou pela Iyazinha de Oxum, para prepararem esses alimentos, servirem nas grandes mesas e todos comem no mesmo momento. Torna-se impossível não me recordar dos almoços e jantares durante as festividades nas casas da minha família carnal, em especial na grande mesa de jantar em Piraju na avenida da Saudade. Vovó Ziza é uma grande cozinheira. Ela sempre cuidou do preparo e alimentação do batalhão familiar! Hoje, ela não consegue estar mais nesses cuidados, devido a idade avançada e debilidades físicas, mas sua cadeira e presença ao lado do fogão, junto com um bom vinho doce na mão, são sempre momentos ilustres! E como me lembro do seu bom feijãozinho cozido, de sua carne de porco na panela! Mesmo não comendo mais carnes, me água a boca só de lembrar dessa carne de porco com cebola! E aqui vai a receita secreta de Vovó Ziza: pernil de porco, cebola, muito alho e limão. Mas claro, as quantidades e tempo de panela, eu não vou tornar público, afinal, é uma receita secreta de vovó! Ainda bem que vovó ensinou as minhas tias Jú e Alda. Aprendi de enxerida e bisbilhoteira a arte desse prato!

A Museologia das Encruzilhadas também nos permite nomear como museu ou pelo menos entender novos espaços como museais, pois as relações entre pessoas e bens culturais não precisam ser deslocadas, mas podem e

⁴¹ Um dos significados da palavra “ajeum” é comer junto, alimentar o corpo e a alma em coletividade, em família.

devem ser vividas perceptualmente, onde suas epistemes, seus sentidos, se fazem presentes e fidedignos às suas realidades. (Melo e Barbosa, 2021, p. 76 e 77).

Comida, portanto, é encontro, afetividade, amor, trocas, memórias, fabulações, vivências, modos de permanência e patrimônio imaterial de uma comunidade. Nestas perspectivas, Mãe Omin continua a nos dizer sobre o orgulho das suas mesas fartas:

- Então eu me sinto, assim, até orgulhosa porque eu acho que ensinei o povo a ser mais educado, a respeitar a energia do Orixá: um café da manhã saboroso para todos os filhos; os convidados que doavam as coisas vinham, então eu me sinto assim, grandiosa tem hora! Às vezes eu falo pra Fomo (a filha de santo Ana Paula): ‘olha eu tive nessa casa e nunca deu, olha na internet agora!’ Então, é gostoso. Você vê esse menino que tá aí: toda a festa ele traz um monte de refrigerante. Então, é gostoso você por na mesa e saber de onde veio! Você não vê que eu brigo: não deixa sobrar nas garrafa! Porque eu sei o sacrifício que foi pro bolso dele! Então, tudo isso é valor pra gente, pro Orixá! (Apêndice A, p. 120).
- Motumbá, minha Mãe!
- Motumbaxé.

O acervo do Ylê Axé Ôpó Omim, seguindo as trilhas epistemológicas de Melo (2021) e Barbosa (2021) da Museologia das Encruzilhadas, nos apontam novos modelos de estudo museológico e arquivístico, sendo portanto, um pensamento de que os conhecimentos se dão em movimentos espiralados de vivências e permanências através e pelas encruzilhadas.

(...) nossa acepção da Museologia como forma de saber/episteme, nos leva a um redimensionar da área, onde se estabelecer um objeto de estudo específico não se faz tão necessário, pois vamos por um caminho diferenciado, onde a Museologia das Encruzilhadas acaba nos ajudando a entender os museus como algo além do fenômeno e sim como um agente potencializador, ou melhor, criador ou gestor de fenômenos. Já que os museus em nossas concepções são mais que um fenômeno social e sim potencialidades de instaurações de fenômenos nas sociedades na qual se manifestam (Melo e Barbosa, 2021, p. 74 e 75).

Envolver as memórias imateriais do acervo do Ylê Axé Ôpó Omim nessa pesquisa cartográfica ancestral é, portanto, trazer as vozes presentes em conhecimentos, objetos e oralidade dos nossos ancestres em (re)correntes Xirês de disrupturas decoloniais. É a possibilidade de novas maneiras de ser, existir e se

afectar, através da continuidade ancestral de uma Comunidade Tradicional de Matriz Africana.

Sou uma corpa que se dá pela e através da ancestralidade
Uma corpa branca candomblecista e dissidente

Somos também estruturas imateriais disruptivas do

CISTEMA
colonialista
patriarcal
sexista
branco

SOMOS

porque vivemos resistência ao apagamento histórico colonial

SOMOS MUITES

e

CONTINUAREMOS

EXISTÊNCIAS em ENCRUZILHADAS

Por isso propomos que a inclusão deve ser posta a partir das diversas epistemes vigentes no mundo e que seria nossa tarefa, como profissionais que atuam com questões culturais de preservação e memória, encontrando esses saberes no mundo e reempossando-os em seus devidos lugares. (Melo e Barbosa, 2021, p. 74).

5 EXU MATOU UM PÁSSARO ONTEM COM A PEDRA QUE ATIROU HOJE

O tempo passa
passando
levando
trazendo
murmurando os dias consigo

O tempo é ligeiro
mas também calma

O tempo é respiro
pausa
reflexão
Mas também LUTA
O tempo não é somente sobre
o ontem
o amanhã
o depois

O tempo é resposta
sabedoria

O tempo é memória
fabulação
construção de imaginários
e produção de sentidos

O tempo é movimento
espiralado
em transe permanente

O tempo é cruzamento
encruzilhada

O tempo é ancestral

Na Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ylê Axé Òpó Omim, a relação de temporalidade se dá através das espirais em continuidades ancestrais. O conhecimento aqui é movimento permeado pela filosofia nagô, pela cosmogonia iorubá e pelas memórias transmitidas oralmente. As tradições são mantidas pelo respeito à hierarquia e aos awôs, segredos da casa. Torna-se impossível pensar e refletir a respeito dessa roça se não tivermos essas noções como base de nossas afetações e dos processos de disrupturas epistemológicas.

Portanto, escrever sobre o ‘segredo’ nessas religiões exige um diálogo muito intenso sobre as circunstâncias que permitem a construção desse conhecimento e as consequências dessa escrita para a comunidade religiosa. (Silva, 2010, p. 279).

Este aforisma iorubá “Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje” me convida a refletir sobre a importância da ancestralidade em minha própria existência. E aqui posso (re)afirmar que ela é tudo em minha vida. Só sou porque outros foram, existiram, lutaram, amaram e morreram. E sei que sou e me darei continuidade. Vivendo e sendo fruto de uma ancestralidade negra, afrodescendente, e também europeia, reconheço todas as violências e genocídios físicos, morais e epistemológicas empregadas nos processos coloniais, os quais, infelizmente, ainda (co)existem até os dias atuais.

Genocídio não deveria ser visto apenas como a eliminação física de povos; isso também pode ocorrer por meio da destruição da identidade de um povo através da eliminação de sua língua e religião. (Abimbola, 2010, p. 148).

As fotografias ancestrais, documentais, poéticas, antropofágicas e sensíveis do cotidiano, das ritualísticas e das Festas dos Orixás são, portanto, de extrema importância para a minha casa, o Ylê Axé Òpó Omim. Elas são um ato de ativismo, resistência, luta, permanência e manutenção da memória viva e contínua de uma das Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas mais antigas da cidade de Londrina. Por meio dessas imagens, da história através da fotografia, as memórias das minorias, pretos, periféricos e candomblecistas são contadas como uma forma de resistência ao apagamento histórico e como forma de construção de memórias e fabulações.

Essa cartografia ancestral me levou pelos caminhos e movimentos temporais espiralados das encruzilhadas e da imagem fotográfica enquanto uma memória ancestral em continuidade do Ylê Axé Òpó Omim. O envolvimento semanal, durante quatro meses, com o acervo fotográfico do Ylê me mostrou que essas imagens fotográficas são os próprios movimentos de continuidade ancestral de uma comunidade, sendo Axé, potência de vida, e produtora de sentidos comunicacionais. Esse acervo constitui, portanto, como um bem imaterial e de identidade dos povos de terreiro na nossa sociedade brasileira, sendo um sentimento válido de minha Mãe Omin querer esse patrimônio cuidado, zelado e tombado pelo Iphan.

Essa pesquisa, inclusive, constrói pontes e pinguelas com o pensamento decolonial de um futuro ancestral concebido por Ailton Krenak (2022). O conhecimento, assim como a própria vida, se dá em permanência, continuidade, em tempos mesclados e não linear, (per)passando o passado, presente, futuro, por meio e através da ancestralidade. Exu nos convida a brincar com e nas estripulias desse tempo. Ele nos joga nos redemoinhos das potências do viver, ressignificando o “penso logo existo” cientificista e colonial. Aqui os modos de vivências são espiralados, não binaristas, atravessados pela ancestralidade e pelos cruzamentos do entre, nos mostrando as potências do ser e viver na soma do “+1”.

É um grande desafio para os então chamados intelectuais e líderes dos dias modernos nas comunidades africanas da África e da diáspora. Todos nós precisamos abraçar a forma de vida de nossos ancestrais. Mesmo um povo tendo sido escravizado como foram os nossos ancestrais e sido colonizado como todos nós, ainda assim eles podem se erguer. Eles podem se sentir orgulhosos, alegres e satisfeitos na medida em que não aceitem os sistemas de crenças que os escravizaram e oprimiram. Dessa forma, eles ainda podem ser livres. (Abimbola, 2010. p. 150).

Xangô deu seu tom nas bases hierárquicas e nos embates epistemológicos aqui travados. Sim, ainda estou, como também estamos, em guerra contra o CISTema heterossexual, branco, machista colonial que ainda oprimem nossas corpos dissidentes e nossos pensamentos disruptivos.

Oxum nos trilhou, nos banhou das dores coloniais, e me jogou em sua correnteza das lutas decoloniais pelas potências do Oxunismo. Aqui nossas Iyas ancestrais estão presentes nas guerras contra o colonialismo e na figura da matrilinearidade de minha Comunidade Tradicional de Matriz Africana, o Ylê Axé Òpó Omim.

Nessa corrente decolonial, ancestralidade, memória, fabulação e fotografias são armas epistemológicas. E aqui deixo a reflexão para uma academia que abrace

as diferenças. Somos muitos e vamos (re)construir espaços de produção de sentidos comunicacionais através e por meio de nossas vivências dissidentes e nossos afectos ancestrais.

Concluir
fechar ciclos
para a abertura de uma nova espiral

Encerramento
Mas não conclusão como ponto final

Fechamento da dor colonial e abertura
de vida
de potências dissidentes
e
de posicionamento decolonial

Concluir para ser
CONTINUIDADE

Referências Bibliográficas

ABIMBOLA, Wande. Mestre Didi, Alapini, e o futuro da civilização afro-atlântica. *In*: SANTOS, Juana Elbein. **Criatividade Âmago das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado**. Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil, 2010, 145-153).

ALVES, Míriam Cristiane; JESUS, Jayro Pereira de (org). **Matriz Africana: Epistemologias e Metodologias Negras, Descoloniais e Antirracistas** – 1. ed. - Porto Alegre: Rede Unida, 2020.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 14 julho de 2023.

BARRETO, Maria Amália Pereira. O conceito de 'comunidade' em Juana Elbein dos Santos. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 7, 1984. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108245>>. Acesso em: 25 maio de 2023.

BENTO, Cida. **Branqueamento e branquitude**. *In*: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONATO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico** - 2.^a ed; 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

CIDADE das Mulheres (Brasil, 2005). Documentário a cores, 72 minutos de duração. Ficha Técnica – Produtoras: X-Filmes / Casa do Cinema da Bahia. Produção e Direção: Lázaro Faria; Roteiro: Cléo Martins a partir da idéia desenvolvida na obra de Ruth Landes (1939). Montagem: Leandro Cazumbá.

Fotografia: Lázaro Faria e Maoma Faria. Participações (como entrevistadas): Mãe Stella de Oxóssi, Mãe Altamira Cecília, Mãe Carmem, Mãe Nitinha de Oxum, Mãe Gisele Cossard, Mãe Bida.

FELIZARDO, A.; SAMAIN, E. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Discursos Fotográficos**, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 205–220, 2007. DOI: 10.5433/1984-7939.2007v3n3p205. Disponível em: <<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/1500>>. Acesso em: 5 jun de 2023.

FLOR DO NASCIMENTO, W. Em torno de um pensamento oxunista: òyá descolonizando lógicas de conhecimento. **Revista de Filosofia Aurora**, [S. l.], v. 33, n. 59, 2021. DOI: 10.7213/1980-5934.33.059.DS03. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27938>>. Acesso em: 29 maio de 2023.

JORGE DE MELO, D. .; FAULHABER BARBOSA, P. . Museologia das Encruzilhadas: uma proposta de inclusão das epistemes afrodiáspóricas nos espaços museais. **Museologia & Interdisciplinaridade**, [S. l.], v. 10, n. 20, p. 65–81, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/33962>. Acesso em: 23 out. 2023.

FRANCISCO, Dalmir. Mestre Didi: a história, a escrita, o sagrado. In: SANTOS, Juana Elbein. **Criatividade Âmago das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado**. Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil, 2010, 175-187).

Fundação Pierre Verger, 2022. Disponível em: <<https://www.pierreverger.org/br/>> Acesso em 20 de Maio de 2022.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo, SP: N-1 Edições, 2018.

MARINHO, Roberval Falojutogun. O imaginário mitológico na religião dos orixás. *In*: FILHO, Aulo Barretti. **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: Origens, Tradições e Continuidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 161-194.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo, VALLADO, Armando. Xangô, Rei de Oió. *In*: FILHO, Aulo Barretti. **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu: Origens, Tradições e Continuidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 141-159.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental, transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina Editora da UFRGS, 2011.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. **Visualidades**. v.10, n. 1, p. 151-164, 2012. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/459/o/Visualidades-V._10__n.1__2012.pdf>. Acesso em: 05 junho de 2023.

SANTOS, D. M. dos; SANTOS, J. E. dos. A cultura nagô no Brasil - Memória e continuidade. **Revista USP**, [S. l.], n. 18, p. 40-51, 1993. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i18p40-51. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25990>>. Acesso em: 25 maio de 2023.

SILVA, Vagner Gonçalves. Segredos do escrever e o escrever dos segredos. *In*: FILHO, Aulo Barretti. **Dos Yorùbá ao Candomblé Kétu**: Origens, Tradições e Continuidade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, 273-302

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

_____. **O terreiro e a cidade**. A forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2019.

_____. Criatividade e linguagem. *In*: SANTOS, Juana Elbein. **Criatividade Âmago das Diversidades Culturais a Estética do Sagrado**. Salvador: Sociedade de Estudo das Culturas e da Cultura Negra no Brasil, 2010, 53-59).

TACCA, Fernando. **Imagens do sagrado**. Campinas: Editora da Unicamp e São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. **O estrageiro é meu! A disputa pela apropriação do outro nas fotografias de candomblé de O Cruzeiro**. Londrina: Midiograf, 2016. p. 142 - 164.

Apêndice A

Transcrição na íntegra da entrevista realizada com a Mãe Omin no dia 13/10/2023.

ÁUDIO 1:

Lari: Motumbá, minha mãe!

Mãe Omin: Motumbaxé, minha filha!

Lari: Obrigada por me responder. A bença, minha mãe!

Mãe Omin: Axé! Oxum que nos abençõe sempre!

Lari: Motumbá, minha mãe!

Mãe Omin: Motumbaxé!

Lari: Mãe, são algumas perguntinhas depois eu vou mostrar aquelas imagens pra senhora que eu já defini...

Mãe Omin: Certo!

Lari: Estão aqui no celular, eu digitalizei, passei para o meu celular, não passei para ninguém...

Mãe Omin: Tá certo, tá certo.

Lari: Depois eu mostro pra senhora...

Mãe Omin: Ta...

Lari: Então, mãe, são algumas perguntinhas pra ajudar naquele texto.

Mãe Omin: Certo...

Lari: O primeiro, mãe: O que é ser uma Iyalorixá, mãe?

Mãe Omin: Ser uma Iyalorixá, Iya é mãe né... Lorixá significa a mãe que cuida dos orixás, dos filhos que tem santo, então ser mãe de santo é ser responsável por vida! Assim como eu sou pela sua vida, e pela dos seus "irmão". Iyalorixá é uma pessoa responsável pelo ser humano. Pela vida, "pela matéria" sagradas de filhos.

Lari: Motumbá, minha mãe.

Mãe Omin: Motumbá axé.

Lari: E mãe, o que é comunidade para a senhora? O que é uma comunidade? O que é uma Comunidade de Matriz Africana, mãe?

Mãe Omin: É o Axé né, é o Axé, é a roça é o Ylê Axé Òpó Omim é uma comunidade, onde a gente agrega "a todas" as ancestralidades dos filhos, os filhos... então forma-se uma família grande, e família grande é comunidade, tá?

Então é um conjunto de pessoas. Então para nós a comunidade é o Axé, é tudo de bom. Passou da porta pra dentro tudo é Axé, tudo é sagrado, é uma comunidade e Matriz Africana.

Lari: *Mãe, qualquer um pode ser filho de santo? Mãe, como é que é?*

Mãe Omin: Filha! A pessoa nasce para ser... ela já é escolhida né... Então não tem querer, eu sempre digo querer não é poder! As pessoas não “se inicia” por beleza, porque acha bonito, pela dança. Porque ser do orixá, ser Omo orixá não é beleza, é uma necessidade na vida, na matéria que é sagrada... Então tem uma necessidade! E aí a pessoa chega até a comunidade, onde tem muitas energias vitais, e vai procurar a sua origem, a sua raiz, que agrega esse Axé que é a comunidade, que é o que você perguntou lá em cima, aí sim é cuidar de santo! Então, “a toa” ninguém procura.

Lari: *Não é uma escolha: “Hoje eu acordei, vou escolher ir no Ylê Axé Òpó Omim para ser filho de santo” não é assim, né, Mãe?*

Mãe Omin: Não, não é assim. A pessoa não amanhece e diz: “ Ah! o Axé” a pessoa com necessidade, ou ela já sabe, ou ela vem buscar uma orientação e fica sabendo... Como você! Que veio para fotografar e aí o orixá já se identificou com você, você já veio jogar e você viu que sua necessidade na matéria era ser Lesse Orixá, ser uma Omo Orixá, ser filha de terreiro. E por isso que você faz parte dessa comunidade de axé que é o Ylê Axé Òpó Omim.

Lari: *Mãe, uma comunidade, como a senhora falou, tem a questão das ancestralidades da casa, as ancestralidades da pessoa, e os orixás, né mãe?! É isso? Eu não entendi direito.*

Mãe Omin: Sim, é isso! Porque para você vir aqui cuidar do orixá, “se tá” cuidando dos ancestrais. Se você não cuida dos seus ancestrais, não tem orixá para cuidar. Porque a ancestralidade que você cuida é o que você é hoje, é vida... tá? Então se você cuida do orixá e da sua vida, você está cuidando dos seus ancestrais.

Lari: *Sim... E mãe, como a senhora disse, né... A senhora também não escolheu ser uma Iyalorixá e abrir o Ylê Axé Òpó Omim, né mãe?*

Mãe Omin: Não escolhi! Só que desde pequena eu sempre soube que tinha que cuidar. Eu só não tinha a noção que era tudo isso, né! Eu achava que era só benze, como minha avó benzia... Minha avó era parteira, meu vô curandeiro né, então eu achava que era só isso. Eu não tinha a dimensão do que era, tanto que eu sempre gostei da Umbanda, porque no Candomblé eu sabia que eu ia pegar santo e ser

Mãe de Santo. Então, querer não é poder... eu nasci para ser, então eu nasci com esse dom de cuidar dos ancestrais e agregar ancestrais com essa energia vital grande que é o axé, e pra cuidar dos outros. Então essa é a missão de um Iyalorixá mesmo não querendo né, então eu não tive querer, eu fui escolhida para ser a mãe de todos.

Lari: *Motumbá, minha mãe!*

Mãe Omin: Motumbá axé!

Lari: *E mãe, a senhora sempre fala né, assim, eu já conversei com a senhora algumas vezes, que a senhora nasceu para ser mãe... né, que as origens da senhora “é” tupi-guarani e nagô... né mãe... essa origem da senhora, é toda essa carga de ancestralidade que a senhora carrega, mãe?*

Mãe Omin: Sim, sim! Os meus ancestrais têm essa mistura, é por isso que Nagôs são da África e os tupis-guaranis são os brasileiros né... os índios... que são os primeiros em terras brasileiras, eu tenho essa mistura, né? E é onde se tornou essa raiz forte que é, mas a minha mistura Nagô com tupi-guarani é que se formou essa raiz grande de Matriz Africana. Então é por isso que nós vivemos num país que nós somos afrodescendentes né, então nós somos de religião de Matriz Africana, afro-brasileira, somos brasileiros, mas com a origem de Matriz Africana.

Lari: *Motumbá, minha mãe! E minha mãe, a “festa dos caboclos”, ela é para vangloriar essas primeiras pessoas indígenas que estavam na terra, mãe? A festa dos caboclos é para isso? Como que é?*

Mãe Omin: Então aqui no seu Axé, na sua comunidade, a gente louva os nossos ancestrais, a gente louva os “catiços” né, os caboclos, porque a gente louva a vida! A gente agradece o nascimento de cada um de nosso sangue, né? Eu agradeço aos meus filhos, os meus netos, os “binetos” que virão os tataranetos... e assim será. Então a gente louva, a gente faz uma festa agradecendo, por a gente poder estar louvando essa ancestralidade. Então a gente faz uma festa para agradecer seu Oripepê, Seu Cobra Coral, e a... os demais orixás, por a gente estar aqui... Superando o dia a dia, superando essa tempestade que foi a COVID, até essa tempestade da dengue... porque pra gente sempre é uma tempestade né, de coisas negativas que vem pela vida. Então a gente agradece aos nossos ancestrais, que são os Caboclos também, “seje” ele Caboclo de Pena, de Couro, das Águas, qualquer tipo de Cabloco. Então a gente louva, e aí eu fico assim “também estou louvando as minhas raízes”. Raízes de mãe, raízes de pai, raízes de vô de vô...

Mesmo eles não estando aqui para cultuar junto a mim! Então é um agradecimento à vida. Então quando a gente fala “festa”, a festa é para nós. Porque a alegria é para nós de estar agradecendo ao orixá, o orixá sente abençoar, se sente acariciado, se sente o orgulho de ver nós “fazer” tudo isso para eles. Mas a festa é sempre assim, a gente que comemora.

Lari: *Motumbá mãe, motumbá.*

Mãe Omin: Motumbaxé

Lari: *Mãe, a senhora é a primeira, o Ylê Axé Òpó Omim que é fundado pela senhora, uma casa matriarcal, né? Passada de mãe para filha, consanguínea. É a primeira casa da Nação Ketu de Londrina, foi fácil?*

Mãe Omin: Não, não foi fácil. Foi a primeira casa de Ketu, né, em Londrina, e não foi fácil não. Porque a cidade aqui sempre foi Angola. Então quando nasceu a Mãe Omin, nasceu na Angola e foi-se para o Ketu... foi uma tempestade muito grande. Aí os demais que “se sentia” que era Ketu, os vizinhos de cidade, ou mesmo Curitiba que era Ketu, então foi uma demanda muito grande que queriam fechar nossas portas, do Ylê Axé Òpó Omim, é... porque não aceitavam uma menina tão nova né, de casa aberta com um poder tão grande, porque eu sempre me senti grande. O dia que Oxum intitulou que eu tinha que ser Mãe de Santo, eu me senti uma pessoa assim. Já que eu tenho que ser a rainha, como diz Seu Oripepê, e mandar nessa casa, eu comecei a mandar. Não foi fácil, mas também não foi impossível. O orixá determinou o que ele quis, e hoje estamos a 36 anos agora em dezembro.

Lari: *E mãe... A nação, é por conta da sua ancestralidade, mãe? Que determina a nação que se é?*

Mãe Omin: A... é... quando os nossos ancestrais vieram da África veio uma mistura muito grande, então, veio uma mistura dos Bantos, junto com os Nagô, juntos com outras etnias, mas então, quando se aglomerou no país, teve uma mistura muito grande, então muitos são Nagôs e não abrem mão, muitos são Ketus e não abrem mão e muitos são Jeje. Mas tem uma mistura do Jeje do Ketu, do Ketu na Angola e assim vai... Tem Santo que não se nasce, mas ele é cultuado dentro da Angola. Tem Santo que não se nasce dentro de Ketu e é de Jeje, mas ele é cultuado dentro do Ketu e do Jeje também é aglomerado tanto a Angola quanto o Ketu. Então se tornou afro, então nós somos afrodescendentes de uma religião de Matriz Afro-brasileira, de Matriz Africana.

Lari: *Motumbá, minha mãe!*

Mãe Omin: Motumbaxé!

Lari: *Minha mãe, dentro dessas... a senhora tem a comunidade dentro do Ylê Axé Òpó Omim, mas a senhora sempre esteve com as portas abertas lutando pela comunidade no entorno, né mãe? Pela comunidade pobre, periférica, preta, no entorno que a senhora é símbolo de uma grande luta, não só por intolerância religiosa, por livre manifestação religiosa, a senhora é também uma figura que luta pela saúde dos povos pretos, né mãe, por questão de moradia... Foram várias as lutas, né, mãe? Que a senhora passou, né, mãe?*

Mãe Omin: É... Quando a gente assume uma comunidade de terreiro, como a mãe assumiu, a mãe teve que assumir uma comunidade total. Porque a comunidade na época era muito pobre, tinha fundo de vale, tinha favela, tinha muitas necessidades... então as primeiras foram na escola Salim Aboriham na época a gente começou a visitar as famílias. Famílias vinham benzer e “já trazia” o outro para benzer e assim foi... E aí eu fui me envolvendo com tudo, aí você se envolve com a saúde, com a educação, com a cultura, com a segurança alimentar, você tem que correr atrás de tudo. Foi onde eu cheguei, onde cheguei hoje, né?! Envolvida em vários setores da autarquia municipal, que é o Conselho de Saúde, Conselho de Assistência Social, de Criança e Adolescente, Educação que é para eu ter um entendimento para ajudar. Hoje nós estamos só na prevenção de HIV e AIDS e agora a dengue e o COVID, mas teve muitos casos lá atrás de dificuldade né, da comunidade periférica que hoje não se pode falar favela, tem que falar uma comunidade de né... então teve muitos, tivemos muitos projetos sociais para ajudar, a comunidade, de canto, de dança, de percussão, teve de rap, a gente teve muita coisa, geração de renda, pães e pizzas, salgado, doces, culinária, artesanato a gente teve muito essas coisas no Axé, e isso é se envolver com o “entoldo” da comunidade, ta?! Então a gente se envolve com tudo que for preciso enquanto autoridade religiosa, porque para se comandar uma comunidade religiosa você tem que ter um alto, eu sempre falo, um alto-astral de sacerdotisa, então quer dizer, você nasceu pra ser. Então isso é... dá muita sabedoria, eu sempre falo, eu não sei da onde nasceu tudo isso, que eu fui ser tudo isso, então quando eu debato de frente com um delegado, um promotor, com qualquer pessoa superior, um doutor, um advogado ou um médico eu não entendia o porque, quando eu saí de lá eu não entendia... nossa que que fui xeretar... Então é, muitas coisas houve a necessidade

de você alcançar o conhecimento que eu alcancei hoje, tá? Foi “*entoldo*” da comunidade eu sempre falo: quem cresceu minha evolução, o meu espírito também foi a comunidade, porque eles precisavam, mas eu precisava mais ainda pra poder chegar até eles.

Lari: Nossa!

Mãe Omin: Não é fácil!

Lari: *Motumbá, minha mãe!*

Mãe Omin: Motumbaxé!

Lari: *E mãe... é, sem a ancestralidade com as senhora e os orixás não tem toda essa força, né, mãe?*

Mãe Omin: Não temos! Se não cultuamos a ancestralidade a gente não tem força, por que um Axé, ele já é para cultuar a vida né? Porque há vida! Quando a gente dança em volta do Axé, a gente tá energizando a vida, aquilo que se faça vital, você vem buscar aquela energia vital, e vital são gerações e gerações lá atrás. Então se não tem essa energia, se não tem esse cultuar da ancestralidade então não tem nada. Você não tem crença, você fica uma pessoa sem crença nenhuma, sua matéria sobrevive em desequilíbrio... um monte de coisas mais, porque eu tinha esse desequilíbrio espiritual antes de aceitar o santo, tá? É aquilo que eu falo: querer não é poder, e pronto aconteceu e acabou, eu to aqui hoje.

Lari: *E nessa questão mãe, que a senhora coloca né, da dança, do louvar atrás e também pra frente também, né, mãe?*

Mãe Omin: Sim...

Lari: *Não tem assim, só para: ah! O Candomblé louva o orixá e a ancestralidade que foi pra trás, não é isso né mãe?*

Mãe Omin: Não! Cultuar a nossa ancestralidade é o que nossa ancestralidade nos deixa, porque é nossa ancestralidade “*quer*” que eu seja feliz, que você seja feliz, que você se equilibra na vida, tanto mentalmente, no espírito, quanto na vida, na felicidade. Eu sempre falo: na tristeza, na prosperidade, na alegria. Então essa é a energia que a gente quer nos nossos ancestrais. Quando a gente quer cultuar os ancestrais a gente vai rezar um sofrimento que teve lá atrás, a gente fala: ah! você está com energia negativa, isso é coisa da ancestralidade, aí alguém morreu queimado, aí alguém teve isso. Nossos negros foram para o tronco, morreram queimados, passaram amarrado quantos dias, trancado, fome, sede, degolados e isso aí é sofrimento... e nossos espíritos sente isso! Então o que que nós fazemos,

nós cultuamos o que os nossos ancestrais deixou, nós cultuamos nossos ancestrais, nós vamos rezar, vamos fazer oferendas, vamos tirar aquele sofrimento a base de muita fé! Temos que rezar, lembra que eu falo para vocês: Não é brincado cuidar de uma vida! Porque para cuidar dela você tem que cuidar lá atrás também. Se você cuida lá atrás, aqui na frente dá tudo certo, porque o que eu quero deixar eram meus filhos em paz, meus netos em paz, meus bisnetos e tataraneto, entra neto e vai lá não sei quantas gerações para frente. Se eu estiver em paz e me for em paz, tudo vai estar em paz. Se houver tragédias como sempre houve por aí, lá nos nossos ancestrais, olha o sofrimento dos nossos ancestrais, ninguém gosta de falar nisso, ninguém gosta de falar que tiravam os filhos dos nossos ancestrais. Quantas mães amamentavam os filhos dos senhorzinhos das senhoras lá dela, e não amamentava o seu, porque era doado, era vendido... Isso não é dor? Isso não é sofrimento? Tiravam o pai, vendia ele e deixava a mãe sofrendo, tirava o negrinho e vendia, tirava o negrinho que era bonito e ia preparando ele pra vender e valer quantos pesos de ouro, quantas sacas de café. Então tudo isso é um sofrimento que nossos ancestrais carregam. Meu tataravô, você imagina o que ele sofreu? Meu bisavô, você não imagina o que que ele não sofreu? Meus avós já foram diferentes, mas também sofreram, porque ainda hoje a gente ainda pega, eu sempre falo: Eu peguei de bandeja a religião, há uns anos atrás isso era natural, a imprensa fala, está nos livros. Nossos mais velhos muitos morreram que a polícia matou, espancou, botou fogo em terreiro, não podia ouvir falar... por isso que tem lá no meio do mato, o quilombo, a roça, para se cuidar e era perseguido e tudo, tá? Então Mãe Senhora nos anos 40, começou a chegar as autoridades com seu conhecimento, com seu jeitinho e foi se acomodando dali e aí veio outro e veio outro é que foi assim a religião aparecendo, a comunidade de terreiro, o terreiro, barracão de fulano, o barracão de sicrano, a roça de ciclano... ah! o Ylê Axé de ciclano... Ylê Axé é templo religioso, né? Ylê é uma casa de força espiritual. Òpó é o sustento. Omim é água, então Ylê Axé é o templo religioso sustentado por Oxum. Então nossos ancestrais teve esse sofrimento e a gente fala vamos cultuar os nossos ancestrais, você tem que cultuar os nossos ancestrais deixa para você, tá? Então se você não... Por isso que eu falo: Tem que jogar os búzios, tem que ver o que carrega, que caminho que tá, como é que você chegou até aqui hoje e o que que seus ancestrais disse... Entendeu? Você vem e você sabe, quando você se iniciou você soube quem era os seus ancestrais da família de seu pai... entendeu? Então

isso é ancestralidade de família, tá? Então a gente tem que rezar, fazer... mesmo o teu pai ou a tua mãe sabendo ou não sabendo, o importante é que você faça por eles. Então é onde começa a cuidar, as coisas “começa a clarea” ter paz, a gente para pra pensar, ter um pouco mais de sabedoria, de alegria. Gosta do Orixá! Gosta de estar no terreiro e na sua comunidade, então isso é cultuar os seus ancestrais! Porque nossos ancestrais deixou isso para nós. Nossos ancestrais “quer que nós se vê livre” de todos os “pobrema” que eles tiveram. Então se é isso que quer, vamos cuidar! Pela continuidade, eu sempre falo: Existe o início, o meio e o fim. O início foi muito longe, lá atrás, do sofrimento de tudo isso que nós estamos falando. O meio é o que nós estamos passando, porque tem o fim ainda. Porque todos nós temos um caminho, um tempo contado. Eu sempre falo: o paraíso a gente tem um tempo para viver e tem um tempo pra deixar. Eu sempre falo: é o que a gente tá fazendo aqui, e a gente não sabe nem pra onde vai amanhã ou depois. Mas eu sei para onde eu vou, eu vou continuar na roça! (risos) Cuidando de todos! (risos)

Lari: Axé mãe, (risos) Axé!

Mãe Omin: Então é isso!

Lari: E nisso, né mãe? Que a senhora falou que cada um tem a sua ancestralidade... é... a comunidade é feita pela senhora, né? Pelos filhos, os Ogans, e Ekedjis... Mas cada filho tem sua missão espiritual e tem sua missão terrena para o Ylê, mãe?

Mãe Omin: Tem! Todos que tem sua missão, tem né? Eu sempre falo: querer não é poder, tem uns que nascem para ser Ogan, que se confirma para Ogan, outros para Ekedjis que é a missão que tem na casa, outros nascem Iyawo, vai tendo o aprendizado e depois pega uma missão para fazer algum cargo na casa, se torna um Egbomi, se torna um mais velho e começa a ter um posto de responsabilidade que o próprio Orixá determina. Para ajudar a comunidade a andar, o posto é o serviço da casa para as pessoas mais velhas, que são os Egbomis tá? E os que se tornou Iyalorixá e Babalorixá eles ajudam né, porque eles estão sempre presente, a gente convoca né? E faz... porque o Axé não anda sozinho, Mãe de Santo não faz tudo sozinho, não cuida de tudo sozinho. Eu sempre falo: Se tiver nenê pra dar mamadeira, então tem que ter alguém pra ajudar a fazer o mingau, pra esfriar, pra colocar nas mamadeira, pra pega no colo, pega o outro pra não chorar... então é a mesma coisa.

Lari: Motumbá, minha mãe!

Mãe Omin: Motumbaxé!

Lari: *E mãe... a senhora acha, por que é muito comum... não sei...*

Mãe Omin: Pergunta... pergunta que eu respondo!

Lari: **Tem alguém na porta, mãe**

Mãe Omin: ** Posso ir lá?**

Lari: **Pode, pode sim, Mãe, eu paro aqui.**

ÁUDIO 2

Lari: *É muito comum... no mundo leigo... no leigo mãe, assim ...que não conhece a religião, ver algumas figuras que despontam como Iyalorixá, vulgo pela internet, mas senhora é muito da raiz, né mãe? O que é essa raiz Mãe, que a senhora fala?*

Mãe Omin: A raiz, minha filha, é quem tem... quem nasceu para ser, quem já traz lá de trás. Eu já venho dessa origem de família, só que lá atrás não puderam ter os terreiros, lá atrás era só benzimento, parteira, curandeira, sessão de rezas e terços. Hoje eu tenho terreiro, então eu tenho raiz, que eu tenho dessa origem e essa origem vai continuar por os filhos, os netos, bisnetos... tem uma continuidade, isso é a raiz. O que já tinha, “*continua*” e não para, então essa é a raiz. Tem muitas pessoas que não tem raiz, querem ser e não nasceram para ser. Então a gente fala: tem pessoas que não sabem o que fazer e tá fazendo, e eu sempre falo: Muita coisa né é problema meu. Às vezes as “*pessoas fala*” o que que a senhora acha? Eu não acho nada, porque quem vai quebrar a cara é ele, não sou eu...tá? Então tem muita coisas erradas porque eles são uns verdadeiros intolerantes, porque eles não sabem o que tão fazendo, não procura se apurar e querem ser. Hoje qualquer pessoa pode ser Pai de Santo e Mãe de Santo na Iyanet... que é complicado sim! Queimando o nome da gente, queimando assim: tira a autoridade da gente, tira a autoridade do Orixá, do Axé que a gente defende, do santo que a gente defende, do carregio do santo - que hoje tem nome é Odu - então começa a falar abobrinha do que não é para falar, entendeu? Tem uma coisa certa e eles já “*umenta*”, mas isso aí sempre tem, a terra nasceu com esse problema entre religiões e sempre vai ter... então a gente tem que tomar muito cuidado, por isso que eu sempre oriento vocês, o problema dos outros é dos outros, a nossa casa é nossa casa, nosso Axé é nosso Axé, e nós não podemos viver as coisas dos outros. Porque se a gente for viver as coisas dos outros a gente vai ficar louco e antes da hora, a gente vai ficar careca

antes da hora porque os cabelos começam a cair de desespero, entendeu?

Lari: *Sim, senhora!*

Mãe Omin: Tá? É onde esse povo vai nascer a intolerância que nós sofremos... tá? Porque aí eles fazem as sujeiras, aí nós “*que tem*” que levar a má fama... tá? É aí que nós levamos fama de magia negra, fama dessas coisas por causa desse tipo de coisa. Se a pessoa ainda fosse certinha, caladinha tudo bem! Mas as pessoas não é, eles passam a carroça na frente dos boi... aí é que o bicho pega. Então é isso que é ...tem uma mistura muito grande, uma diversidade muito grande e eu sempre falo: dessas “*intolerância*” no meio da gente... tá? Porque é muito tipo de gente fazendo isso.

Interrupção

Lari: *E aí Mãe... o Ylé né? 35 anos esse ano né, mãe? Quando a senhora olha pra trás, e olha para frente assim... o que que você... e esse número né? Que é um número grande, é minha idade até, Mãe (risos). Quando a senhora olha assim né... é muita história né, Mãe?*

Mãe Omin: É muita história... é muita história, é muita luta. Foi uma luta assim, muito grande, foi assim... é muito difícil essa luta, mas eu encarei assim, como uma missão bonita que na realidade foi “*bonito*” e foi um sofrimento, uma dor gostosa. Porque você via a alegria de uma comunidade... de uma criança, de uma velha de um velho, sabe? De uma mãe de um pai, de um pai preso, de uma mãe presa, de uma criança que tinha o pai preso e você levava alegria... eles sabiam que você ia lá na cadeia ajudar o pai e a mãe... Então isso é bom! Esse menino que tá aí ó (aponta), ele sabe de muita coisa da comunidade, porque ele era adolescente e ia pra escola com a Mãe Odé e sabia de tudo que eu fazia na comunidade. Então se eu olhar para trás eu sempre falo para vocês: Eu to cansada, porque eu trabalhei tanto na comunidade, fiz tanto projeto que hoje eu não tenho mais estrutura pra isso. Porque foram 30 anos “*sofrido*” numa comunidade do “*entoldo*” do Axé. Então eu quero um pouco mais de paz, mas é... quanto mais de paz, mas tem vocês e as coisas e essa vontade de levar ao proximo conhecimento, pra gente ter a matéria mais sagrada mais cuidada que são as prevenções né? Das IST's, prevenção de HIV e AIDS e essas *inaudível* tudinho que são “*essa*” doenças que tá vindo, quer dizer... eu ainda me sinto assim: uma jovem senhora tentando ainda aqui pra

frente, dar a responsabilidade para vocês do axé.

Lari: *Motumbá, minha Mãe! E minha Mãe, a senhora... é uma pergunta sobre acervo mãe.*

Mãe Omin: Tá!

Lari: *A senhora desde sempre, desde sempre, registrou cada coisa né? Tanto que eu vejo tem coisa até duplicado com medo de perder um, né, mãe?*

Mãe Omin: Sim!

Lari: *Por que isso, mãe?*

Mãe Omin: É... é assim, até 2005... acho que 2004, deixa eu ver...deixa eu ver aqui...Eu não tinha tanto registro das coisas, quando comecei a brigar, bater de frente com a justiça, bater de frente como uma necessidade de uma pessoa, eu tinha que provar! Como que eu iria falar de uma criança doente, como é que eu ia falar que eu tava precisando de um leite doado...Como é que eu ia falar que eu tava precisando de um doce pra dar para quase 500 crianças, como é que eu ia provar isso? Então eu comecei a registrar tudo! Comecei a fazer cadastro da comunidade... quantos filhos um por um... registrar tudo da comunidade, tudo que faço de comunidade, de trabalho social, de concelho, por onde eu andei, passei tudo eu comecei a registrar, tudo! Então quando eu ia buscar uma coisa eu já ia com tudo preparado... eu já ia com um relatório daquilo que estava acontecendo para aquele ofício. Então eu aprendi a registrar tudo! E por isso que eu quero assim... fazer um... deixar um patrimônio de tudo isso registrado em documento... porque vai ter o museu, e eu quero tudo isso registrado, porque foi esse o motivo de registrar, você ter que provar porque tem coisas que você não pode provar. A primeira festa se salvaram duas "*fotografia*". E ainda porque "*os outro me deu*"... Porque eu achava assim que Deus era Deus, Orixá era Orixá e o povo era o povo, e aí eu passei a entender que não era isso que tinha... o que tinha dentro de mim não tinha dentro dos outros, você tinha que provar então comecei a fazer registro de tudo! E ainda fazia o "tal de belckup" de tudo por medo de perder e registrava duas ou três vezes por medo de perder... tá? Então é esse o motivo, porque tudo você tem que provar... tudo você tem que provar. Quando foi pra ter essas casinhas da (Jardim) Primavera junto ao governo Nedson, junto ao BNDS, junto a COHAB, eu tive que provar quantos barraco tinha; eu tive que fazer ata, que tem registrado no meu caderno com assinatura de cada um até dedão, porque pessoas não sabiam escrever, né? Para assinar, pra gente poder participar da reunião onde estava sendo

aprovado as casinhas aqui da Primavera, foi assim que a gente conseguiu provar! Tá? E aí nós provamos, porque houve uma invasão e se “*nós não provasse*”, não conseguisse aprovar lá, a gente poderia ir até preso, porque é... dava invasão “*que era terreno dos outro*”. Então tudo tem que ser provado, então eu sempre falo: Registra isso, registra aquilo! Você olha, se você procurar e ver matérias, eu não sei se tem jeito de olhar na internet, uns anos atrás... você não vai ver terreiro pondo mesa de café, não vai ver terreiro fazendo almoço, fazendo coisas de projeto e pondo não! Depois que começou a aparecer esse negócio de internet e registro, isso vai pro Facebook, isso vai para o... antigamente era o Orkut que vinha as mesas do café, almoço, jantar, que o povo começou a por. Então eu me sinto assim, até orgulhosa, porque eu acho que eu ensinei o povo a ser um pouco mais educado, assim... a respeitar a energia do Orixá, com um café da manhã saboroso para todos os filhos... os convidados doavam as coisas né? Vinha... Então quer dizer eu me sinto assim grandiosa tem hora! As vezes eu falo pra fomo: Olha lá nunca deu *inaudível* nessa casa, olha aí na internet agora! Então é gostoso! Para você ver esse menino que tá aí: Toda a festa ele trás um monte de refrigerante, quer dizer é gostoso você por na mesa e saber de onde veio. Você não vê? Que eu brigo: não deixa sobrar nas garrafa! Porque eu sei o sacrifício foi pro bolso dele... então tudo isso também é valor pra gente né... pro Orixá.

Lari: *Motumbá, minha mãe! Minha mãe só tem aquelas fotos...*

Mãe Omin: Tá, então vamos ver as fotos que nós vamos conversar!

Lari: *É rapidinho!*

Mãe Omin: Que nós vamos conversar, porque é o assunto que você tá envolvida, *fala pra outra pessoa* eu tô envolvida num assunto aqui, mas já já eu entro no seu!

Lari: *Agora, mãe, são só aquelas fotos... deixa só eu achar aqui... Não mostrei para ninguém, eu só peguei dos lugares e queria ver se a senhora... se a senhora puder é... se eu puder usar, a senhora fala se posso usar e fala sobre a foto mãe. Eu não vou perguntar nada! É... só a senhora, só que daí a senhora vai falar: foto 1 pode... só pra eu saber.*

Mãe Omin: Não, essa não pode usar!

Lari: *Essa não pode usar, já passa pra próxima.*

Mãe Omin: Então entra como foto 1?

Lari: *Foto 1 da construção...*

Mãe Omin: É o início da construção do Ylê Axé Òpó Omim lá na chácara, bom...é

tudo que a gente esperou esses 35 anos, para ter a terra própria do Orixá. Porque aqui no Axé aqui, a roça está em propriedade da Mãe Omin e dos filhos da Mãe Omin. E hoje é com muita luta e dificuldade a gente conseguiu junto, os filhos né? Comprando a terra pra gente construir, então isso aí eu não tenho nem palavras é uma alegria muito grande.

Lari: *A próxima mãe... deixa eu ver qual é... Essa Mãe!*

Mãe Omin: A segunda é a herdeira do Ylê Axé Òpó Omim, né? É a Iyalaxé, a Iyazinha de Oxum, Jennifer, é tudo de mais né? É uma emoção grande porque é... é minha neta né, então a gente fica feliz, porque ela vai carregar toda essa alegria e já pegando de bandeja tudo pronto também né? Já é meio caminho andado, essa é a herdeira do Ylê Axé Òpó Omim!

Mãe Omin: Essa terceira também é alegria de tá entrando, olha a felicidade dela entrar no barracão junto com a vó dela... Então isso é uma alegria muito grande, porque ela foi criada né? Ela tá aprendendo tudo que ela precisa ser, então ela já entrava no barracão com a vó dela, com aquela imponência de alegria “tô chegando!” “cheguei!”. Então isso aí para mim é uma alegria grande.

Mãe Omin: A quarta é Mãe Odé. Mãe Odé quando nasceu no santo... Mãe Odé, eita *inaudível*. A Mãe Pequena do Ylê Axé Òpó Omim. Isso não tem nem palavras né... A única filha que eu pari... é... Oxum “cato” de pressa pra poder cuidar do Axé dela... então é a Mãe Pequena da casa é um pedaço do Axé, é um pedaço meu, é um pedaço de todos vocês!

Mãe Omin: A quinta é Mãe Odé quando se iniciou, eita lá lá... Ela se iniciou dia 17/12/1988. Mãe Odé tinha um problema sério na cabeça e aí eu tive que iniciar ela tão cedo no santo. E deu certo! Tá aí, bela linda e formosa!

Mãe Omin: Acho que é a sexta: Aqui foi eu quando iniciei no santo, aqui foi assim, uma necessidade grande, onde Mãe Omin se encontrou com a vida, com o Orixá. Porque havia muito sofrimento na minha vida até então, porque eu tinha uma missão a cumprir com o Orixá: ser Mãe! E era uma coisa que querer não é poder e eu tive que ser, então aqui nasce a grande mulher: Mãe Omin.

Mãe Omin: Ah! Essa foto aqui acho que é a oitava, Mamãe Oxum tomando banho, isso aqui é o nascimento de Oxum, 26 de setembro de 1987... tá? No palácio de Oyá, no caso do meu Pai Matabelé, no Axé Viva Deus.

Mãe Omin: Essa nona foto aqui de amarelo e de Ogum lá no fundo é o nascimento do Ylê Axé Òpó Omim né... no dia 17/12/1988, onde Oxum de empoderou da casa

dela e lá atrás o Ogum é...da finada mãe Tuniré que foi a Mãe de Santo da Mãe Odé que nos deixou recentemente.

Mãe Omin: Aqui é a fachada do Ylê Axé Òpó Omim que se encontra aqui há 35 anos.

Lari: Essa foto é antiga mãe...

Mãe Omin: Ela é mais antiga, é mais antiga, só aquela lá que não pode

Lari: Só aquela que não pode, mãe.

Mãe Omin: É... se você quiser caçar uma outra foto, mostra pra mim, mas de Santo não, minha filha.

Lari: Sim, senhora!

Mãe Omin: Pode ser até assim, se está eu e Odé, ou Iyazinha ou aquelas três sempre da frente, você pode por, mas de Santo não!

Lari: Não mãe, eu não mostrei para ninguém.

Mãe Omin: Justamente por causa dessas histórias de marotice que tem, então a gente não aceita!

Lari: Sim, senhora minha mãe! Motumbá, minha mãe, acabou!

Mãe Omin: Acabou? Amém Jesus!

Lari: A senhora quer uma água mãe?

Mãe Omin: Pode desligar tudo aí!

Apêndice B

Transcrição na íntegra da entrevista realizada com o Vovô Hélio e a Vovó Ziza em Piraju, SP, no sábado de Páscoa de 2023 (08/04/2023)

Lari: O que que a senhora sonhou?

Vó: O que que eu sonhei?

Lari: É...

Vó: Que eu tava conversando com você, depois me perdi no assunto e... paramo com o assunto.

Lari: Vó, qual é o nome da sua mãe?

Vó: Julieta Nunes de Oliveira

Lari: E do seu papai?

Vó: Gabriel Rabelo de Oliveira

Lari: E o que que você lembra? Assim, eles faleceram faz muitos anos?

Vó: Faz bastante tempo... já! Faz!

Lari: E qual é a lembrança, assim, que você tem da sua avó...Da sua mãe!

Vó: Ah! Eu tenho boas lembranças da minha mãe, ela me ensinava muita coisa, o jeito que ela... a inocência dela, ela falava e contava coisas pra mim. Mas não assim tão declarado, ela enfeitava o negócio.

Lari: Enfeitava!

Vó: Enfeitava... é.

Lari: E ela morava onde, vó?

Vó: Morava em Manduri.

Lari: A senhora nasceu lá em Manduri, vó?

Vó: Nasci!

Lari: Manduri...

Vó: Nasci num sítio perto de Manduri

Lari: Num sítio!

Vó: Bairro das Araras!

Lari: Tá nervosa, vó? Não tá nervosa não, né?

Vó: Não..

Lari: O vô tá ali embolando os fios...

Vó: Eu tô ajeitando aqui...

Lari: *Tá bom vô, tá tudo certo... E vô, me diz o seguinte... é... Como foi a criação da senhora?*

Vó: Ah! A criação minha foi uma coisa assim... uma coisa muito, muito "ré, re" rígido, né? Ela queria ensinar muito bem, mas também tinha pouca leitura... E o que ela pode passar pra mim ela passou. E foi bom.

Lari: *Sua vô.... Sua mãe, ela sabia escrever vô?*

Vó: Sabia...

Lari: *E seu pai também?*

Vó: Também...

Lari: *E qual era a descendência deles, vô... Da onde que eles vieram? Eles vieram de Manduri mesmo... Eles eram filhos de portugueses, não é?*

Vó: De portugueses, é... Mas toda a vida que eu soube, eles moravam lá, onde moravam mesmo. Manduri mesmo...

Lari: *Manduri...*

Vó: É

Lari: *E vô, a senhora já era católica?*

Vó: Já! Nossa!

Lari: *Os seus pais eram católicos, vô... Como que era?*

Vó: A minha mãe era mais católica que meu pai. Ela pra ir numa missa, quando a gente morava no sítio, morava a 9 km e não perdia a primeira sexta feira do mês... Ela era uma apostolado de oração.

Lari: *Olha só! E vô... por acaso, morava no sítio não é?*

Vó: Morava no sítio.

Lari: *Tinha benzedeira, essas coisas, perto do sítio da senhora... parteira...*

Vó: Tinha, tinha tudo essas coisera!

Lari: *Tinha né? Porque não tinha médico, né, vô?*

Vó: Não! Não tinha médico.

Lari: *E a senhora já foi em uma benzedeira, alguma coisa assim, ou não?*

Vó: Que eu me lembre não... Mas eu lembro que trouxeram um benzedor uma vez pro meu irmão.

Lari: *O seu irmão, vô? Por quê?*

Vó: Ele tinha sido operado, de um tumor que ele tinha no intestino, em casa! Se já pensou, operar em casa.

Lari: *Ele foi operado em casa!*

Vó: E passou umas duas horas depois, começou a hemorragia. E daí chegou um homem em casa, pra saber o que tinha acontecido... Um vizinho e perguntou, e minha mãe contou: “Não sei o que eu faço, porque o José tá ruim lá na cama, hemorragia, já fiz tanta coisa e não passa”.

“Vai passar daqui a pouquinho!”, e ela disse “Por quê?”

“A senhora acredita em curado?” Aí ela disse assim: “Ah! nunca precisei, mas se acontecer eu fico acreditando né? “

Daí ele saiu, tava a cavalo e foi galopando, galopiando e foi pra casa desse benzedor. Não levou meio hora que ele chegou lá parou de sair o sangue... Agora o que foi não sei né...

Lari: *E a senhora, acredita, vó?*

Vó: Ah!, a gente ficou acreditando né, já pensou, de uma hora pra outra parar!

Lari: *Do nada!*

Vó: Do nada! Não trouxe remédio, não trouxe nada! Só sei que quando ele voltou ele perguntou: “como é que o José está?? E nós assim: graças a deus parou o sangue...”

Lari: *Aham... E vó, a senhora sabe mais ou menos o porquê, o seus, os seus pais nasceram aqui no Brasil, ou nasceram em Portugal?*

Vó: Não, foi no Brasil....

Lari: *Então foram os seus avós que vieram pra cá?*

Vó: É...

Lari: *A senhora sabe por que eles vieram para o Brasil, vó?*

Vó: Ah, não sei...

Lari: *Nunca falaram?*

Vó: Nunca falara, minha mãe, quando morreu a mãe dela e o pai dela, ela era muito pequena, ela tinha 4 anos e morreu a mãe dela, quando foi alí no último dia... na missa de sétimo dia morreu o pai.

Lari: *Nossa vó, do quê?*

Vó: Não sei!

Lari: *E os pais do seu pai? Os seus avós por parte de pai?*

Vó: Então eles viveram mais tempo... Morreu primeiro a mãe dele, chamava Palmira.

E depois passando muitos anos, meu vô casou 3 vezes.

Lari: 3 vezes!

Vó: 3 vezes, depois que ele morreu deixou a esposa.

Lari: E você chegou a conhecer esses seus avós?

Vó: Não! Essa última vó eu conheci...

Lari: Aham... só que não era sua avó de sangue?

Vó: Não! não era!

Lari: A sua avó de sangue já tinha ido...

Vó: já tinha ido há muito tempo

Lari: Aham...

Vó: Já era o terceiro casamento do meu vô né...

Lari: Nossa senhora! E, vó, deixa eu perguntar para a senhora. Quando vem a palavra para senhora, FAMÍLIA. O que é família para a senhora, vó?

Vó: Ah, família a gente tem que ter um respeito com a família né? Eu não conheci nenhum vô e nenhuma vó, mas eu via fotografia essas coisas, eu tinha respeito, né?

Lari: E... Você acha, vó, que a senhora carrega coisas da sua família, que já foi... assim tipo, da sua ancestralidade, a senhora acha que tem coisas que perpetuam, que passaram pros seus filhos, que passaram para os seus netos. A senhora acha, que vai passando coisas de geração em geração... assim como que a senhora acha? Ou conhecimento, ensinamento, o respeito... A senhora acha que vai passando de geração pra geração?

Vó: É mais ou menos, uma coisa a gente faz passar né, alguns filhos acreditam, outros não acreditam... Mas vai levando. (Risos)

Lari: E, vó, perguntar uma outra coisa para a senhora, o que é a fé para a senhora? Que a senhora também é católica, né, vó, o que é a fé para a senhora, vó?

Vó: Ah!, o que minha mãe ensinou, fé pra gente, é o respeito e o amor em Deus né? Tem as orações que a gente aprende a reza. Essas coisas né? Não fazer muita coisa errada, fazer uma coisinha errada de vez em quando, mas logo a gente percebe, né? As vezes faz sem perceber e a gente pensa, puxa né... fiz isso e tá errado..

Lari: E, vó, até que série a senhora estudou?

Vó: Até a quarta.

Lari: Até a quarta série...

Vó: Até a quarta série.

Lari: E depois...

Vó: Até o terceiro ano eu fiz no sítio. Depois eu fui pra cidade na casa da minha irmã e terminei a quarta série.

Lari: *A senhora gostava de estudar? Ou não muito?*

Vó: Eu não achava ruim não.

Lari: *Não achava muito...*

Vó: Não achava...

Lari: *E a senhora conheceu o vô com quantos anos? Quantos anos a senhora tinha quando conheceu o vô?*

Vó: Conheceu que vô, o vô hélio?

Lari: *Sim, o vô hélio*

Vó: Ah, tinha acho que uns... 18 anos, né, Hélio?

Lari: *18? E onde vocês se conheceram?*

Vó: Ah, na rua... ele já morava perto de casa, uma esquina pra cima da minha casa.

Lari: *Então vocês se trombavam na rua? É isso?*

Vó: É às vezes se trombava na rua mesmo.

Lari: *Lá em Manduri?*

Vó: É...

Lari: *Entendi, aí vocês casaram e a senhora tinha... quantos anos?*

Vó: 19

Lari: *19, e o vô 21...*

Vó: É...

Lari: *E hoje são quantos anos de casamento já?*

Vó: 64...

Lari: *64, vô!*

Vó: 64 anos!

Lari: *Nossa é tempo em vô e vô...*

Vó: É tempo... nós nunca brigamos.

Lari: *Nunca brigaram, vô? Nem assim... uma briguinha?*

Vó: Não! Às vezes fica com raiva uma coisa do outro... mas passa

Lari: *Mas passa, vô...*

Vó: Passa...

Lari: *E o que que a senhora... a senhora acha que isso faz a senhora estar tanto tempo junto é o quê?*

Vó: Ah, sei lá com a graça de Deus né, com o amor que a gente tem também... sempre reza junto né, acho que essas coisas..

Lari: *Vocês são companheiros desde sempre?*

Vó: Desde sempre, nunca ele era um homem de sair e largar eu sozinha, assim não!

Sempre junto, junto...

Lari: *Sim... sim... Sempre junto...*

Vó: Quando dava pra ir os dois ia, quando não dava...

Lari: *la só um..*

Vó: Não ia, ah! você não vai também? Às vezes as criança era tudo pequena, às vezes um tinha roupa o outro não tinha, que dava pra ir na festa né? A gente mandava um presente só e não ia...

Lari: *E vocês moravam em Manduri e depois vieram pra Piraju, por causa do trabalho do vô... né, vô?*

Vô: Sim!

Lari: *VÔ! Como é o nome do seu pai e da sua mãe?*

Vô: Meu pai se chamava Otávio Norberto de Menezes.

Lari: *E a vó? A mãe!*

Vô: Maria Gonçalves, e depois de casada, Maria Gonçalves de Menezes.

Lari: *Vô, me conta o seguinte: O vô Otávio e a Vó Mariquinha eram de Manduri também? De onde eles eram?*

Vô: Minha mãe nasceu em São João da Boa Vista. Na divisa. Do outro lado já é Guaxupé, Minas Gerais. Ela ficou órfã, e minha Vó veio morar aqui no Óleo (SP). Ela foi criada no Óleo. Tem a casa onde ela foi criada. Tem o Beco onde eles dançavam depois de adoloscende, jovem. (Risos).

Lari: *Existe ainda a casa, vô?*

Vô: (risos) Existe a casa. (Risos) Existe o Beco também (Risos).

Lari: *Aham!*

Vô: Tem o baile no Beco, todo sábado! Todo sábado tem o Baile do Beco! (Risos) É na rua!

Lari: *Então eles eram dançantes, Vô? Eles gostavam de dançar? De ir para as festas?*

Vô: Haaaa, gostavam! Sempre gostavam de dançar!

Lari: *Eles eram alegres, né?!*

Vô: Meu pai tinha um pé de valsa! (Risos). Ele tocava também, né?!

Lari: tocava o que, Vô?

Vô: Tocava violão

Lari: o senhor que tá tocando violão agora, né?! Eu to sabendo que o senhor está fazendo umas aulas!

Vô: É, né, to tentando aprender! Tá difícil, porque não tem tempo! (Risos).

Lari: também vive mexendo nas plantas!

Vô: Haaaaa, tem que cuidar do planeta, né?! Isso é culpa do Papa! Ele escreveu uma encíclica, dizendo que o mundo é a nossa casa e que temos obrigação de cuidar da nossa casa!

Lari: Sim!

Vô: O mundo é a casa comum de todos, então, por conta dessa advertência do Papa, eu levo a sério! E faço o meu melhor! Aí na frente é cheio de flores, o jardim é cheio de flores, nas entradas da cidade tem prantas, tanto de Manduri como de Piraju! (Risos)

Lari: e é o senhor quem cuida?!

Vô: Eu quem cuido! De vez em quando eu vou lá (nas entradas de Piraju e Manduri), por água, por uma estaca, pra pessoa vê, né, pra destacar! (Risos)

Lari: aham! E faz tempo que o senhor faz isso, vô?

Vô: Como eu disse pra você: eu fazia sem ter um objetivo, fazia por mim, né?

Lari: Aham!

Vô: Depois que eu li essa encíclica, eu achei que eu deveria fazer para a minha casa comum, o mundo! Aí eu comecei a fazer, em todos os lugares! Prantar as flores lá, tudo florido, cuidar da natureza, combater a dengue,

Lari: ta feio a dengue, né, Vô?

Vô: eu criei meus filhos em cima do rio lá, então, tudo que eu vejo que vai ser conduzido de enxurrada e levado pro rio, eu não deixo. Eu levo uma sacola, encho, até o Miguel, às vezes ele vem aqui e ele me ajuda! (Risos) Vamo catando, colocando na lixeira, nosso prefeito é muito caprichado, colocou lixeira em tudo lugar da cidade, colocou tambores, a gente conserva tudo isso em ordem.

Lari: Sim! Vô, o senhor gosta de caminhar, né?

Vô: caminhava muito...

Lari: hoje caminha menos, vô?!

Vô: eu caminhava uma média de 20 a 25 km por dia, vai acabar com as minhas articulações mais tarde! Eu tô magrinho, mas não tenho mais articulação, então, eu ia acabar ficando doente! Aí, eu passei a caminhar menos, caminho 3 a 4 km por dia no máximo!

Lari: *E, vô, me conta um pouquinho... quem era o seu pai, vô? Quem era o Vô Otávio!*

Vô: (emocionado) O Vô Otávio pra mim era um herói, super pai! Super pai, porque o meu pai. A cultura dele, como você vê nas escritas, é pouca, né? Mas ele tinha aqueles livros do Monteiro Lobato, a coleção né, ele pegava o livro: “senta aí. Lê pra mim!” A gente ia lendo. Tinha aquelas palavras mais difícil, o vocabulário era pequeno. Que palavra é essa? Era isso, e não sei o que. E nem eu nem ele sabia, aí ele comprou um dicionário. Ele comprou um dicionário ilustrado, prático de Jaime de Séguier, nós encontrava uma palavra que não tinha vocabulário, pagava o dicionário e destrinchava! (risos)

Lari: *e o senhor aprendeu a ler e a escrever em casa com ele mesmo, ou na escola, vô?*

Vô: com ele fez força para aprender em casa, mas não, não aprendi! O que ele conseguiu ensinar não satisfiz, porque, ele não tinha uma cartilha para ensinar, se ele comprasse uma cartilha, que seria usado depois na escola, seria mais fácil! Mas eu cheguei na escola, me lembro ainda, em 1944 e fui escrever meu nome lá em cima e acabei lá embaixo, na diagonal (risos).

Lari: *(risos) A linha era um pouco difícil, vô? A linha era curva né?*

Vô: Tinha ainda aula de caligrafia, caderno de caligrafia, pra você fazer a letra certinha, na linha, tamanho certo, com as pernas da letra certinho, no comprimento, não passar, nem diminuir. Mas, aprendi bem, né?!

Lari: *Aprendeu, vô?*

Vô: Aprendi! Depois, como eu disse para você, aquela maneira dele fazer a gente ler para ele ouvir, a gente se esforçava, a gente chegava e tinha que dar conta do recado, né?!

Lari: *Sim!*

Vô: Então, ele fazia as perguntas dele. Até um dia ele perguntou: “o que você aprendeu na escola?” Eu respondi que aprendi sobre as estações do ano, quantos dias tem o ano, e ele: “quantos dias tem o ano?” Tem 365 dias, “tá faltando alguma

coisa: 365 dias e 6 horas. Cada 4 anos tem um dia a mais! É o ano bissexto!”
(risos).

Lari: *Exigente!*

Vô: Esforçado! Ele fez um pomar no nosso sítio, você olhava assim, era igual a lavoura de café: dava linha de todo o lado, tanto na horizontal, na diagonal, qualquer uma delas, você olhava assim e... tudo certinho! Ele colocou ainda as frutas, que os pés eram mais perene, que morria, e não dava falha. Mesmo número de plantas porque já tinha uma árvore junto com o limão galego, caso ele vir, cessar o seu ciclo produtivo! (Risos)

Lari: *Sim... E vô, me diz o seguinte: o Vô Otávio, ele nasceu onde mesmo?*

Vô: Itabira de Mato Dentro, Minas Gerais.

Lari: *Minas Gerais! E vô, ele veio para cá, por que, vô? O senhor sabe? Ele veio com a família ou ele veio sozinho?*

Vô: Não, ele veio com a família. Ele tinha 6 anos! Aí o meu avô... hoje com as coisas, com a história de ter pessoas na família que tão fazendo a árvore genealógica, descobriu muita coisa que era fantasia! Que às vezes, histórias de família, as pessoas enfeita! (Risos).

Lari: *E o que aconteceu, vô?*

Vô: Dizia que ele tinha uma casa, meu avô, uma casa Grande com Senzala, que a casa era tão grande que um dia as crianças saíram com luz de lamparina pela casa e uma certa altura o fogo virou na roupa e uma irmã morreu queimada! Então, contava essa história! Aí, vendo esse parente que escreveu a árvore genealógica, aí não, é que foi assim, assim, assim... ele escreveu antes de Otávio, e depois de Otávio! Essa pessoa que morreu queimada, não existiu! (Risos)

Lari: *não existiu?*

Vô: Não existiu! Era fantasia da família! Não sabia como explicar, então, fizeram uma fantasia!

Lari: *Olha só, Vô! O vô, me diz o seguinte, é... mas essa história da Casa Grande com a Senzala, existiu, ou não existiu?*

Vô: Segundo este parente que... tá morando em Londrina, sua mãe até conheceu ele lá, trabalhou com ele um pouco. O pai era motorista da... do... viatura que levava do trabalho pra cá e pra lá!

Lari: *Olha vô! Vou perguntar para a mãe! Não sabia disso não! E aí?*

Vô: A gente tava parado aonde?

Lari: Não... essa história da Casa Grande e da Senzala, existiu ou não existiu?

Vô: pois é, ele disse que não existiu!

Lari: Não tinha Casa Grande nem Senzala? Tinha uma casa grande, naquele tempo, todas as casas eram grandes, a casa que a dona Ziza nasceu, por exemplo, era muito grande!

Lari: Sim...

Vô: Tinha a casa em cima, e embaixo um porão grande, onde guardava charrete, carroça, os animais também pousavam ali embaixo! (Risos).

Lari: Sim...

Vô: Então, era tudo grande. Teve a Casa Grande, só que da árvore genealógica, tinha algumas coisas da família, que foi fantasia!

Lari: Entendi! Mas, o vô, isso por parte do Vô Otávio?

Vô: É!

Lari: que veio de Minas. Essa parte do Vô Otávio, que veio de Minas, eles eram, a Casa Grande, ou a Senzala? Eles eram os brancos, ou eles eram os negros? Isso que eu não entendi, Vô!

Vô: Haaaaa, bom! Teve uma miscigenação muito grande! Vê o cabelo seu, né? (Risos)

Lari: O meu cabelo, né vô?

Vô: A marca da raça negra ficou. Então, aquele tempo eu acho que era muito comum, as pessoas de maior posse, ou de melhor posse, terem uma empregada, e essa empregada, normalmente era uma servidora, uma colaboradora “de cor”. Certo? Então, houve uma miscigenação que até hoje, por exemplo, eu tenho um tio que é preto, Tio Altivo, né, bem?

Vô: aham...

Vô: o nome dele é Altivo Orgulhoso! (risos)

Vô: já morreu!

Lari: Altivo Orgulhoso?

Vô: o nome da pessoa é Orgulhoso?! (risos) O tio Altivo, realmente, era negro. Aí depois, veio o tio Jaime, era Negro Aço! Era a pessoa que tinha tudo de negro, mas é moreno, o olho era verde!

Vô: o cabelo dele era... (gesto para cabelo Black Power).

Lari: e o Vô Otávio? Ele era branco, era negro...

Vô: o vô Otávio... conforme tem aí a caderneta de reservista, ele era moreno, dos olhos verdes, tinha uma cicatriz no rosto, certo? Isso para exame militar!

Lari: *Sim...*

Vô: barba raspada, nunca usou bigode...

Lari: *nunca usou? Só o senhor, então? O vô sem o bigode não é o vô, né, vô?*

Vó: não!

Lari: *então, vô, ele era moreno?!*

Vô: Moreno, olhos verdes.

Lari: *a sua avó... a parte afrodescendente veio do seu avô ou da sua avó?*

Vô: veio do meu avô! Minha avó nasceu em Minas, né? Ela nasceu em Itabira de Mato Dentro, hoje tem pirajuense que mora lá e trabalha no cartório, e relatou pra nós aqui que tem, dos acentos que tem lá, 80% mais ou menos, é Menezes. É uma família muito grande! Então, minha vô se chama, se chamava Eugênia Andrade que mais tarde casa, ficando Menezes, certo? E ela era prima do Mário de Andrade.

Lari: *olha só!*

Vô: na verdade, ele é itabirito também!

Lari: *nossa vô, é... que legal! A sua vô?*

Vô: minha vô!

Lari: *e seu vô? Era da onde, vô?*

Vô: dali mesmo! Nunca fizeram menção que ele era de outro lugar! E já vieram pra cá! Estava com 6 anos o meu pai, ele pegou a família toda e veio, tinha um certo recurso e comprou um sitinho aqui, no município de Óleo, que aquel tempo pertencia a Santa Bárbara do Rio Pardo, SP, e ali fez uma casinha, levantou uns pézinhos de café e nós fomos criado ali! Casou e ficou ali mesmo, depois meu tio Altivo fez a mesma coisa: casou e ficou ali mesmo, e a área era pequena, até que chegou a um ponto e começou a haver discórdia entre os dois irmãos, e o meu pai emprestou o dinheiro de um amigo e comprou um sitinho de um senhor que era o meu padrinho! Eu nunca descobri, minha mãe nunca soube explicar se era padrinho de crisma, de batismo, do que que era! Chamava José Godinho. Chamava de Tio Jué! Aí quando começou a desenvolver o norte do Paraná, ele foi embora para lá! Ele pôs o sítio à venda, 5 alqueires de terra, e meu pai foi e comprou!

Lari: *cultivava tudo? Vendia?*

Vô: tinha uma carrocinha e vendia e naquele tempo, Manduri era tudo ferroviária, nas casas tinha pé de fruta, mas só que ele chegava para vender, aquela criançada,

e ele agradava a criançada. Ele parava a carrocinha lá, e não vinha ninguém comprar. Aí vinha seu filho, ele descascava uma laranja e dava. Vinha o outro lá e descascava a laranja e dava e as mãe viam, né? Aí ficavam tocadas, na consciência pegavam uma bacia e “seu Otávio, me dá meio kg de laranja!”

Lari: *ele era esperto! Com as crianças para ganhar os pais!*

Vô: aí, ele consegui a vender as laranjas! (risos) E quando não vendia, ele dava!

Lari: *vô, me diz uma coisa. Vocês são em quantos irmãos?*

Vô: 10!

Lari: *da vó também era 10, né?*

Vó: era!

Lari: *igualzinho! Na ordem, o senhor é qual?*

Vô: Deixa eu contar a ordem: era Erasmo, Francisco, Floriano, Eugênia, Norberto, faleceu, depois vem Hélio.

Vó: sexto!

Vô: sou o sexto filho!

Lari: *vô, o senhor é muito católico, né? Veio de sua família, do seu pai, da sua mãe a religião? Como é que veio a religião em sua vida?*

Vô: a parte... a função religiosa nossa, veio da busca! Eu comecei a buscar.

Lari: *sozinho?*

Vô: eu só sabia que um dia meu pai se vestiu de anjo. Em uma festa ele se vestiu de anjo! Eu não sabia onde. Mas só esse feito religioso, meu pai dizia que fez, mais nada! Não falava nada! Não dizia nada! Ai eu fui buscando, fui buscando, fui buscando, e fiquei... não sou muito religioso, não existe muito (religioso), por mais que seja religioso, a gente pratica a religião! Não tem ninguém muito religioso! Nem o padre é muito religioso! (Risos).

Lari: *entendi! Então o senhor descobriu na sua vida, não veio de família, vô?*

Vô: Não não! Aconteceu o seguinte, eu vou explicar para você! A história é meio comprida! Posso contar?

Lari: *pode! Eu tenho tempo e o senhor?*

Vô: tenho! Até 1954, eu só tinha sido batizado, crismado e feito a Primeira Comunhão. Nunca mais eu voltei para a Igreja! Ai, tinha lá os colegas de trabalho, “ó Hélio, vai na Igreja!” Eu não vou na Igreja! Não quero saber de Igreja! Aí em 54, a nossa paróquia de Manduri, pertencente a diocese de Botucatu, e deu certo que os

missionários portugueses, conduzindo a imagem de Nossa Senhora de Fátima, fizeram uma visita na nossa diocese. E visitaram paróquia por paróquia! Certo?

Lari: certo!

Vô: então, visitando Piraju, Manduri na verdade, que se deu em 1954, eu fui tocado! Deus quem chama, né? Aí Deus me chamou! Eu fui com entusiasmo! Nos bailes, eu dançava bastante, quem me ensinou ta vivo ainda em Manduri, eu quero visitá-la. Era uma valsa, e ela falou, como é que se dança uma valsa? “Junta areia, Hélio!” (Risos). Então, eu estava trabalhando, tinha acabado de reformar uma “Baratinha”, a “Baratinha” é um Fordinho, esse era (19)31, que tinha atrás um pneu, externo; depois tinha dois lugar, né?! E eu tinha reformado ela! Tinha deixado bonitinha! Não me lembro o proprietário, acho que era o Tássio Freitas. Chamava Tássio Freitas! Ai eu ia entregar ela naquele dia. Dei uma volta na rua, voltei pra oficina e voltei pra dentro, fiz mais alguma coisinha que tinha que fazer, aí veio o meu patrão e pegou a Elizabeth, o pneu, que era a traseira, e foi afastando pra eu dirigir. Aí quando chegou na porta, eu encostei o lado direito no batente da porta! Aí, amassou! Eu tava querendo ir na chegada da imagem, e eu lá batendo o martelinho de funileiro, deixando em ordem pra poder ir depois que passasse a chegada da imagem, eu ia ali continuar o serviço! Então, eu cheguei lá! Cheguei lá onde tava concentrado o pessoal esperando e já veio, tava um pequeno chuvisqueiro, eu tava com o guarda-chuva aberto, já tinha uma menina do lado, do outro, “desculpa, bem, hoje eu vim aqui para outra coisa!” Deixei elas lá tomando chuva e fui lá para a frente! (risos). Aí, começou as pregações, teve a procissão, foi pra Igreja, e começou a pregação dos missionários! Ele ia falando lá, eu ia agachando aqui! Pensei que ele falava pra mim, esse cara conhece eu! (risos). Às vezes a minha vocação era crescer, ficar maior, para ser um Don Juan!

Lari: e o que é isso?

Vô: Don Juan é... buscar a mulherada! (risos)

Lari: Aaaaaaa!

Vô: Mas veja bem, já tinha já algo de diferente: primeiro crescer, ser responsável, pra depois ir... nada disso aconteceu! Nada disso aconteceu, porque naquela pregação alí, vai, vai vai, eu acabei indo em todas as pregações, e quando chegou dia de vir para Piraju, a imagem de lá (Manduri), vinha para cá (Piraju), em um caminhão! Naquele tempo não tinha exigência nenhuma com o transporte de pessoas, sem banco, sem nada, né?! Subia em cima o que cabia, cabia! Um

segurava no outro, e aquele monte! E chegamos aqui (Piraju) e teve o sermão. O pregador falou: “olha, vocês acompanharam, vieram até aqui, agora eu quero ver qual de vocês tem a coragem, de prometer a Nossa Senhora de Fátima, que vai rezar o terço todos os dias! (Silêncio). Aí, eu prometi! Pra mim rezar o terço, tenho que ir na Igreja, né?! Aí, voltando (para Manduri), eu falei com... eu vou entrar na Congregação Mariana, aí eu cheguei lá e falei com o presidente que estava naquela época: viu, eu queria, eu comecei a rezar o terço, acompanhar a Igreja, posso entrar? Ele me respondeu: “você não serve nem para varrer a Igreja!”.

Lari: *Nossaaaa!*

Vô: ele falou desse jeito para mim! Que delicadeza, né?! Por que o que ele pensavam, né, eu não ficava em Manduri. Ou eu estava em Bernardino, ia nos bailes da Barra Funda, que era ferroviário, ou estava em Cerqueira César.

Lari: *também nos bailes?*

Vô: nos bailes!

Lari: *aham!*

Vô: eles achavam que eu ia em Cerqueira e em Bernardino, porque eu ia nos prostíbulos! Nessas duas cidades tinham! Eu nunca entrei em um prostíbulo! Um dia eu entrei em um prostíbulo pela porta e pulei pela janela! (risos).

Vô: a muié era muito feia, será?

Lari: *feia ou ficou com medo, vô?*

Vô: a consciência. Aí eu voltei. Aí, passado uns meses, mudou o presidente. Ele soube disso e chamou eu. “Hélio, vem cá! Você queria entrar na Congregação e eu disse, você não serve nem para varrer a Igreja. Você serve muito mais que isso! Entra aqui!” Acabei de entrar, dali 3 meses, teve uma eleição já e eu fui pra presidente já!

Lari: *olha só!*

Vô: da Congregação! Mas só quando chegava na Igreja, entrava na Igreja, e do lado direito do átrio, tinha uma janela, com vitrô, que a gente sentado lá esperando a hora de começar a missa, a gente escutava de fora, certo? Ai eu sentadinho ali, e gente com ciúme, por eu ter sido eleito com 3 meses de caminhada na Congregação Mariana, presidente! Aí um falou para o outro, e perto estava o sacristão que é o Ernesto, não é Ernesto, como chamava? Era Domingos (inaudível), ele falou assim: “pois é, o pessoal não sabe escolher! Puseram de presidente da Congregação o Hélio! O Hélio não sabe nem rezar o terço!” Eu até

arrepiei lá dentro! E o sacristão: “não não, o Hélio reza o terço!” Alí antes de começar a missa, esse senhor veio com um livrinho, dos próprios missionários, né, de Nossa Senhora de Fátima e veio com o terço na mão e dava para um, para uma pessoa, ou para outra, né? Chegou e deu para mim! Ai! Alí tremia a mão! Tremia a voz, tremia tudo! Mas rezei! Sabe o que eu fiz depois? Eu fiz igual o baiano que veio da Bahia e foi ser taxista em São Paulo. O cara: “me leva em tal lugar!” Alí fechou a porta do táxi, e “como é que vai lá?” “O baiano, você saiu de lá pra ser taxista sem saber nada? Se eu soubesse ir lá eu ía assim, sem táxi! Alí ele ficou tão machucado com aquilo, não falou nada, se virou e foi. Comprou o Guia São Paulo e decorou o Guia! (Risos). Óia, eu decorei todos os Mistérios. São 15 Mistérios o Terço, tem o Rosário, né. Rosário de Nossa Senhora, naquele tempo, hoje tem 20, naquele tempo tinha 15. João Paulo II colocou mais 5 Mistérios, deu nome de Luminosos, então, com o livinho alí, tinha que ler, né?! Era só ler e falar! Mas sofri! Alí, peguei, decorei, os 15 Mistérios; hoje os 20; decorei Ladainha; decorei tudo! (Risos)

Lari: *Nossa!*

(Risos)

Vô: as velinhas gostavam! “O Hélio quando reza dá gosto! A gente escuta o que ele fala!” (Risos). E assim foi a caminha, né?! E graças a Deus... até quando nós... nós fomos no Óleo, 6 de agosto, quando foi aquele ano, Bem?

Vô: eu nem lembro mais!

Vô: nós casamos em 58, acho que foi em 56. Alí a gente foi no Óleo, a gente foi de caminhão, com a Congregação Mariana e Filhas de Maria. Naquele tempo não era Filhas de Maria, mas embarcou junto, né?! Alí, chegando lá, a gente já rezou o terço na Procissão, aquela coisa toda, né?! Alí, com essa caminhada aí, a gente por tá sempre na Igreja, eu encontrei o Senhor Eugênio, que me levou para frente, para trazer até Piraju essa coisa toda! E assim foi! Então, se você perguntar: “o que é a fé para o senhor?” (Risos)

Lari: *o que é a fé para o senhor, Vô?*

Vô: A fé... ela não tem assim... uma... definição de fé, certo? A verdade é que nós, nós todos vivemos pela fé e não percebe! Não sabe! Se você não tiver fé, você não vive! Porque nós somos seres gregários, vivemos juntos, então, você tem que ter fé nela, tem que ter fé em mim, tem que ter fé nela, e não sabe que isso é fé! Você acredita, certo? Você encontra outra pessoa no ônibus, aí te oferece um lugar, você acredita! Você toma um táxi, para te levar em um lugar em São Paulo que você não

conhece, em parte, você acredita! Isso é fé! Fé é acreditar, em algo que não se vê!
Certo?

Lari: *E o senhor acha que existe outras maneiras de fé? Outras manifestações de fé, Vô?*

Vô: é como aquela passagem de Jesus: que os apóstolos chegaram e disseram que encontraram pessoas fazendo igual eles faziam, né? E não eram do grupo. Ele falou: não, não, deixa eles! Vamos somar e não dividir! Deixa eles. Eles estão fazendo em nome, em meu nome, e que continue fazendo, louvado seja o Pai!

Lari: *Sim!*

Vô: certo?

Lari: *E vô, o que o senhor acha... assim... né... Você acha que a questão da ancestralidade continua na vida do senhor? Que continua na vida dos seus filhos, o que era um pouquinho dos seus pais; tá um pouquinho no senhor; um pouquinho nos seus filhos, nos seus netos... você acha que vai passando, vô? Como é que o senhor acha?*

Vô: não só passa os ensinamentos práticos, em relação a vida social, a vida religiosa, política, tudo, como também passa até traços genéticos, anomalias. Na nossa família ela (a vô), tem uma anomalia genética, de dedo, pegou todo mundo! eu acho que até você já tem qualquer coisa...

Lari: *eu não tenho!*

Vô: não?

Lari: *essa anomalia aí, não! Os dedinhos são retos, vô! A Adalgiza (Vovó Ziza) não tem a falange ali, não dobra! Então, quase todos ele tem! Até alguns nasceram com 6 dedos. A Ana Karla teve que amputar um dedo aqui, o filho desse moço que teve aqui hoje, Reinaldo, teve que amputar também, né? Aliás, o irmão dele! O Cicinho, né Bem?*

Vô: é!

Vô: e na família tem uma porção lá... lá em Assis, tem uma porção de primos dela com... com...

Lari: *seu dedinho a mais? O Miguel, né?*

Vô: não... não... com uma deficiência, com uma falange a mais, ou duro (Risos), ou torto...(risos).

Vô: uma vez a gente foi num almoço, num jantar, lá em Assis, uma tia, e esse primo é muito gozador, “vocês querem ver uma coisa que eu vou fazer?” O que você vai

fazer? Todas as parentada. “Eu vou chamar todos os parente que tem dedo torto” Chamou, né? Acho que tinha uns 10, né, Hélio?

Vô: É!

Vô: e meu pai falava que era do lado da minha mãe! “É da sua família!” Modo de dizer, né? Mas não era nada, era do lado da família dele!

Lari: *olha só! Era da dele então?*

Vô: era da dele! Era! Você já pensou?

Lari: *então, os dedos tortos, os dedos a mais, é tudo culpa do meu bisavô por parte de vó? (risos). Tudo culpa do bisavô por parte de vó!*

Vô: (risos), é...

Lari: *e deixa eu fazer uma última pergunta, vô:*

Vô: uhum...

Lari: *o senhor, com toda essa mistura, miscigenação, branco, negro, o senhor se considera uma pessoa uma pessoa branca, morena... qual que... o que o senhor se considera, vô?*

Vô: eu sou uma pessoa clara, né, até sou claro de mais, até que tenho tantas lesões na pele, né?! Porque sou claro demais! (Risos). certo? Mas eu considero... que eu sou um afrodescendente! Certo?

Lari: *o senhor se considera um afrodescendente?*

Vô: eu sou um afrodescendente! Sou um afrodescendente. Se eu voltar a árvore genealógica, eu vou achar onde é que caiu, onde é que entrou essa parte afro, lá em Minas! (Risos).

Lari: *eu não entendi, vô, veio por parte de pai ou de mãe?*

Vô: por parte de pai! A minha mãe... ela... os pais dela, nasceram lá em... na Espanha! Como é que chama o lugar lá? O lugar tem até um time de futebol famoso!

Lari: *Barcelona?*

Vô: isso, Barcelona! Vieram de Barcelona, né, e acabaram morando lá, como eu disse para você, em São João da Boa Vista e depois de lá ela perde o pai, ai a minha vó veio com ela novinha ainda pro Óleo, e arrumou um outro... companheiro, cujo nome era igual ao outro. Só que lá era Eugênio Gonçalves e aqui era Antônio Gonçalves! (Riso).

Lari: olha só! E vô, o senhor acha que dessa parte que o senhor... se considera um afrodescendente, o que o senhor acha que tem de característica, vô? É física, é social, como que o senhor considera essa característica afrodescendente no se...

Vô: o cabelo!

Lari: cabelo, vô?

Vô: o cabelo é a característica mais marcante que todos vão levando! Veja dos meus netos, quem que tem o cabelo liso?

Lari: neto? Ninguém! Cabelo liso, neto? A Ana Karla!

Vô: o da Ana Karla é mais liso... o João Marcos... Agora o resto tudo tem! Olha só o da sua mãe que passou em vocês duas, né? A Aldaisa...

Lari: nas duas filhas...

Vô: espicharam o cabelo, estragaram já, mas as duas filhas... e assim vai indo do modo geral, né?

Lari: sim! Obrigada, vô e vó! Obrigada!

ANEXO

Parecer consubstanciado do CEP



CONSELHO DE ÉTICA EM
PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Cartografia de Terreiro

Pesquisador: LARISSA DE MENEZES ALVANHAN

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 73518823.7.0000.5231

Instituição Proponente: CECA - Mestrado em Comunicação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.298.503

Apresentação do Projeto:

"Pretendemos pesquisar, analisar e estudar as imagens do acervo histórico da Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ylê Axé Ôpó Omin, zona Norte de Londrina, PR, em uma perspectiva Warburguiana do "Atlas Mnemosyne". Pensaremos, então, a imagem enquanto representação e manifestação da vida em movimento. O Ylê Axé Ôpó Omim foi fundado em 17 de dezembro de 1988 por Mãe Omin, Iyalorixá com origens Tupi- Guarani e Nagô. É uma das Casas de Candomblé mais antigas de Londrina, em atividade contínua na cidade há quase 33 anos. O fator tempo e suas variações culturais dentro dos saberes e costumes afro-brasileiros das comunidades de terreiro narram os fundamentos de continuidade de suas existências, firmemente ancorados nos ritos de tradição oral preservados por séculos de história nesses territórios. É pelo tempo e através dele que se constrói a base hierárquica de uma comunidade de terreiro. Deste modo, pretendemos pesquisar e analisar as milhares de imagens impressas, em negativos filmicos e digitais que compõem esse acervo histórico, a fim de questionar, friccionar e interseccionar a ideia da "Pathosformel" de Aby Warburg com as imagens religiosas do Candomblé. O Ylê Axé Ôpó Omim, que em tradução livre quer dizer templo religioso sustentado pelas águas, é uma comunidade de terreiro de Candomblé, Nação Ketu, situado na periferia da região norte de Londrina. Se compararmos seu tempo de fundação, tem mais de 1/3 de idade da cidade. Liderado por Mãe Omin, Iyalorixá e Iyalodê com expressiva atuação social, política e cultural em todo o estado do Paraná, o Terreiro carrega uma missão de continuidade através das figuras de sua filha, Iyákekerê

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

CEP: 86.057-970

E-mail: cep268@uel.br



Conselho de Ética em
Pesquisa Envolvendo
Serres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 6.298.503

Mãe Odé e sua neta, Iyáegbé Iyázinha de Oxum. Atribuindo um legado ancestral biológico passado de mãe para filha e de filha para neta, o qual é uma tradição familiar presente em diversas comunidades de terreiro espalhadas por todo o país. Tal feito remonta os mitos e ritos de tradições iorubás trazidas pela diáspora africana ao Brasil, ressignificadas pela ação do tempo e pelas mudanças na construção social brasileira, porém vivas e contínuas até os dias de hoje. Esse projeto aborda aspectos ligados às noções de tempo, continuidade e manutenção de saberes ancestrais de uma das casas de Candomblé mais expressivas do Paraná, em termos de raízes hierárquicas que remontam séculos de história das religiões de matriz africana no Brasil, através do estudo comparativo das imagens do acervo histórico e do "Atlas Mnemosyne" e a ideia de "Pathosformel" de Aby Warburg."

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Criar uma cartografia de terreiro do Ylê Axé Opó Omim a partir dos conceitos da "Nachleben" e da "Pathosformel" de Aby Warburg a fim de construir uma Ciência da Cultura de uma comunidade, utilizando para isto imagens.

Objetivo Secundário:

- estudar os trabalhos desenvolvidos por Aby Warburg em torno da "Ciência da Cultura", da "Nachleben" e da "Pathosformel";- estudar e analisar trabalhos escritos por outros autores sobre Aby Warburg;- identificar, descobrir e analisar ensaios, livros, teses e artigos sobre o Candomblé no Brasil;- analisar as imagens do acervo histórico do Ylê Axé Opó Omim em uma perspectiva da imagem enquanto manifestação da vida em movimento, a partir do conceito de Pathosformel e Nachleben de Aby Warburg.- descobrir, identificar, levantar as imagens em vídeos, vestimentas, escritas, impressas e digitais, que compõem o acervo histórico da Comunidade Tradicional de Matriz Africana;- descrever, indicar, apontar as características destas imagens que constroem a história visual de continuidade e manutenção do Candomblé enquanto uma religião ancestral na cidade de Londrina;- analisar e explicar como as imagens religiosas do Candomblé no Ylê Axé Opó Omim referem-se a uma concepção histórica atemporal.- identificar e descrever através de imagens as memórias e identidades da comunidade."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

"Riscos:

Os possíveis riscos nessa pesquisa são mínimos, visto que a pesquisadora é filha de santo da entrevistada há quase quatro anos, ao qual o respeito à hierarquia e à tradição são os princípios

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR **Município:** LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

CEP: 86.057-970

E-mail: cep268@uel.br



CONSELHO DE ÉTICA EM
PESQUISA ENVOLVENDO
SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 6.298.503

básicos na condução desta entrevista. No entanto, se houver qualquer risco físico, moral, cultural com a entrevistada, a pesquisadora se responsabilizará em amparar a entrevistada.

Benefícios:

Através da entrevista realizada com a Mãe Omin (Terezinha Pereira da Silva), será possível termos o relato dela enquanto matriarca e líder religiosa da Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ylê Axe Opó Omim sobre relações acerca da história da comunidade e sobre o acervo histórico de Candomblé."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para a obtenção de informações que poderão auxiliar na compreensão do assunto proposto. O projeto apresenta relevância social e científica devidamente justificados, os materiais e métodos empregados são pertinentes aos objetivos da pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

QUANTO À FOLHA DE ROSTO:

- A folha de rosto contém a assinatura do pesquisador responsável;
- Contém a assinatura do responsável pela instituição onde se realizará a pesquisa - Programa de Pós Graduação em Comunicação.

QUANTO AO TCLE:

- Não foi apresentado.

QUANTO AO CRONOGRAMA:

- Está adequadamente descrito, indicando cada fase do estudo; - A coleta de dados está prevista para o período de 11/10/2023.

QUANTO AO ORÇAMENTO:

- A pesquisa apresenta o orçamento com valor R\$ 127,60.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE CESSÃO DE ENTREVISTA

- Termo assinado pela matriarca da Comunidade Tradicional de Matriz Africana Ypê Axé Opó Omim

Recomendações:

Não há.

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Telefone: (43)3371-5455

Município: LONDRINA

CEP: 86.057-970

E-mail: cep268@uel.br

Continuação do Parecer: 6.298.503

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Prezado(a) Pesquisador(a),

Este é seu parecer final de aprovação, vinculado ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina. É sua responsabilidade apresentá-lo aos órgãos e/ou instituições pertinentes.

Ressaltamos, para início da pesquisa, as seguintes atribuições do pesquisador, conforme Resolução CNS 466/2012 e 510/2016:

A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe:

- conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido;
- apresentar dados solicitados pelo sistema CEP/CONEP a qualquer momento;
- desenvolver o projeto conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção;
- elaborar e apresentar os relatórios parciais e final;
- manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa;
- encaminhar os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores e pessoal técnico integrante do projeto;
- justificar fundamentadamente, perante o sistema CEP/CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Coordenação CEP/UEL.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2184796.pdf	08/09/2023 18:40:07		Aceito
Outros	Roteiro_para_entrevista.pdf	08/09/2023 18:39:00	LARISSA DE MENEZES ALVANHAN	Aceito

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

CEP: 86.057-970

UF: PR

Município: LONDRINA

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br



Comitê de Ética em
Pesquisa Envolvendo
Serres Humanos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
LONDRINA - UEL



Continuação do Parecer: 6.298.503

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_relato_de_caso_01_assinado.pdf	08/09/2023 18:36:13	LARISSA DE MENEZES ALVANHAN	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_cartografia_de_terreiro.pdf	26/08/2023 18:26:33	LARISSA DE MENEZES ALVANHAN	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_autorizacao.pdf	26/08/2023 18:26:01	LARISSA DE MENEZES ALVANHAN	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	26/08/2023 18:06:55	LARISSA DE MENEZES ALVANHAN	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LONDRINA, 13 de Setembro de 2023

Assinado por:

Adriana Lourenço Soares Russo
(Coordenador(a))

Endereço: LABESC - Sala 14

Bairro: Campus Universitário

UF: PR

Município: LONDRINA

CEP: 86.057-970

Telefone: (43)3371-5455

E-mail: cep268@uel.br